

3148  
LUZIA

# CARTAS D'UMA VAGABUNDA

... Car si le monde est affligé  
comme éuygme, il est  
encore assez divertissant  
comme spectacle.

JC. ES LEMAITRE.



PORTUGALIA

EDITORA

75, R. DO CARMO, 75

LISBOA







Lo  
28839

CARTAS D'UMA VAGABUNDA



1.º q. 20.

4.5- 1926



LUZIA

Juiz 2493.

N.º 22961

# CARTAS D'UMA VAGABUNDA

... Car si le monde est affligé  
comme énigme, il est  
encore assez divertissant  
comme spectacle.

JULES LEMAITRE.

LIBRARY OF THE  
BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA



PORTVGALIA

EDITORIA

75, R. DO CARMO, 75

LISBOA





Lisboa — Avenida Palace,  
22 de Dezembro de 192...

A minha vida é uma longa carta, dizia Horace Walpole. E, no seculo em que, com mais encanto e graça, se praticou a deliciosa arte epistolar, *commerce de lettres*, como então se chamava, foi elle sem duvida, um dos mais brilhantes, infatigaveis, espirituosos e... besbilhoteiros — não ha missiva verdadeiramente interessante sem um boccadinho de besbilhotice — epistolographos.

A julgar pelo numero dos seus cõrrespondentes — desde Voltaire e Madame du Déffand até aquella adoravel duqueza de Choiseul — e pelos volumes de cartas que tantas vezes têm feito as nossas delicias, facilmente se acredita que esse excentrico inglez passasse todo o seu tempo a escrever.

Attribues-me tu a mesma exclusiva occupação. Pretendes que, como a vida de Walpole, a minha se resume em uma longa carta. E não deixas de ter razão. Desde sempre eu cultivei com enthusiasmo os prazeres da correspondencia. Lembro-me que, muito pequena ainda, mal sabendo traçar as letras, ficava horas, applicada e grave, de lingua

de fóra, bem entendido, a encher de garatujas e borrões de tinta todos os boccados de papel que apanhava. E tudo me servia para o desabafo epistolar...

Escrevia em meu nome, em nome da minha boneca Morgana, como a fada de França, em nome de Zappa, cão felpudo de nobre origem, em nome de Jau, o orgulhoso rafeiro da quinta, em nome de Puss, a gata preta, a que eu e Georgina, minha endiabrada companheira de infancia, deramos os appellidos pomposos de Infelita (?) Matutina. E, se essas missivas tivessem escapado á destruição, a posteridade ficaria conhecendo os minimos incidentes da existencia de tão importantes personagens — desde as batalhas formidaveis que enchiam de gloriosas cicatrizes o arrogante focinho de Jau, até as repetidas *délivances* de Puss Infelita Matutina...

Mas, se é verdade que eu nasci com a veia epistolar, verdade é tambem que d'ella tu abusas um boccadinho. Uf! Nem me deixas tomar folego! Cheguei ha pouco mais d'uma semana e, já tenho diante de mim, implacavel, inquisitorial, a breve carta — estylo telegraphico sempre! — exigginho que conte, «ponha para ahi tudo», o que vi, senti e pensei, desde a minha volta a Portugal. Tudo?! Não será um pouco de mais? E, se eu tivesse um segredo? Um d'esses lindos segredos, que fallam baixinho e só para *alguem*... Mas, ai de mim! Não tenho. Os lindos segredos, que fallam

baixinho e só para *alguem*, são flôres de mocidade e o meu coração, jardim que não dá flôres fóra de tempo. Por isso me é assaz facil satisfazer a tua curiosa avidez.

Começarei por contar-te o que senti, quando, depois de atravessar as aridas terras de Hespanha, o comboio entrou na formosa paisagem portugueza: um deslumbramento e, o que é melhor ainda, um enternecimento... O desejo de fazer parar a machina e ficar para sempre olhando, enlevada...

O dia estava maravilhoso. Um dia nosso, como só nós temos. Transparente a alma das coisas falava. E, dizia-me a alma das montanhas: — Tão perto do céu vivemos que nos toca a sua divina serenidade... Os valles sorriam: assim se exprime a graça... — Como eu corro, como eu passo, tambem correm as penas, tambem as penas passam murmuravam os regatos leves, os ribeirinhos mansos... — A paz está connosco, mora connosco a ventura, cantavam, em cada aldeia, os brancos campanarios. Outras vozes — tantas ainda! voz dos prados, voz das encostas, orgulhosa voz das arvores que duram seculos, voz humilde da herva, que nasce e morre debaixo dos pés, terna, mimosa voz das flôres e das borboletas, a das fontes, a mais crystalina e musical, e essa, de humana ternura quasi, a dos passaros, revelaram encantos, entoaram louvores, até que em uma só se fundiram para annunciar-me: — Somos a terra doce entre todas, a doce terra de Portugal!

Pelas alturas de Santa Comba começou a pôr-se o sol. Encheu de oiro os campos. Rebanhos recolheram. Os pinheiros destacaram negros no azul ferrete do céu. Já não pude ver Coimbra, a muito bella, que a noite envolvia no seu calmo mysterio. Porém, d'ahi a pouco, sobre a poesia melancolica do Ribatejo, surgiu, tecedeira de lindas miragens, a poesia melancolica do luar... que, aliaz eu não gozei devidamente, porque todo o meu tempo foi pouco então para dedicar-me ás taxas de velocidade. Paguei uma, duas... Á terceira despedi-me do revisor com um «até já», de resignação... Mas entravamos enfim no tunnel... Eram dez horas. Estavamos em Lisboa.

Mais uma vez affrontei essa alfandega que tamanha fama de ferocidade arranjou e, diga-se de passagem, eu sempre encontrei amavel, facil, com aquella cortezia que, já no saudoso tempo das «Cidades e Serras» tão agradavelmente surprehendeu o Principe Jacintho. O mesmo não posso accrescentar dos sumptuosos cavalheiros de blusa azul, encarregados do transporte das nossas malas. Por menos de cem mil réis nenhum se mexe. E escusado é discutir: — quem não quizer ponha a malla ás costas.

Em iguaes ideias abundam os cocheiros. Pelo velho calhambeque que nos levou ao hotel \* \* \* pediram-me o que d'antes custaria a mais luxuosa equipagem. A minha denodada Antonia, que já gastara, inutilmente aliaz, thesouros de eloquencia

com os carregadores, voltou a rugir um vehemente protesto contra os abusos d'estes... republicanos!—Para essa façanhuda monarchica toda e qualquer ladroeira faz parte das instituições. Em vão eu tenho procurado provar-lhe que, desde os mais remotos tempos, existiu, embora bastante aperfeiçoada na actualidade, a subtil arte de roubar...

O cocheiro, cujo aspecto não me pareceu dos mais tranquillisadores, respingou desabridamente que, republicana seria ella e toda a sua familia, elle prezava-se de pertencer ás classes conservadoras:—mas vá a senhora comprar aveia para os cavallo e bacalhau para os filhos, depois me dirá se pode trabalhar por outro preço...

Como hesitassemos ainda, eu cabisbaixa, de pé no estribo, Antonia energica, sobraçando duas malas, accrescentou terminante, cathgorico:—E quem não quizer que vá á pata.—Supremo argumento a que logo nos rendemos.

D'ahi a pouco chegavamos ao hotel \* \* \*, escolhido graças aos seus annuncios de completa remodelação, novas, perfeitas installações, salas de banho em cada andar, *chauffage*, todo o conforto moderno enfim, para substituir aquelle velho, querido, hospitaleiro como uma casa amiga, hotel Durand, que por meu mal fechara durante a minha ultima ausencia. O porteiro logo me annunciou que os quartos reservados para as *madames* eram no terceiro andar e que haviamos de subir a escada

porque o elevador não trabalhava: — Tem andado com a mania...

Galgar trez altas escadas em noite de viagem não me pareceu realmente coisa das mais invejáveis! Porém, muito mais se trepa para alcançar o céu. Trepámos pois... E, a deitar os bofes pela bocca, attingimos enfim os aposentos de tão decantado conforto moderno. Logo ao abrir a porta respirei um *bouquet* de perfumes numerosos: mofo, baratas, bichos de conta, humidade, bafio e... outros ainda que, por serem de origem mais intima, eu me abstenho de nomear. À luz amarelhada d'uma moribunda lampada electrica, o aspecto do quarto, quasi tão estreito como o corredor, desolava, confrangia. O chão era coberto de oleado, sem a misericordia do mais pequeno tapete. A janella não tinha cortinas. Nenhuma toalha escondia a pedra rachada e suja da commoda. Junto á meza, que coxeava, havia uma unica cadeira de assento de pau. Ainda protestei: — Certamente ha engano. Isto não é...

Mas o gallego que nos seguira com as mallas de mão, respondeu tranquillamente: — É o numero setenta e sete. O reservado. E, se não, faça a senhora favor de afirmar-se na taboleta...

Afirmei-me na taboleta. Era o numero setenta e sete, o reservado. Restava-me a resignação.

Pedi chá, agua quente. O primeiro veio morno, a segunda fria. E, como outra vez tivesse a velleidade de protestar, o gallego aconselhou que

o melhor era remediar-me... Aquella hora nunca as coisas podiam ser servidas a preceito. Seguí o douto conselho. Bebi o chá morno, lavei-me na agua fria e arrepiada, enjoada, as minhas ultimas esperanças voltaram-se para a cama. Ah! fosse ella moile, de lençoes macios, agazalhassem-me bem os seus cobertores, que eu logo me sentiria consolada, compensada, prompta a outros sacrificios, a outras privações. Ai de mim! Era dura como uma enxerga, os lençoes asperos como estamenha, ainda por cima, tão humidos, que davam a sensação d'um banho gelado... E durante toda a longa noite, certamente para futura gloria da minha alma, n'essa cama, soffreu cruel penitencia, o meu pobre, extenuado corpo!

Às nove horas da manhã—que não pude perceber se estava de chuva ou de sol, porque o predio visinho, alto e escuro, me escondia o céu, invadindo com a sua sombra triste todo o quarto—a criada, cuja moderna civilização se concentrara toda em uma touca de longas pontas, collocada ás trez pancadas na desgrehada cabeça, entrou com o pequeno almoço. Resmungou um bom dia de fraca affabilidade, a que logo correspondi, com o meu melhor sorriso, informando-me da sua saude e da sua graça... — Purificação para a servir.

Como ainda não tinha cessado de tiritar, entre os humidos lençoes, pedi-lhe que abrisse a *chauffage*... — N'esse ponto os *réclames* não tinham mentido, existia realmente um irradiador no meu



quarto. Porém, a menina Purificação que era baixa e gorda, de andar tão molle e vagaroso como se cada pé, calçado em chinello de ourello, pezasse uma arroba, não se mexeu e, com os olhos esbugalhados, entre as repolhudas pestanas, perguntou pasmada : — Que abra o quê?

— A *chauffage*, o irradiador, o esquentador, aquella coisa... — e aponteí para o dito.

— Não trabalha, respondeu ella tranquillamente.

— Não trabalha?! Então para que a installaram? Para que serve?

Purificação encolheu lentamente os hombros possantes e com a mesma negligente tranquillidade, declarou : — Está para ali...—Depois, muito secca : — A senhora precisa mais alguma coisa?

E eu cada vez mais macia, mais amavel, multiplicando os «faz favor, faz obsequio» : — Preciso d'um banho muito quentinho...—Ao que, logo me foi replicado, da mais cathegorica maneira :

— Não pode ser.

Chegou então a minha vez de esbugalhar pasmados olhos :

— Como não pode ser?! Então não ha quartos de banho?!

— Salas — emendou vivamente a menina Purificação, uma em cada andar e das melhores, com torneira quente, torneira fria e repuxo no tecto, mas a minha, a setenta, está occupada pelo sr. dr. Pinto.

— N'esse caso esperarei para mais tarde, d'aqui a meia hora ou mesmo uma hora...



Porém a menina Purificação, que de secca se ia tornando cortante, repetiu: — Eu já disse á senhora que não pode ser, que a setenta está occupada pelo sr. dr. Pinto.

Insisti: — O sr. dr. Pinto, com certeza, não ha-de ficar de molho toda a manhã...

Purificação explicou, enfim: — O sr. dr. Pinto não está de molho. Está dormindo. Tem a sala por sua conta... — E triumphante, com uma vaidade que lhe aiteava o opulento peito, accrescentou: — Aqui não se dá vencimento. Os quartos não chegam para as encommendas. É tanta a gente, que ha mais d'um mez a cama volante, não arreda pé da setenta.

— E o que fazem os hospedes quando querem tomar banho?

— Os hospedes remedeiam-se. Não se veio ao mundo para se fazer tudo quanto se quer... — Proferida esta sentença, a menina Purificação perguntou outra vez: — A senhora precisa de mais alguma coisa? — E, mal eu respondi: — De mais nada, menina Purificação. Estou resolvida a contentar-me com a graça do Senhor... — sahio vagarosa, arrasando os chinellos, com a touca ás trez pancadas, como entrara, emquanto irrompia pelo quarto, a minha Antonia...

Logo me impressionou o desalinho dos seus habitualmente tão lisos, sedosos bandós e o tremer das mãos, que erguia para o céu, quer dizer, para o tecto, como tomando-o por testemunha... Deus

meu! O que teria acontecido? Para que Antonia assim sáhisse do seu socego, esquecendo até aquelle doce, sollicito: — V. Ex.<sup>a</sup> passou bem a noite? — com que me saúda cada manhã, era realmente preciso, que grande, horrivel successo houvesse occorrido. Oh! sem duvida, tinhamos calamidade e d'alto lá com ella!

Veio enfim, n'um clamor, o desabafo, a queixa... — Ah! minha senhora, minha rica senhora! Mordiam que nem feras! Só não me comeram! Eram aos milhares. Enormes, gordos. Pareciam vacas bravas. Marinhavam pela cama, pelas paredes... Deus me perdoe! Parece-me que até voavam! Em toda a noite não fechei os olhos um instante. Sempre de atalaya...

Tranquillizei-a como pude. Prometti uma boa caixa de pó Keating; infallivel para a extinção da especie. Aconselhei serenidade, coragem. Nas grandes occasiões é que os grandes animos se revelam. Se não existissem feras não existiriam domadores...

Antonia ainda resmungou, sentia fraco geito para domadora, quanto a pó *keating*, semelhantes bichos só a tiro de espingarda, como o sr. Anderson mata as lagartixas... E, com um profundo suspiro, passou a occupar-se da nossa installação.

Ah! foi toda outra tragica historia! As gavetas encontravam-se n'aquelle estado de emperramento, que, segundo a opinião do Eça, é capaz de envenenar o humør mais doce. O guarda-vestidos

não possuía um unico cabide e ao reclamal-os da menina Purificação, immediatamente ouvimos que estavam todos ao serviço da esposa do sr. tenente Costa. . .

Antonia poz sobre a meza o meu necessario de viagem, logo a dita abateu... Com o ruido dos meus crystaes partidos espalhou-se no oleado a minha agua de Colonia, perfumada de alfazema. E assim por diante. . .

Era uma hora quando descí para o almoço. A grande sala, pintada d'um vermelho duvidoso, que cobriam veneraveis camadas de pó, dava a impressão d'um campo de batalha. Não se fallava, vociferava-se, entre accessos de tosse. Chinfrim nacional, catarrho nacional. . . — Duas instituições a que jamais me habituari—Os criados, todos de bigode e rivalisando de cebo nas casacas, corriam espavoridos, brandindo os pratos quaes armas de guerra. No chão jaziam já os despojos d'uma travessa. Deteve-me junto á porta aquelle embaraço que sempre experimento, quando em Portugal pretendo chamar um criado, porque, que eu saiba, é coisa para que ainda não se descobriu a palavra adequada. Procurei de varias maneiras attrahir a attenção dos reluzentes escudeiros. Exclamei: «Pst!», «Olhe!», «Faz favor!» e parece-me que até «Oh! tiosinho», como se diz no doce campo da nossa linda Madeira. Já desanimava de ser atendida quando um gallego, de bigode á americana, que, prato em punho, avançava para uma senhora

coberta de crepes, acudiu emfim, amavel, sollicito... Não podia dar-me, como eu lhe pedi, uma meza, porque isso eram attribuições do chefe, mas ia chamal-o.

D'ahi a pouco, outro gallego, de bigodeira altivamente arrebitada, á Kaiser, indicou-me o meu logar.

Terceiro gallego, esse de bigode murcho, desconsolado, genero visconde de Lascelles, trouxe-me o *menú*, recommiendou a tigelada de lulas, á franceza — aqui é tudo á franceza — que estava d'uma pessoa comer e chorar por mais, explicou que os *œufs au choix* significavam á escolha, segundo o gosto, o paladar de cada um... Agradei a proveitosa informação, pedi um ovo estrellado, um bife e, emquanto esperei, ou antes desesperei, porque tanto tempo foi preciso para me trazerem esse ovo e esse bife, como se a gallinha ainda não tivesse posto o primeiro e promettesse longa vida a vaca que devia fornecer-me o segundo, lancei em volta um curioso olhar. De meza em meza repercutia-se o chinfrim e repercutia-se o pigarro e trabalhava freneticamente o palito — essa outra instituição nacional.

Á minha direita tinha uma familia de pretos horrendos : papá, mamã e dois meninos. A preta era d'aquellas que logo se imagina em *toilette* a caracter, quer dizer : nua, plumas na cabeça, um annel pendendo do achatado nariz ; quanto á prole longo espaço hesitou a minha myopia, em qualificar

de gente ou de macacos. Por motivos que não consegui entender, o preto, fazendo pontaria com o palito ao olho branco da preta, invectivava-a ferozmente; a preta, de palito desembainhado também, invectivava os macaquinhos, que, manejando já com notavel pericia a mesma arma, se invectivavam entre si, n'um extranho *charabia*, o dialecto infantil do sertão, talvez. . .

Eram igualmente dois pretalhões enormes, de olho redondo e branco, os meus visinhos da esquerda. O mais gordo, coçando a carapinha com o palito, invectivava sobre uma confusa historia de cacau e tamaras, o outro pretalhão que, de palito esquecido sobre a desconsolada beicola, se defendia mollemente.

Defronte um cavalheiro escarlate como uma betteraba, de guardanapo atado ao pescoço, alternando as fartas garfadas de lulas. . . á franceza e os abundantes effeitos do catarrho a que servia de receptaculo o lenço, com furiosas palitadas, invectivava uma menina côr de gemma d'ovo, entre cujos dedos subtis e dextros, o palito fazia ternos signaes a um juvenil cadete, que na mesma expressiva linguagem, lhe correspondia ardentemente.

Ah! sem duvida o precioso objecto tornara-se de uso obrigatorio! Na vasta sala parece-me que só eu, rebelde a todos os convites, instancias e conselhos do visconde de Lascelles: — Então não vae um?! — me recusei a empregal-o!

Não te admiras decerto se te disser que, ao ter-

minar tão pittoresco almoço, as fontes latejavam-me com uma das minhas tremendas enxaquecas, mas vaes admirar-te e sobretudo admirar-me, quando accrescentar que, durante trez dias, trez longos dias, supportei heroica, a pé firme, tudo o que te conto e... ainda muito mais que não conto, tendo, como lenitivo unico, aquella paciencia que, de ha muito, para todas as calamidades da attribulada vida, nos veem aconselhando os philosophos. Porque nem sequer me restava a tão saborosa compensação de queixar-me, de reclamar. O proprietario d'esse palacio das mil e uma noites tem por sabio costume responder a toda e qualquer reclamação que, quem não está bem no seu hotel de... primeirissima ordem — Deus meu, como serão os de segundissima? — muda-se. Gente e da melhor — para exemplo a pretalhada — não lhe falta.

Porém, na manhã da ultima sexta-feira, lugubre manhã de nevoeiros — Ah! tudo parecia conspirar contra mim, até o céu de Lisboa, esse eterno sorriso, não cessara de fazer caretas — depois de mais uma noite passada em encarniçado combate com a enxerga e das amargas queixas da pobre Antonia: — Minha rica senhora, eu não consigo dar cabo d'elles, elles é que hão-de dar cabo de mim! — voltando de casa d'uma amiga a quem fôra pedir um banho emprestado, mal me sentei para almoçar, entre as colonias, percebi que a tal paciencia aconselhada pelos philosophos, já dera o que tinha a dar. E quando o visconde, com um amigavel

reparo : — Parece-me que a senhora está hoje como o tempo, a prometter chuva... — me propoz o prato do dia : *Isclas à la diplomate*, já a minha resolução estava firmemente tomada. Abalar. Fugir do preto, da preta, dos pretinhos, dos pretalhões...

Duas horas depois, ao som da triumphal marcha do *Tanhauser*, entravamos no Avenida Palace.

Mas d'esse novo poiso não te darei hoje notícias, porque, mesmo em relação ás cartas do meu collega Horace Walpole, esta já attingiu exaggeradas dimensões, e se tu achas que eu não tenho nada melhor a fazer de que escrever-te, achas tambem, certamente, que muito melhor tens a fazer de que ler-me...

A.





Avenida Palace, 8 de Janeiro

Voltou a sorrir magnífica, a cidade.

— *Lisbon the fair!* — conta-nos Maiheiro Dias ter ouvido chamal-a, deslumbrado com a linda festa de côres e de luz, um americano.

Em mim, que de ha tanto e tão bem a conheço, soberba, oriental, odalisca desmazellada, coberta de pó e coberta de joias, mendiga cujos farrapos são ainda de ricas telas, republicana que nasceu princesa, em berço de oiro, é sempre a mesma encantada surpresa, cada vez que a vejo parece-me vel-a pela primeira vez! E digo-lhe: — Oh! mais linda de todas, privilegiada, bem amada do Senhor, thesouro em desperdiçadas mãos...

Abre a minha janella sobre a Avenida. As arvores sem folhas parecem tomar já o tom rosado dos rebentos. Vem da rua um bafo tepido de primavera. Janeiro. Inverno. Mas Lisboa em botão não tarda a florir...

Á tua amiga vagabunda, que na confusa incerteza do acordar, frequentemente pergunta: — O que é isto? Onde estou eu? — coube em sorte um quarto com a mais linda vista. Oh! não vaes imaginar apo-

sento sumptuoso, velludos, brocados, guarda-vestidos de trez espelhos... — Para ter o desgosto de ver-me basta-me um— Deixo todas essas magnificencias aos novos ricos do primeiro andar. Estou no ultimo, nas trapeiras. Eu amo as alturas como os pœtas e os passaros seus irmãos.—E depois, mesmo que as não amasse, o resultado seria o mesmo. — Tenho um tapete côr de morango, um *edredon* côr de morango e, entre cortinados côr de morango, avisto cada manhã o céu. À minha direita habita um secretario da legação hespanhola, o que ha de mais irreprehensivelmente civilisado : não resona, não asso-bia, não atira com a porta, apenas uma vez o ouvi exclamar, impaciente, castelhana, energico : — Ca-ramba ! — Mas era dia de pagar a conta e as con-tas do Avenida justificam todos os carambas.

Do lado esquerdo tenho a menina Suzanna, que certamente em minha honra e para minha edifica-ção, faz as maiores despezas de recato e modestia, nunca se esquecendo de recommendar, ao ser-lhe annunciada uma visita : — Se é dama pode subir, se é cavalheiro para a sala.

Alice, a criada do andar, tem sempre um bom sorriso, admite a utilidade da *chauffage*, não acha exorbitante que sirvam para tomar banho os quar-tos do dito.

Ah ! louvado Deus, estamos longe do... de pri-meirissima ! Ai de mim ! Longe tambem d'aquelle querido, pacato Durand, onde decorreram n'uma tranquillidade quasi de provincia, tantos annos da

minha vida. Em plena cidade tinha-se a impressão do campo. Não havia agua corrente nos quartos. Como em Tormes a agua subia da cosinha nas velhas chaleiras. As camas eram antigas. Cheiravam a alfazema e a lavado, os lençoes de linho. Encontravam-se sempre os mesmos criados. Alexandre — o imponente guarda-portão, que conhecia toda a nobreza de Lisboa e acompanhara á China um diplomata; Francisco — o *maitre d'hotel*, baixinho, com um bigode de mandarim; Joanna, um pouco tropega já, cheia de rheumatismo. E, sempre tambem, os mesmos hospedes. Durand foi uma especie de refugio, asylo amavel, onde se acolhiam os sem casa e sem familia. Vivia-se e morria-se em paz sob aquelles velhos tectos. Depois do jantar, na salinha aconchegada, á sombra d'um veneravel armario hollandez, senhoras faziam serão. D. Maria Luiza, a decana do hotel, recordava saudosos tempos; quando estavam em moda as arias de Donizetti e uma linda valsa: a *Perola*...

No meu quarto, para o lado da travessa das Chagas — travessa ditosa, ainda não mimoseada com a passagem dos electricos — ouvia apenas, cada manhã, a toada dos pregões, *refrain* musical de Lisboa. Oh! quantas vezes o «cabaz de morangos» foi, para mim, suave mensageiro da primavera!

De noite, enquanto trabalhava, á discreta luz d'um candieiro de petroleo, os cães ladravam nos quintaes visinhos e doce fiosinho de melodia, a voz

d'um grillo . . . Porque havia um grillo, um delicioso grillo no Durand. Havia tambem baratas, que faziam o meu terror, mas essas já não as vejo. A gente quando olha para traz vê só o que foi bom. O passado é a mais enganadora de todas as illusões.

Sim, estamos longe, a cem leguas, do quieto hotel onde chegavam tão vagarosos e attenuados, os echos da turbulenta cidade. No Avenida desembarcam todos os acontecimentos e personagens de sensação, desde as granadas revolucionarias, que incendiaram parte d'um andar, juntamente com os numerosos vestidos d'uma das nossas mais notaveis elegantes, até o boato terrorista, os trambolhões e remendos ministeriaes, as curtas aparições do sr. Affonso Costa — D. Sebastião da republica; desde as princezas authenticas e a sr.<sup>a</sup> Duqueza do Porto, D. Maria Pia—ninguem sabe a que cargas d'agua — até as costureiras que veem impingir por fabulosos preços, trapos que lá por fóra já ninguem quer; as primeiras actrizes das companhias estrangeiras, immediatamente photographadas, submettidas ao interrogatorio da praxe:—O que pensa de Portugal? O que sente ao entrar em scena? Que peça prefere?— os *escrocs* janotas, que põem *smoking* e roubam de luvas, os novos ministros, os novos embaixadores, nossos *hermanos toureiros*, os poetas e jornalistas *di là*, etc.

Servem-se os jantares celebres, desde o diplomatico, em que o decorrer de palavras e gestos

invariavelmente repetidos, evoca o titulo de certa comedia de Pailleron. . .

O de homenagem ao escriptor de talento, cujos convidados possuem carradas de talento tambem e ali pelas alturas do *champagne*, quando de toda a parte talentosa do paiz chegaram já os telegrammas de adhesão, se fazem discursos que attingem as supremas culminancias do mais intelligente e . . . inintelligivel futurismo.

O politico, em que se tratam de estadistas de grande envergadura e moral impolluta, os que, na intimidade do parlamento, á hora do *dix tu, direi eu*, costumam tratar-se de ladrões, burros e . . . por ahi fóra.

O patriotico-optimista em que se succedem os brindes á cada dia mais florescente prosperidade do paiz e ao heroismo da raça — com uma quantidade de *r r r*.

O pandego que mette elemento hespanhol, bebedeira, lagrima, facada, abraço e loiça partida.

Até o jantar das senhoras jogadoras de *bluff*, em que a D. M., cheia de rancôr, acusa ainda a D. S. de fazer monopolio dos quatro duques. . .

No Avenida atam-se e desatam-se mil aventuras de amor. Desencadeiam-se temporaes de ciu-mes. Arranjam-se sarilhos, duelos e reconciliações. . .

Ha horas de susto : Aqui se acolhem os nossos mais considerados banqueiros e moageiros de cada vez que a situação lhes cheira a esturro.

Horas de chinfrim: Aqui apanhou um bem empregado par de bofetões, *Monsieur Caillaux*. E por causa de certo garboso lusitano, passaram a vias de facto duas cubanas formosas.

Horas de gloria: Aqui almoçou Theophilo Duarte, em uma linda manhã de epopeia. D'aqui partiu para Belem Sidonio Paes, de radiosa memoria.

Presentemente, como hospede mais sensacional e accrescentarei, aquelle que mais honra o Palace, temos o Presidente do Ministerio. Escusas de fazer caretas. Este goza as boas graças de todas as tuas mais ardentes correligionarias. Parece-me que ninguem pode pôr em duvida o zelo monarchico de Marianna. Pois já a ouvi comparal-o a Nuno Alva- res — nem mais nem menos! — Marianna quando lhe dá para as comparações vae de vento em pôpa!

Lili, que vive no horror da republica, a ponto de fazer o signal da cruz cada vez que encontra o sr. Velhinho Correia, ou qualquer outra fêra de actual regimen, acha-o parecido com Mirabeau. — É a mesma juba indomavel, o mesmo olhar dominador... — E, como a côrte de Marie Antoinette poz no celebre marquez a sua ultima esperanza, assim Lili acalenta o sonho fagueiro do throno restaurado... — Porque, tu has-de concordar, é impossivel que, intelligente, de generosa, heroica alma, como Deus o fez, elle não esteja absolutamente desilludido da republica...

Tote, que leva ainda muito mais longe as suas manifestações realistas, gabando-se de por duas



vezes já, ter deitado a lingua de fóra ao sr. Dr. Bernardino, assegura: — O meu cavalleiro *sans peur et sans reproche* está aqui está a passar-lhes o pé...

A grave, ponderada Mary, conta-me: — Os seus inimigos chamam-n'ó João Franco. Realmente não sei o que de mais honroso possam chamal-o os seus antigos...

E na doce, festiva noite do *rèveillon* vieram todas vel-o. As salas do Palace apresentavam uma desusada animação. Havia perfumes, decotes, *ru-ge-ruge* de sedas, brilhos de condecorações. Radiosa mocidade em flôr. Appetitosos fructos maduros. Impetuosas senhoras de idade — unicas que conser-vam a juventude do coração, derradeiros jardins onde desabrocha o sentimental *nyosotis*. Muitas meninas... alegres. Graves funcionarios do Estado. Barrigudos capitalistas. Languidos, quebradiços janotas.

O Presidente do Conselho, que ceava rodeado pelos seus ajudantes, aparou com raro denodo o fogo de todos os olhares. E decerto nem em França, nem na Rotunda, nem em Santarem, nem no Arsenal, esse fogo foi mais cerrado! Por vezes pareceu-me vel-o sorrir: talvez quando as... baterias partiam d'uma carinha mais fresca, mais bonita... — Ha casos em que os super-homens são quasi tão fracos como os outros. — Confesso que tambem olhei e atravez d'um *lorgnon* — o que se torna mil vezes mais irritante ainda! Confesso que, juntamente com a curiosidade, eterno apa-

nagio do meu sexo, eu partilho a admiração das nossas amigas. Não comparo o Presidente a Nuno Alvares, Bayard, Mirabeau e outros personagens de tempos idos. — Julgo que elle não precisa de comparações. — Não me preocupam em demasia os seus enganos e desenganos politicos. É-me indifferente que evolucione da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda. Uma só coisa me interessa e enthusiasma: a sua nobre valentia. N'elle eu vejo antes de tudo o homem que nada teme. Para defender um inimigo ousou affrontar a morte — e que morte! — n'aquella tenebrosa noite do Arsenal. Para salvar a sua patria affronta-a agora todos os dias, a todas as horas, a todos os instantes, com a coragem que pensa, que raciocina, que avalia o perigo e respondendo a cada ameaça: — Não tenho medo! — segue direita o seu caminho...

Aqui tens, querida, noticias do Palace e dos seus habitantes. Sobre o que se passa em Lisboa, contar-te-hei apenas que estamos cercados de tropas. Consta que vêm regimentos de todo o paiz dar batalha á guarda republicana...

Entretanto indifferentes, despreoccupados, os lisboetas passeiam, na luminosa alegria do sol. E eu imito os lisboetas... Já a canção o disse:

*Les portugais sont toujours gais,  
Qu'il fasse beau, qu'il fasse laid...*



Lisboa — 20 de Janeiro

Terrível, embaraçosa pergunta a tua, querida Sophia!

Porque passaste muito tempo na beindita solidão do campo, entre as doces, mudas coisas, perdeste o habito da sociedade, dizes... E para não fazeres fraca figura, precisas, além de algumas noções sobre *toilette*, que eu te explique como e de quê se falla actualmente.

Parece-me que escolheste pessima conselheira. Por distracção e... talvez por um bocadinho de implicação tambem, faço sempre o contrario do que o codigo elegante manda fazer. Mas, fosse eu o proprio senhor André de Fouquières lisboeta, que, assim mesmo, me atrapalharia a tua pergunta. O que pretendes saber é tão relativo, varia tanto entre cada sala, cada *cotterie*!

Theatralmente, como se vivia, fallava-se em Coppet, no exilio d'esse genial furacão que foi *Madame* de Stael. Todos os exaggeros de linguagem e de gestos eram admittidos. Descompunha-se Napoleão em grande estylo. Pedia-se um copo d'agua em attitude de tragedia. Os ataques de nervos, ao

almoço, ao jantar, a qualquer hora que Benjamim — aquelle fraco, voluvel, e mil vezes encantador Benjamim! — escolhesse para mostrar velleidades de sacudir a tutella, eram frequentes e considerados do ultimo bom tom. Até a pequenina Albertine — que foi mais tarde a deliciosa e tão finamente discreta Duqueza de Broglie — querendo exprimir o seu desgosto por causa d'um castigo, exclamava: — *J'ai des abîmes dans le cœur!*

Conheço em Lisboa uma casa — e das mais distinctas — onde se praticam ainda todos os habitos de Coppet. *Madame*, um pouco menos genial de que a Stael, costuma tambem invectivar ao almoço o marido, quasi tão fraco, tão voluvel e tão encantador como Benjamim. Os meninos já põem os olhos em alvo e fazem phrases. A attitudo dramatica é obrigatoria. Passam-se em estylo didactico as descomposturas no Sr. Presidente da Republica, unico Napoleão de que dispomos.

Se tencionares frequentar este meio que te recomendo como dos mais interessantes, aconselho-te que, de ante-mão te prepares com algumas lições de madame Segond-Weber.

Em outra casa, se é possivel ainda mais *upa*, floriem tão viçosas como no seu desabrochar todas as graças do seculo dezoito — francez, bem entendido.

Por muito pouco geito que se tenha para a mesura — essa graciosa e linda expressão da antiga cortezia — irresistivelmente ella se impõe defronte

da delgada, aristocratica silhueta, que no seu vestido deliciosamente *suranné*, vestido o que ha de mais *Pouf á la Reine*, d'onde emerge, enfeitada de *coques de tulle*, o que ha de mais *Monte au ciel*, a altiva cabeça, poderia ter servido de modelo a Latour ou a Nattier.

Toda a saia é da época authentica, com amores rechonchudos brincando no tecto, entre grinaldas de rosas, maliciosas, empoadas avós sorrindo nos medalhões doirados, marquezes e pastorinhas de *biscuit* evocando a graça de amaneirados idyllios, e o perfume do ambar — o doce perfume do tempo — evolvendo-se de cada coisa...

Na conversa, scintillante, viva, sem igual — pois se estamos na época amavel cuja quasi exclusiva occupação foi conversar... — sentem-se certas ousadas, revolucionarias tendencias. Oh! eu não quero dizer com isto que seja mal pensante o meu lindo salão do seculo dezoito. *Fi donc!* Tambem não se consideravam mal pensantes as seductoras marquezas que desnorream por amor de Rousseau, beberam os ares por Condorcet e atravancaram a cabeça com a trapalhada dos philosophos. Seguiam apenas a moda, e essa apôz ter sacrificado ao *parfilage* os mais antigos, preciosos estofos, ás perigosas utopias de azas doiradas impunha que se sacrificassem as velhas tradições. Assim se faz na referida sala, a que, para tornar-se uma completa, perfeita reproducção do amavel outr'ora, falta apenas que os intimos, os intelligentes Con-

dorcet da actualidade, resolvam trocar o banal jaquetão escuro pela deliciosa casaca de seda côr *Cuisse de nymphe émue*, o cabello curto, a escorrer em pomada, pelo aristocratico rabicho empoadado.

Se desejares e conseguires — parece que não é assim coisa das mais faceis — entrar n'este meio tão original, acho de toda a conveniencia que trates antes de precaver-te com algumas noções sobre a *toilette*, o penteado, as maneiras e as ideias a adoptar. Para isso consultarás o *Cabinet des Modes* — figurino mais celebre da epoca — o contracto social de Rousseau, Pamela ou a virtude recompensada de Richardson e embora muito te custe por serem de difficilima digestão, todas as obras de Madame de Genlis.

Mas, já o scenario mudou e os personagens e a linguagem. Tu sabes que os aspectos do mundo — essa maior de todas as farças — variam quasi tão rapidamente como os do theatro. Minha linda actriz a comedia é outra agora. Despe os teus *panniers*, sacode o teu pó *à la Maréchale*, retira do canto da bocca o malicioso grão de belleza, põe de parte Rousseau, manda passear Condorcet. Vamos fazer uma visita á tua amiga Rosa. Oh! julgas de certo que, para te sentires á vontade e conversares intimamente n'essa casa de ha tanto conhecida, não precisas das minhas lições. Illusão, illusão! Deixaste Rosa ha dois annos, bonita, fragil — um *bibelot*, entre os seus *bibelots* — alegre, buliçosa, futil — um passaro a papaguear com graça de

mil nadas gentis... Vaes enconral-a importante, sentenciosa, grave— tal um compendio — meditativa, a ruga na testa de quem se consome a pensar!

E quanto aos homens que a rodeiam, nada de fazeres juizos temerarios, de exclamares :—Aquella Rosa sempre tão *flirt!*—Porque a sala da tua amiga não é uma côrte de amor. Embora alguns d'elles — tão bonitos, tão cuidados, tão janotas, de lapella sempre florida — tenham o ar conquistador, não vieram como no bom tempo da Tavola Redonda, enfeitados por mil façanhas, tecer aos mil os madrigaes... Repara que até nos mais jovens é circumspecta, sisuda, a expressão. E se as costas d'aquelles quasi imberbes ainda, curvam já ligeiramente, não deve isso attribuir-se, como tantas vezes acontece, a um demasiado rapido crescimento. Oh! não! É porque vergam já ao pezo de responsabilidades tremendas. Estamos n'uma sala politica. A tua amiga passaro, a tua amiga *bibelot*, armou agora em madame de Lieven integralista. Não sabes o que é? Ah! bom Deus! Eu pouco mais do que tu sei. Já mil vezes me tem sido explicado, commentado, tornado a explicar, tornado a commentar, o programma d'este partido, como de resto o programma de todos os partidos que... abrihantam o nosso tão partidario paiz, mas entra-me por um ouvido e sahe-me pelo outro, tal e qual como a grammatica nas Salesas. . .

Posso apenas participar-te que os jovens correlligionarios da tua amiga Rosa intentam restaurar a

monarchia absoluta. Escusas de abrir os olhos em ponto de admiração. É como te digo : Monarchia absoluta, a que na remota era dos barbudos Sanchos e das formidaveis Urracas, fez o orgulho e a ventura de Portugal... Dar-lhe-hão comtudo um arsinho de fraternidade, indispensavel nos democraticos tempos actuaes, para agradar ás turbas. O sr. D. Duarte Nuno, embora revestido de armadura de aço e d'aquelle quero, posso e mando, em que sempre residiu a força d'uma nação, privará intimamente com o Rocio, no que de resto não se afasta tanto, como á primeira vista parece, das tradições. Já durante o saudoso reinado de Pedro o Crú, numerosas vezes foi visto o Rei, folgando entre o seu povo. E tu lembras-te decerto, que não houve soberano mais amado do que esse, viuvo de lgnéz. Mas isto são noções nuuto vagas. Rosa te explicará melhor depois. Ella sabe tudo na ponta da lingua e, apostola ardente, palpita-me que não tardará a converter-te ao seu credo politico.

Entretanto para os primeiros passos a dar no centro integralista, debes levar comtigo ostensivamente — o mais ostensivamente que puderes — um retrato do sr. D. Duarte Nuno, o que longe estará de constituir sacrificio. A adoravel cabeça de Sua Magestade—habitua-te desde já a dizer Magestade — a suave limpidez do seu olhar, farte-te-hão uma bem leve, bem doce companhia... E, para abor- dares sem estenderete e até mesmo com certo brilhantismo, o assumpto, bastará que te limites a

uma aspera, intransigente censura,..—Á republica?... Qual republica nem meia republica! Faze favor de lembrar-te que estamos em plena idade média. Sancho — o Povoador — jámais se preocupou com semelhante treta... Os jovens integralistas nem dão pela existencia da Brazileira. São outras as doutrinas que debes fulminar. Rugindo contra os desacerotos e, de mais energica maneira ainda, contra os acertos dos partidarios do sr. D. Manuel, dizendo cobras e lagartos de tudo o que este fez, não fez e está para fazer, sentir-te-has na nota. Pouco mais te pedirão.

Falla-se difficil em certos meios artistico-litterarios, que, pelo menos a titulo de curiosidade, debes procurar conhecer. Oh! porque eu escrevo difficil não vaes dar á palavra uma significação vulgar... *gentinha!* Não imagines — nem por sombras! — que se te recommenda o emprego de chavena, esposito, nutrido e cavalheiro... Digo difficil no sentido confuso, mysterioso, nebuloso — o que d'antes chamavamos nephelibata...

Os meios artistico-litterarios a que alludo são futuristas, o que ha de mais futurista. Desdenham antes de tudo a facilidade de comprehender.

Se os visitares, como espectadora apenas, em pouco se resumé o teu papel: ouves, calas-te, passas desapercibida. Se tiveres, porém, a consideravel pretensão de fazer parte do cenaculo, aqui te ficam algumas indicações.

Sobre livro, musica ou quadro, que entendas á



primeira, exclama, com a careta mais feia que fôres capaz de fazer : — Horror !

Sobre livro, musica ou quadro que entendas á segunda, com tregeito enfadado ainda, declara : — Banalidade !

Sobre livro, musica ou quadro que, apoz horas de concentrada meditação, de esforço tremendo, as fontes latejando, suores frios humedecendo-te a testa, conseguiste emfim decifrar, resmungas : — Mediocridade !

Porém, d'aquelle que ficou sempre para ti latim, decreta, sem hesitação : — Obra prima ! — E logo todo o cenaculo reconhecerá, na tua pessoa, afinidades, parentescos espirituaes . . .

Para qualquer coisa, embora insignificante, trivial, que queiras ou precisas dizer, aconselho-te o emprego de palavras exquisitas, arrevezadas — o menos possivel accessiveis ao vulgo. Se não fôr profuso o teu vocabulario recorre ao dicionario. Se, consultado este, não te achares ainda sufficientemente prevenida, inventa-as, de laboriosa pronunciação, com vogaes que soem triumphantes, re-tumbantes... E, assim armada de palavrório sonoro, nada temas : *Alea jacta est !*

A *toilette* para compareceres n'este requintado meio deve ser da mais requintada elegancia. As senhoras e os senhores futuristas encadernam-se, á imagem dos seus livros, com um *chic* que nunca mais pára.

Parece-me tambem conveniente o sacrificio da



tua predilecção pelos cinzentos pacatos, os *beiges* quietinhos, que estragariam a harmonia do conjuncto onde ninguém procura apagar-se e todos pretendem brilhar, mas brilhar á doida, esplendidamente como brilham os astros! Entre as côres que enfeitam a cauda sumptuosa do pavão e o oiro, o sangue, a purpura, que despede antes de morrer o sol, escolherás o teu vestido. Recommendo-te ainda qualquer detalhe ousado. Em vez d'uma flôr prende na cîntura um cacho d'uvas, um damasco ou mesmo uma tangerina. É preciso fugir á banalidade. Transfere, do fino pulso para o fino tornozello, o teu bracelete serpente e das orelhas para a ponta do sapato, as tuas famosas esmeraldas. É preciso sahir do ram-ram.

Agora dize lá: jogas, conheces com todos os *ff* e *rr* o *bridge*? Porque, desde já te previno, sem essa prenda, escusas de aventurar-te na sala vermelha das P.

Vês aquella meza forrada de panno verde, aberta noite e dia, defronte do fogão? Em volta d'ella giram todos os cuidados, todos os interesses, todas as preocupações da familia. É a meza do *bridge*. As P. vivem e fallam do *bridge*—exclusivamente do *bridge*. E pode o mundo abater que, ficando a meza de pé, salvando-se o baralhinho, ellas não dão por nada.

Se conseguires, do que eu duvido, entrar-lhes em casa—a qualquer que seja a hora, diz-te a criada: «As senhoras estão na partida... As se-

nhoras ainda não vieram da partida... As senhoras acabaram agora uma partida, mas vão já começar outra... — não esperes que alguém se informe da tua saúde, ainda que convalesças de grave enfermidade ou tenhas escapado a perigoso desastre; quando muito, se lewares o braço ao peito, lamentam-te pela dificuldade de pegar nas cartas. Eis tudo o que podes pretender como interesse pelos teus achaques.

Em compensação perguntam-te logo carinhosamente como vae a sorte. Se confessares que não jogas ouves um pasmado, escandalisado: — Mas o que fazes tu então? — que é como quem diz: — Para que vives, minha inutil? De que serves, minha ociosa?

E sem aguardarem que, na mesma ordem de ideias as interrogues, queixa-se a P. mãe da sua macaca historica, enquanto Annica, a filha mais velha, observa que: — Não é tanto assim... Grande parte das vezes a mãe perde por sua culpa, como hontem, quando não cortou o valete de paus. — E a mãe toma-te por testemunha que não podia cortar o valete tendo dama á terceira... Segue-se uma renhida discussão, a que põe termo Amelia, a filha mais nova, declarando que quem andou mal foi o Carlos. O Carlos nunca devia puxar paus. O Carlos jogou como um padeiro.

D'ahi a pouco, n'um crescendo crescendo de entusiasmo, descrevem-te, todas ao mesmo tempo, proezas de *cabides* que pregaram, partidas salvas

quando os parceiros estavam a vinte e oito, uma heroica passagem de dez, feita por P pae contra o conselheiro Juromenho que é um burro de sorte. . . Amelia dispõe as cartas sobre a meza para te explicar melhor como se passou o caso. A folhas tantas pedem a tua opinião. — O que farias tu, se, com quatro de rei, te jogassem o dez? — Ai de ti, se não tiveres resposta prompta, se não deres destino conveniente ao rei! Podes despedir-te das P e da sala vermelha.

Mostra-te, porém, versada na materia, põe o rei em sitio apropriado, declara-te intima dos nullos, entusiasta do *sans atout*, tu cá, tu lá com o bolchevique e como no conto das mil e uma noites, Sesamo abrir-te-ha, de par em par, as suas magicas portas.

Conheces, a fundo, todos os figurinos elegantes? És capaz de olhar, com olhos que sabem ver, para um vestido?

Percebes o abysmo insondavel que separa a *robe surprise* de Lucien Lelong, da *robe surprise* de qualquer copista? O tecido é o mesmo, mesmas as rendas, mesmo o feitio, mas ha o *je ne sais quoi*. És capaz de descobrir o *je ne sais quoi*? Avalias todo o desastre, sem igual e sem remedio, que consiste em trazer uma saia curta, quando a moda decretou saia comprida ou vice-versa?

Experimentas a necessidade imperiosa de acompanhar a evolução das copas dos chapeus? És capaz de passar horas sem cansaço nem desvio de

atenção, a ver desfilarem um manequim? Tremem-te os dedos quando folheias um livro de amostras? Sentes calafrios voluptuosos ao contacto d'um tecido novo? Palpita-te mais rapido o coração diante d'um *croquis* de grande casa?

Feito cuidadosamente este exame de consciencia decidirás se te achas apta para frequentar, sem *gaffes* a casa das M, onde reina exclusiva, absoluta a moda. Falla-se pela bocca do ultimo figurino. As M nunca dão uma *soirée*, um concerto, uma partida de *bridge*. Dão exposições de vestidos, os quaes, com meneios aprendidos nas suas repetidas visitas ao Paris costureiro—do outro nem suspeitam a existencia—infatigavelmenie passeiam na sala, para prazer de conhecidas e amigas.

As M como prova de amizade, não te tratam se estiveres doente, não te acompanham se estiveres triste. N'ellas a suprema manifestação de affecto consiste em emprestarem-te um vestido.

As M nunca avaliam uma pessoa pelas suas virtudes ou pelo seu talento, avaliam-na pela maneira como se veste.

As M nunca dizem: — Fulana teve o desgosto de perder o marido ou o pae. Dizem: — Que ferro para Fulana não poder pôr a *toilette* verde!

As M levam até a heroicidade o seu amor pela moda. Não só vivem, morrem á moda! É do conhecimento de toda Lisboa a spartiana coragem da tia Andreza, decana d'aquella casa de modas. Dias antes de fallecer a veneranda senhora, em obediên-

cia á delirante voga dos cabellos curtos, quiz que as sobrinhas chamassem o Roy para lhe tosquear a cuia!

As M. já nascem com notaveis aptidões para a moda. Conta-se que, ainda Dora a mais nova, engatinhava e já, ao receber da mãe o presente de um brinquedo, na sua linguinha de trapos, perguntou: — É moda?

E eis-nos enfim na côrte do amor. . . Mas não tomes essa attitude assustada. . . Não te espantes. A gente, veja o que vir, nunca deve espantar-se. É coisa que já não se usa, figurino de ha vinte annos, como diriam as M.

Notas uma certa desharmonia entre o aspecto assaz respeitavel d'aquellas senhoras e o ar deliciosamente *bébé* dos adolescentes que as rodeiam. O que tem isso? Desde sempre o amor zombou da harmonia, mandou á fava as conveniencias, saltou por cima dos obstaculos. Ellas podiam ser mães, avós, bis-avós?! Já se vê que podiam, mas não querem e fazem muito bem. Para entrar n'esse rol ha sempre tempo de sobra. Preferem ser amadas, sempre amadas. Em estado de Ninon: — *Comment vis-tu toi qui n'a pas d'amour?* — é que nunca as encontras.

E, quanto a ti, se não amas nem te sentes em disposição de amar, prepara-te ao menos theoricamente para discorrer sobre as paixões. Perguntar-te-hão, antes de tudo, qual é o teu typo. Precisas levar á mão o teu typo. Ser-te-ha descripto, com.

detalhes numerosos, o ideal de cada uma d'essas senhoras. Ser-te-hão expostos varios casos, hypotheses, conjecturas em materia amorosa.

-- O que farias tu se o Riquinho te abandonasse para *flirtar* com a Izabel? E que partido deve tomar a Izabel: ceder á doce tentação do Riquinho, ou ficar heroica, invencivel no seu posto de amiga fiel?

Muitas vezes ao amor — essa velha contradança — seguem-se outros mais modernos bailados. — O quê, com o pé já tão pezado?! E tu a dares-lhe! Oh! Sophia, pois ainda não sabes que nada é tão enganador sobre a terra, como as apparencias? Com o pé já tão pezado não as ha de pé mais leve, verás... E em vez d'essas exclamações, d'esses pontos de admiração, que tresandam horriavelmente a campo, a provincia, trata de recapitular o pouco ou muito que te ensinaram sobre Cupido, dedica-te a Terpsychore... Aprende-me o *shimmy* e o *très mou-tarde*... É o que precisas para te exprimires e procederes acertadamente na sala côr de rosa. Côr de rosa, sim! Pois de que côr havia ella de ser?...

Mas começo a estar cançada. Ha mais de duas horas sentei-me a escrever-te, sem que aliás dissesse nem metade do que desejas saber. Referi-me a meia duzia de *cotteries*, e ha centenas em Lisboa, cujos assumptos, maneiras, interesses nada teem que ver com o que eu te descrevi. Dentro d'uma lingua criam-se mil linguas, segundo o uso, a educação, os gostos, o snobismo de cada um.



Como aconselhar-te, pois? Era preciso descobri-las todas, ou quem sabe? descobrir uma só que, de cada um e de todos, fosse entendida.

Mas, como, onde, procurar o divino talisman?

Sobre a meza em que te escrevo acaba de attrahir a minha attenção certo livro que eu chamo o da suavissima companhia, porque me embala e consola quando estou triste, torna-me a vida amavel quando a vejo com sombrias côres, restitue-me a doce paz — meu ultimo bem — quando, do contacto do mundo, volto amarga e desencantada. N'elle já muitas vezes encontraram resposta algumas das minhas inquietas, anciosas perguntas... Vou interrogal-o mais uma vez.

Abro-o n'aquella pagina de ternura que descreve Mélanie, já tão velha e sempre nova, porque a innocencia, a pureza da alma dão uma juventude que não morre jámais. Pretende o Petit Pierre ter aprendido a fallar com Mélanie e depois de contar-nos o sabôr, o encanto da sua rustica linguagem, accrescenta: — *Elle parlait bien puisque elle disait les mots qui persuadent et les mots qui consolent.* As palavras que convencem e as palavras que consolam...

Ah! Sophia, o Petit Pierre tem razão. Só essas importa saber. Só falla bem quem sabe dizel-as.

Rasga, esquece todas as minhas vãs informações, todos os meus inuteis conselhos. Falla como Mélanie. Não terás porventura entre as mãos, a chave de cada sala elegante, mas terás, eu te prometto, a de cada coração...





Avenida Palace, 7 de março

Muitos crimes se tem commettido a dansar!

Por causa do bailado de Salomé ficou o pobre S. João Baptista sem cabeça. Por causa do pé gentii d'uma russa dansarina ia ficando o nosso amigo esculptor sem coração. E por causa do descenfreado tango em que, segundo me consta, o Miguel anda, vou eu ficar sem um amigo!

Prometteu-me na sua ultima carta, anterior ao diluvio, que me escreveria muitas vezes. Como é que, na minha idade, com tantos cabellos brancos, ha tantos annos de lucto pelas minhas illusões, eu ainda acredito em promessas de homens? Mas o caso é que acreditei. Tenho esperado, esperado, continuo a esperar... Tamanha fé, tamanha constancia, merecem premio. Venha de lá o meu premio! Interrompa a dansa... um bocadinho apenas. Seja infiel — o que de resto entra nos seus habitos — ao par de tango. Dedique-se um pouco á amizade. Ella tambem possui algum encanto. E é muito recommendada como tratamento de repouso. Ora o Miguel precisa certamente de repouso... Pelo menos para tomar folego...

Diga-me que novas e fortes impressões o Paris de apòz a guerra — tão differente do nosso Paris! — tem dado ao seu espirito. Sabe quanto curiosa fui sempre do que se passa n'esse superior espirito. — E, caso o terno de mais coração haja feito... das suas, pode contar-me tambem. Eu adoro as historias de fadas e as historias de amor. Tenho um fraco pelo inverosi-mil. Emfim conte o que quizer. Mas conte alguma coisa. Dê noticias. Pellas suas irmãs, a quem as peço incansavelmente, apenas apurei que dança. Dança como tudo o que é leve, inquieto, vivo, como as estrelas, como as ondas, como as brisas e como as senhoras do *high-life* lisboeta, que, em todo o Entrudo, não pararam!

Entretanto eu estou triste, d'uma tristeza inexplicavel, teimosa, sem motivo definido... Talvez ella venha da approximação da primavera, que já começa a florir as olaias da Avenida e põe no ar uma doçura tão tepida, tão perfumada! — Não me refiro ao ar politico, esse cada vez cheira mais a esturro... —

Como é que o renovamento da natureza não ha de encher de melancholia a pobre creatura humana cuja primavera flori uma unica vez? Mas o Miguel dança, não é occasião para philosophia pessimista... —

Quem me dera fugir de Lisboa! — Repare que estou a repetir aquella sua exclamação, habitualmente combatida por mim com tanta energia. — *Sou-*

*vent femme varie*. . . De vez em quando não ha remedio, temos de justificar as famosas palavras de Francisco I.—Parece-me que a alma doe mais sob o esplendor d'este céu azul. O sol anda doido. A cidade abusa da luz. A cidade é uma orgia de luz.

—Um pouco de cinzento, pelo amor de Deus—supplicam os meus olhos maguados. E menos barulho, menos buzinas de 'automoveis, menos pragas de carroceiros, na rua. Menos novos ricos nas salas d'este hotel. O Trostky que me levasse para a Russia certa abastada senhora da minha particular antipathia e os seus mil e tantos vestidos e o gesto altaneiro com que sacode a pobre, que ousa estender-lhe uma implorante mão.

Em Paris, dizem-me, já tende a desaparecer a praga dos novos ricos. Pois entre nós elles crescem, multiplicam-se, surgem de cada lado e com que arrogancia!

Apenas desembarcados da padaria, da tenda do sapateiro ou do alfaiate, rescendendo ainda ás especiarias que venderam no balcão, trazem já barriga de capitalista, anel de brilhantes—quando não é de armas—senhora hespanhola, automovel e, para uso de amigos menos afortunados ou... mais escrupulosos—o escrupulo não costuma andar de braço dado com a opulencia—aquelle secco, cortante:—Trabalhem, como eu trabalhei...

Uma vez por outra, quando se annuncia revolução, correm boatos de assaltos e estala aqui e ali, em ar de... quem te avisa teu amigo é, uma bom-

binha, desaparecem como por encanto. Ouve a gente dizer que passaram a fronteira. E acalenta uma fagueira esperança: talvez fiquem por lá... Lisboa torna-se logo *sympathica*, recupera o seu doce, pachorrento feitio, a sua distincção de pessoa remediada e bem nascida. Ha menos automoveis, menos atropellamentos e menos senhoras gordas. Não se ouve fallar em libras. Os pardaes chilream mais alto... de allivio, talvez...

Porém, dois ou trez dias passam. O governo tomou medidas energicas. Está assegurada a tranquillidade em todo o paiz, annunciam os jornaes affectos ao regimen. E cá temos outra vez o senhor fulano da farinha, o senhor sicrano da bolacha, o do figo do Algarve, o do grão de bico, o que tem banco na rua da Prata, o que vae abrir banco na rua dos Retrozeiros... Todos enfim! *Au grand complet*. Nenhum ficou por lá. Escusados foram os votos que os acompanharam. Voltaram são, escorreitos, com mais brilhantes nos anneis, a barriga mais insolente, a libra mais descarada.

Ignoro se aquelle doce mandamento de Deus: amarás o teu proximo como a ti mesmo, incluye os novos ricos. É de esperar que não. Eu jámais poderia segui-o. Odeio a especie. Pela injustiça monstruosa que representa em face dos que morrem de fome e, mais ainda, parece-me, pela sua horrivel deselegancia physica e moral. Tornam o mundo mais feio. Depois são como as nodoas de gordura, alastram...

Mas o Miguel dança... Para que hei de desvial-o de tão gentil passatempo, com tão enfadonhas considerações? Perdoe. Dão-me assim de vez em quando, saudades suas, venetas de conversar comsigo e não sei resistir-lhes.



Avenida Palace, 10 de março

Conta a *Vie Littéraire* que um personagem de Shakspeare, bibliophilo e galante—ou não fosse um gentilhomen da côrte de Izabel—dizia, referindo-se aos livros escolhidos para a sua bibliotheca:—Quero que sejam bem encadernados e falem de amor.

Com a primeira parte estou plenamente de accôrdo. Uma bella encadernação completa um bello livro, como um bonito vestido completa uma bonita mulher. E não andasse tudo pela hora da morte, não pagasse eu o meu quartinho côr de morango nas trapeiras do Avenida Palace, pelo mesmo preço que o gentilhomen da côrte de Izabel pagava, talvez, o seu palacio em Londres, havíamos de ver as loucuras que faria pelos meus preferidos. Tenho já na imaginação a capa de Bérénice: em finas côres de outono, um jardim de Aigues-mortes... Mas escuso de estar com devaneios. Salvo uma ou outra modesta extravagancia, os meus preferidos acabarão brochados, de capa amarella, como os comprei...

Quanto ao segundo requisito exigido pelo per-

sonagem de Shakspeare, não levo tão longe o meu exclusivismo. Juntamente com os livros de amor, quero outros, muitos outros. Os de amor dizem sempre a mesma coisa. Quando são moraes, da bibliotheca côr de rosa, que pode andar entre todas as mãos, Romeu e Julietta, victimas de mil obstaculos, contrariados pela familia, por falta de dinheiro, falta de emprego, etc., casam ou morrem no ultimo capitulo para triumpho da virtude.

Nos immoraes, genero Bourget antes da conversão ou genero Marcel Prévost antes das cartas a *Françoise maman*, Julietta, que passa dos trinta, e é o que ha-de mais infinitamente superior, com maiores requintes de alma e de *toilette*, encontra Romeu, igualmente o que hade mais superior, com maiores requintes de alma, maiores requintes de *toilette* e logo arrastada por uma paixão invencível, atraiçoa o marido, a quem cabe sempre o papel de brutamontes sem requintes de alma ou pobre diabo sem requintes de *toilette*. . . A eterna cantiga que, virtuosa ou peccaminosa, ainda não cessou de interessar as mulheres. . . (Julgo que tambem os homens. . .) A gente foi emballada com ella! Mas eu, de vez em quando, não desgosto de ouvir outra coisa. *Il n'y a pas que l'amour*, como diz o verso de certa aliás muito amorosa condessa. Por isso, embora quasi não tratem do assumpto, estou longe de partilhar o teu desdem pelos livros que te emprestei.

Parece-te sem encanto, sem interesse, o *Catalan de la Manche*! Minha pobre amiga, tens cer-



tamente o gosto estragado. É adoravel o catalão, D. Quixote moderno, com menos grandeza do que o outro, mas tão sympathico, tão ingenuo, tão enternecedor, nas mesmas generosas illusões ! É que poder de evocação ! Toda a Hespanha está ali dentro, a Hespanha de alegria e de sol, com as suas toiradas, os seus leques, as suas bailarinas de olhos ardentes, e a outra, onde paítam as azas dos moínhos, «rosas do deserto», torcem desolados braços as figueiras ; paisagem de melancholia, aridas terras da Mancha, que viram passar, sobre o inagro Rocinante, o magrissimo heroe de Cervantes...

Quanto á *Vie et mort des fées*, cujas quatrocentas e vinte e seis paginas — concordo que é de respeito — te assustaram a ponto de nem as abrires, faze favor de penitenciar-te tambem. A sua auctora, Lucie Félix Faure Goyau, nem por sombras merece o teu desprezo. É uma grande escriptora, completamente fóra dos moldes a que nos teem habituado as outras senhoras francezas que escrevem. Não se contenta em sentir ; pensa. Não professa o paganismo sensual de Gérard d'Houville. Não tem os nervos destrambelhados como a condessa de Noailles. É profundamente crente, profundamente catholica. E perfeitamente equilibrada. Os seus livros fazem bem á alma. Consolam, guíam, aconselham. Vaes responder-me que não gostas de sermões, que a virtude costuma eriçar-se de demasiados espinhos, que os amigos de Deus são exactamente os que d'Elle mais te affastam.

— *Je n'aime pas son entourage*, dizia uma senhora do nosso tempo. Eu sei, eu sei... E não ando longe de partilhar essa opinião. Mas ha excepções, amigos de Deus que nos chegam deliciosamente para Elle, virtudes que não teem espinhos... A de Lucie Félix Faure sorri como aquella que, em paginas de suavissimo encanto, perfumou a nossa mocidade: a virtude de Eugénie de Guérin. Com uma differença apenas, possui mais experiencia, mais conhecimento do mundo. Eugénie escreveu n'uma aldeia — o longiquo, solitario Cayla. Lucie escreveu em Paris e que Paris! — o do Elyseu. É tambem muito mais culta, infinitamente mais culta. Viajou, aprendeu, leu tudo. Tem uma espantosa erudição, de que se serve aliás sem o menor pedantismo. O que n'outras pareceria *pose*, n'ella affigura-se-nos perfeitamente natural. Lel-a é, ao mesmo tempo que um raro prazer, uma pena: a pena de não a ter conhecido. Que doces, confortadoras, apaziguadoras palavras saberia dizer quem escreveu «*Choses d'âmes*», paginas de jornal, pensamentos e impressões, piedosamente reunidos pelo marido, livro posthumo — Lucie já morreu — o que mais nos falla ao coração, o que mais vivamente desperta o desejo de ser como ella foi: cheia de bondade, de viver como ella viveu: guiada pela fé.

A todos que estão tristes, com a peor das tristezas, a que nada espera e em já nada crê, gostaria de mandar o livro de Lucie, cuja persuasiva doçura converteu ao catholicismo uma das minhas

amigas protestantes. Mas felizmente não é esse o teu caso, por isso, embora t'ò recomende, como um doce tonico para a alma, preferia que iniciasses a leitura d'esta escriptora com *Ames païennes et Ames chrétiennes*, que acho o mais interessante de todos os seus livros. Estudos de psychologia feminina, entre outros, sobre Christina Rossetti, a tua poetisa querida e sobre Catharina de Sienna, a santa da tua predilecção. Mas não o tenho aqui, nem creio que o encontres nos livreiros de Lisboa. Começarás, pois, lendo a *Vie et mort des fées*. Torno a mandar-t'a.—Perdôa a teimosia...

Catharina de Sienna e a suave Christina Rossetti —que tambem foi santa á sua maneira e de quanto deliciosa maneira!—cederão o lugar ás fadas. Morgane, a da ilha afortunada, onde eternamente floriam as macieiras, Mélusine, a da harmoniosa voz, Viviane, que deu tratos de polé ao feiticeiro Merlin, Urgande, que protegeu os amôres de Lancelot, Titania que, como um raio de lua, dansava sobre as rosas sem as fanar... Todas as fadas de França, desde as do velho *folklore*, as fadas de Marie de Champagne, até as de Ronsard que teem já um perfume de classicismo, as de Fénelon que ensinaram moral ao pequeno Duque de Bourgogne, as de Perrault, doces madrinhas de Cendrillon, as de madame d'Aulnoy, fadas de *paniers*, fadas da côrte, até Velleda, a romantica fada de Chateaubriand e a do *Nuage Rose*, que contou a doce avósinha George Sand, e as de madame de Séguir—*Bonne*

*Biche, Violette, Beau Ninon*, delicias da nossa infancia. . .

Mas o curioso livro de Lucie Félix Faure Goyau não se limita á França. Vae por ahi fóra n'uma linda erudição. É, pode dizer-se, a historia das fadas de tódas as litteraturas e de todos os paizes. Titania, no *Midsummer night dream*, apaixonada pelo grotesco Bottom, a quem engrinalda de rosas a cabeça e as orelhas de burro, suggere-lhe comentarios da mais deliciosa ironia. Pretende Lucie, que o mundo está cheio de Bottoms e de Titanias... Não serei eu que a contradiga. De resto, como boa franceza, madame Goyau accusa Shakspeare de ter roubado Obéron ás velhas canções carlovingianas e accusa Keats de ter surripiado o titulo de *Merciless Beauty* áquelle celebre poeta Alain Chartier, que por motivos... de poesia, uma princeza beijou.—Não foi ella, certamente, a *Belle dame sans merci*. . .

Ha sobre Grimm, sobre Anderson, sobre Carlo Golzi capitulos interessantissimos. Porém, esta historia universal das fadas não menciona — nem de passagem — uma unica fada portugueza. Lucie Félix Faure Goyau, conhecendo como os seus dedos, todos os mais remotos auctores, desde Homero até o Tasso, jámais suspeitou a existencia do Auto de Gil Vicente e cahiria certamente das nuvens se alguem lhe dissesse que, tão linda como Mélusine, tão poderosa como Viviane, Alina, a fada de Garrett, encerrou n'um raminho de murta, todo o des-

tino de Ben-Afan. Madame Félix Faure Goyau ignora-nos. — Outra coisa ainda em que se mostra boa franceza. — Mas isso, para a maioria dos portuguezes, não constitue o menor defeito. Como havemos de estranhar que os estrangeiros nos ignorem, se nós proprios, gostosa e propositadamente, nos ignoramos?

Lê, pois, o livro de Lucie. E apezar das suas quatrocentas e vinte e seis paginas, prometto-te que o acharás curto.



Lisboa, 25 de março

Tens razão. Tens sempre razão. Privilegio que eu não invejo, aliás. Prefiro os enganos do que desdenhosamente chamas a minha tonta, absurda phantasia. Revestem elles, por vezes, o mais lindo imprevisito. E ter sempre razão deve ser tão monotono!

Quantos prazeres desapareceriam do mundo se todos nos puzessemos a ter razão! Como viveria a tua amiga S., em que passaria o seu tempo, em que empregaria a sua intelligencia, faltando-lhe a saborosa opportunidade de dizer mal? Porque, desde o momento que todos tivessesmos razão, acabavam, está claro, todas as razões de maledicencia. E nunca mais se discutia. Ponto final no cavaco dos cafés de Lisboa e das boticas da minha terra. E nunca mais se faziam tolices. Ponto final nas deliciosas tolices. Enfim, privava-se a gente de tudo que dá um bocadinho de interesse á vida. Nascia-se e morria-se a bocejar. Porém estas considerações não me impedem, jámais impediram, de admirativamente pôr o dedo no chão, confessando o meu erro, cada vez que te dignas manifestar,



em minha honra e para meu proveito, o teu superior criterio.

Não ha duvida. Tens razão. Tens sempre razão. O assumpto da minha carta, que encheu duas mal empregadas folhas de papel e o assumpto do livro de Lucie Félix Faure, que, maior desaforo ainda, encheu quatrocentas e vinte e seis paginas, é d'um antiquado, d'um fóra de moda, perfeitamente irrisorio! Quem pensa hoje nas fadas? Quem acredita, quem lê, as doces historias inverosimeis que fizeram o encanto da nossa infancia? Vá eu fallar aos teus filhos do patinho de Anderson, aquelle feio, defeituoso, ridiculo e adoravel patinho, que, apoz ter atravessado as mais horriveis tribulações, zombado, humilhado pelos companheiros, um dia, ao olhar a sua imagem reflectida no lago, descobre que se transformou em um maravilhoso cysne... Elles respondem-me immediatamente:— Pato novo feio só pôde tornar-se pato velho feissimo — E havia de ver como lhes provoca o riso a aventura do *Petit Chaperon rouge!*... Ah! creio bem. Onde está o lobo capaz de engulir um menino de agora?

Já nenhuma creança sonha com aquella famosa equipagem que levou ao baile da Princeza Encantada, a pobre Gata borralheira... Automoveis em miniatura, providos de complicados machinismos, que, a pezo de oiro, vende o Bénard, substituiram a equipagem das fadas, o carrinho doirado de Cendrillon. Os nossos pequenos nascem positivos, com



uma grande dose de senso pratico, notavel aptidão para os negocios e desencantados, horrivelmente desencantados!

— *La parole n'a rien d'assez joli pour exprimer les idées de bonheur d'une petite fille.* Ah! Meu pobre Pierre Nozière como tu retardas! Isso era no teu tempo, ha mil annos, quando, de surpresa em surpresa, descobrias os prodigios da terra. Os *petits Pierres* da actualidade encontram tudo descoberto já, mal começam a fallar aprendem a verdadeira significação das coisas, chamam-n'as pelos seus nomes... Decerto a illusão não morreu — a illusão que nasceu com o mundo só com o mundo ha de acabar — porém, transformou-se para as creanças como para os homens. Perdeu as suas divinas azas. Anda cá por baixo, muito cá por baixo, rasteirinha á terra.

O petiz de seis annos já não quer ser marquez de Carabas — o famoso *Chat botté* — ou, arrastando uma espada de latão, Malbrough que vae para a guerra. Immoovel, pensativo, defronte d'uma velha caixa de chapéos, imagina-se banqueiro, como o paesinho... E, quem sabe? Architecta talvez o sonho das libras a duzentos escudos...

A pequenita de quatro palmos de altura, que pôz na cabeça uma tira de papel doirado e atou sobre o bibe de rendas um velho laço de setim, não imita a Princeza de estrella de oiro na testa, macaqueia o penteado do Gésar, julga-se vestida pela Martin e se apanhar a geito uma caixa de pó d'arroz ou

um lapis de *rouge*, lambuza-se para ficar bonita como a mãesinha.

Ha tempos, passeiando no campo com a filha d'um meu amigo, cuja precoce intelligencia e poder de raciocinio faz a minha maior admiração... e o meu maior terror, tive a triste ideia de contar-lhe como S. Francisco de Assis amava as flôres, os passaros e, conversando com os regatos, os chamava seus queridos irmãos... Immediatamente ouvi este commentario, sublinhado pelo mais ironico sorriso: — E não haveria quem descobrisse que esse santo era algum tanto maluco?

D'ahi a pouco, vendo-a absorta defronte d'um cogumello, cahi na tolice de confessar-lhe, que, no tempo da minha infancia, os cogumellos serviam de chapêo de sol ás fadas... Já não apanhei apenas um sorriso ironico, apanhei uma gargalhada, com a seguinte resposta: — Pois eu nunca ignorei que os cogumellos são plantas e até posso dizer-lhe a que especie este pertence!

Já não ha creanças. As vidas desabrocham precocemente emurchecidas. Desappareceu do mundo a linda phantasia. Morreram as doces lendas, evolveram-se os queridos feitiços... Só para mim que, como sabes, estou na segunda meninice, [o palacio da Carochinha, conserva abertas as suas divinas portas. Ainda gosto de ouvir — querido, saudoso echo de vozes que se calaram — o velho: Era uma vez... Mas tu não tens culpa da minha demencia. E aqui prometto — oh!

prometto solemnemente! — não voltar a fallar-te em fadas, nem sequer n'aquella que, vestida de côr de rosa, fada das olaias, linda primavera de Lisboa...

— Arranja assumpto mais divertido. Desce das nuvens, conta o que ha de novo...

De novo ha que o jardim da Estrella estava hontem um pedaço de Paraizo. Não, eu não acredito que pudesse ser mais lindo o Paraizo e n'elle se respirasse uma mais doce paz! A Eva appeteceu colher o fructo prohibido... Muito mau gosto tinha Eva! E d'ahi talvez não... Eva era nova. Comprehendo a sua ancia do Bem e do Mal, a sua inconsciente curiosidade do amor e do soffrimento. A Eva não podia bastar a paz do seu calmo jardim. Só muito mais tarde se aprende a amar a paz. Quando se é Eva, ardente e moça, quer-se a inquietação, o tormento. Aos gozos do Paraizo preferem-se mil vezes as penas de certo inferno ineffavel.

Mas, valha-me Deus, parece-me que vou de mal para peor! Pedes-me novidades — coisas *up to date*... E mal largo as fadas pespego-te com Eva que, exceptuando-lhe a *toilette*, presentemente muito em voga, é anti-diluviana! Quanto ao fructo prohibido tornou-se um fructo tão sedição que, em sua honra, já nenhum paraizo se alvoroça, nenhum anjo com espada de fogo se incommoda. E todavia n'este momento — ah! respira, passo enfim a fallar-te da actualidade! — atrevessamos uma crise aguda de virtude, de *pruderie*... Hontem, em pleno Chiado, foi preciso o auxilio da guarda republicana

para proteger contra a furia do povo, uma senhora, cujo manto... da phantasia era quasi tão diaphano como aquelle que o Eça punha sobre a nudez da verdade. E os austeros poderes que nos regem empregam os seus ocios em caçadas ás inspirações demasiado... decadentes. Acabam de ser apprehendidos todos os exemplares de certo romance recentemente publicado, ameaçando-se com o mesmo castigo qualquer producção litteraria em que a moralidade não fôr escrupulosamente acatada. Ha quem pretenda que se trata apenas d'um ataque de macacomania — doença a que, desde sempre, Lisboa foi muito atreita. Estamos a fingir que escrevemos a celebre *Garçonne*. Não conhecendo o romance portuguez nem tão pouco o de Victor Margueritte, abstenho-me de dar-te, sobre o assumpto, a minha opinião.

E depois? Depois ha que todas as nossas conhecidas e amigas andam alvoroçadas com as novas modas. Mal a primavera começou a vestir as olaias, ouviram os pobres, aterrados maridos aquella phrase consagrada: — Não tenho nada que ponha! — E começaram as correrias á Martin, ao Ribeiro da Costa, ao Borges Duarte, a uma nova costureira — verdadeiro achado! — *Madame Cantua*, que surgiu para os lados de Saraiva de Carvalho. As mais felizes, bem entendido, abalam até Paris. Preferem Philippe et Gaston, Jean Patou, etc. Acham que fica... mais barato! Ah! negra sorte a dos maridos!

E depois? Depois fomos todas á *première* da *Ribeirinha*, deliciosa peça em que Amelia Rey Colaço, *bijou* do theatro portuguez... Porém, da peça deliciosa e da deliciosa actriz, melhor te dirá o artigo do *Noticias de Lisboa*, firmado por aquella brilhante penna feminina, objecto da tua grande predilecção.

E que mais? Mais ha que uma verdadeira epidemia de... amor, ou se preferires *the right word*, como dizem os nossos inimigos intimos inglezes, de namoro, invadiu Lisboa. Consta-me ser coisa frequente na primavera, porém, a mim, que ha muito não passava aqui a doce estação das andorinhas e das rosas, tem produzido certa surpresa.

Começa logo de manhã no *Diario de Noticias*, entre o annuncio de que se compram dentaduras em segunda mão e a promessa de alviçaras a quem entregar o cãesinho felpudo que dá pelo nome de Berloque, com «os muitos e muitos b. profundos, da alma, que o f. — teu até a morte — manda á Fifi — sua ingrata! — pedindo-lhe diga *emfim!* onde pode receber carta, porque, a vida sem ti e e sem carta, tornou-se o inferno do... outra vez teu até a morte...»

E pelo dia adiante nunca mais pára! Na sala de jantar do Palace, só a menina Suzanna, que um feliz acaso fez minha visinha, expõe com nodo o seu fragil coração ás baterias de quatro mezas. Nas paragens dos electricos onde o caso começa sempre por inquietar-me, parecendo-me

suspeita a insistencia do cavalheiro que, para traz, para diante, chapéo de palha tombado sobre os olhos, mãos cruzadas nas costas ou arrastando a bengala, ronda. Quem sabe? É talvez um legionario vermelho... O Bella Khum... Não tarda a bomba. Ou pelo menos um dos numerosos larprios que tem por habito chamar suas ás nossas carteiras. E já aperto com mais cuidado a minha quando, vendo-o approximar-se d'uma menina que, subtil, astuciosa, aproveitou a primeira distracção da mamã para lançar-lhe um ternissimo olhar, murmurando em surdin:a—Às trez horas sr. Amancio—constato que não é bomba, nem roubo que se prepara. É um namoro, mais um!

Namora-se em estylo nobre no Grandella, em calão nas salas e pastellarias elegantes, em andrajos, coçando freneticamente a grenha, nos bancos da Avenida, de espada, botas altas, *bonnet* ao lado, de avental, touca com pontas de fita, nos cantos dos jardins, entre cortinados vermelhos, no Club Tauromachico... Namora-se nas casas bancarias, nas repartições do Estado, na Presidencia da Republica, nas Juventudes catholicas, no Parlamento, no Senado...

Namora-se de olho, á velha moda dos nossos avós, namora-se em carta, por intermedio do gallego, namora-se ao telephone, namora-se em verso... Ah! parece-me que sobretudo em verso! Multiplicam-se os livros de poesia amorosa. Todo o menino e menina sentimental experimenta a ne-

cessidade urgente de rimar os seus idyllios, que a «Portugalia», a mais amavel e acolhedora das livrarias, expõe sobre colcha de seda ou de chita — segundo o gosto e a cathegoria do auctor, nas suas vitrines.

Vens? Não vens? Porque não vieste? Ainda me amas? A que horas passas? D'antes, no pittoresco tempo dos gargarejos, estes desabafos decorriam da janella para a rua, com a unica assistencia dos visinhos. Agora passam-se em lettra de imprensa, ao alcance de toda a gente. Pela minha parte confesso que, embora nas ternas queixas dos nossos namorados . . . publicos, encontre muitas vezes talento, ou pelo menos encanto e inspiração, preferia o gargarejo. Mas, repito, eu estou velha, rabujenta, tenho o gosto antiquado. . .

E, por hoje, digo-te adeus. Na minha proxima carta fallarei de outra doença, que está tomando proporções igualmente assustadoras entre nós.







Lisboa, 28 de março

É a doença da política — uma das mais perigosas e nocivas. Sim, minha querida amiga, parece-me que nunca se padeceu tanto de política em Portugal. Os partidos crescem, multiplicam-se, como os gafanhotos no Egypto. Ha os extremistas, os esquerdistas, os lealistas, os nacionalistas, os centristas, os communistas... Isto dentro da republica. E na monarchia, além dos manuelistas e dos integralistas, temos a acção republicana, os cavalleiros de Ourique, etc. Toda a gente é politica, desde a varina que te vende a pescada e na expectativa dos *soviets* te declara importante: — Quando fôr eu que compre e a senhora que traga o cesto á cabeça, então me dirá se acha caro — até a pretenciosa menina da Baixa que, para armar em *high-life*, traz pendente da pulseira ou do cordão um retrato miniatura do Rei e, nos electricos, nas lojas, nos animatographos, expande em voz alta opiniões immenso *thalassas*, nostalgias da côrte, que aliás nem por um oculo avistou; desde o jovem de quinze annos, que assignou a mensagem porque não lhe convem o actual pro-

gramma realista — até o revolucionario de barba hirsuta que reclama a republica intacta, pura, como a proclamaram os patriotas que... pernas para que te quero, fugiram da Rotunda no immortal cinco de outubro.

Com tudo se faz politica. Não se compra um carro de linhas na retrozaria X porque o seu proprietario foi visto, á porta da Brazileira, em colloquio com um homensinho de gravata suspeita. Não se vae á missa na igreja X porque o parochio tracta por tu o sr. Lino Netto, que abraça e beija todos os governos democraticos. Não se toma uma cozi-nheira porque serviu em casa monarchica ou vice-versa.

Os pequenos da B. não teem licença de brincar com os pequenos da P. porque os paes dos primeiros são pela carta constitucional e os dos segundos pela realeza absoluta. E já mais d'uma vez ouvi a minha amiga Marianna prometter uma palmada mestra aos filhos, se tornar a ouvil-os cantar o «Ora agora viras tu, ora agora viro eu», tão symbolico aliás da actual disposição dos espiritos, em côro com os miudos do rez-do-chão, sobrinhos d'um deputado commnista. De resto o proprio Lulu descreveu-me a attitude de nobre desdem que julgou dever assumir, quando, no jardim da Estrella, foi convidado por certo garoto radical, para tomar parte n'um concerto de tambores.

Ah! vae longe, bem longe, aquelle glorioso anno em que toda Lisboa, irresistivelmente palpi-

tou n'um unico culto, n'um unico enthusiasmo. A mão pequenina, aristocratica e forte como a mão de Bonaparte, já não preside aos destinos do paiz. E só pela saudade reina ainda nos corações, esse principe de milagre, Sidonio, o Bem Amado!

Homens e mulheres, grandes e pequenos, gladiam-se implacaveis. Cada um puxa para o seu lado — a braza á sua sardinha. Cada um tem a sua ideia que, a bem ou a mal, quer impingir ao visinho. Quanto a dizer-te quem pensa melhor, onde está a razão, não posso, nem sei. Nasci com uma d'estas faltas de geito para a politica! Abstenho-me sempre de dar a minha opinião na materia. Porque cada vez que me metto em fôfas é raia certa. Faço as mais deploraveis confusões. Já me aconteceu chamar Cozido ao sr. Guizado, Novinho ao sr. Velhinho, indagar do sr. Celorico quem lhe deu tamanho bico e, fiada n'aquella eterna ironia que preside aos nomes das pessoas e das coisas, enfileirar nas hostes da mais feroz democracia o sr. Cherubim, que depois, com surpresa, me constou ser um immaculado realista.

Atravez da grande barafunda uma unica coisa percebo e tanto doe ao meu coração! Victima da doença que cada dia mais se agrava, a Patria, a nossa linda Patria, morre... Ah! não tarda que rezemos por alma de Portugal!

Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page. The text is arranged in approximately 25 lines, though the characters are too light and blurry to transcribe accurately. It appears to be a continuous block of text, possibly a letter or a page from a book.

Avenida Palace, 30 de março

Talvez ignores, como eu ignorava, que o autor d'aquelles livros de tristeza e compaixão, tão sympathicos á piedosa ternura da tua alma, deixou tambem paginas de scintillante ironia. Dos-  
toiesky não limitou a sua clara analyse á parte infeliz da humanidade — doentes e criminosos — magistralmente descripta no *Crime et châtiment*. Lembrou-se um dia de olhar para a outra parte, composta de gente rica e venturosa, a gente que se diverte. Não affirmo que ella o divertisse por ahi além... Mas interessou-o. Todo o espectaculo interessa aos olhos que sabem ver. E, das impressões recebidas, ficaram os folhetins *La vie à Petersbourg*, reveladores do mais delicioso espirito de critica e observação. Quantas vezes elles me tem servido de commentario a coisas vistas e ouvidas cá! Porque, com mais ou menos fasto e mais ou menos tédio, ha seculos que, atravez do vasto mundo, a vida do mundo... divertido se repete. Ora, faze-me o favor de ler: *Malgré tout le charme de Borsi, de Guasco et de Salvi, chantant leurs rondes et leurs cavatines, nous avons traîné à*

*l'Opéra comme un stère de bois. Nous sommes fatigués et, si à la fin de la saison, nous avons jeté des fleurs sur la scène, c'était comme en réjouissance qu'elle fût terminée.* — Dize: o que te suggerem estas palavras? Não te suggerem nada?! É que não passaste o inverno em Lisboa, não tiveste ocasião de ouvir os desabafos das tuas amigas sobre as noites de theatro obrigatorio. Pois a mim Dostoiesky evoca-me um sem numero de opiniões e exclamações, irresistivelmente manifestadas pelos *habitués* de S. Carlos e das recitas francezas. — Mais uma injeção de *Parcifal!* E com esta já são trez! — Sem exaggero, Maria, nunca me impressionou, nem com o andar dos tempos virá talvez a impressionar-me, attitude tão acabrunhada, direi mesmo tão funebre, como a de certo janota, marido de janotissima senhora do nosso conhecimento — uma d'aquellas que não perde pitada! — ao exhalar, n'um suspiro — e que suspiro! — este queixime, quando, retocado, pomnadado, perfumado... prompto para o sacrificio, depunha sobre os hombros da consorte a capa de coelho branco. E se a resposta d'ella mostrava resignação — essa heroica resignação com que, desde sempre, as mulheres da sociedade affrontaram toda e qualquer estopada social — trahia, em todo o caso, um grande allivio, perante a certeza confortadora de que, Kundry formosa, peccaminosa e arrependida, resolvera enfim abandonar o palco de S. Carlos...

O que eu ouvi tambem sobre Pierat, sobre

Sergine, sobre Sorel! As vezes que se repetiu na plateia, nas frizas, nos canarotes, aquelle tão lisboeta: — Que maçada! Verdade seja o «que maçada!» tornou-se já um estribilho mundano, uma formula á moda. Entre nós quanto mais uma pessoa se diverte, mais se julga na obrigação de dizer:— Que maçada!

Porém, salvo raras excepções, eu creio que a maioria da gente não se aborreceu apenas pela fórma, aborreceu-se deveras, o que attribuo, primeiro, ao abuso. Ha quem ache indispensavel mostrar-se em todas as recitas, de fio a pavio... Ora, admirar no mesmo dia *mademoiselle* Sorel, em *matinée* e *mademoiselle* Sorel, em *soirée*, não é realmente cruz muito facil de levar ao Calvario.

E depois, fazendo sempre honrosas excepções, o nosso publico não aprecia muito o theatro francez. A prova é que Sergine, a actriz mais notavel que este inverno nos visitou, foi recebida sem o minimo enthusiasmo. Os homens acharam-n'a magra. E, como sabes, magreza é defeito que o portuguez jámais perdoou a uma mulher. As senhoras interessaram-se pelas suas *toilettes*, perscrutaram a sua vida intima...

— Como pode ella aturar o marido, aquelle Renoir tão frio, tão desenxabido, com o braço paralyzado ainda por cima?!

— Porque elle lhe quer com uma doida paixão...

— Historias! É porque Renoir tem uma fortuna enorme. Os *fourreaux* de tela doirada não se com-



pram com cascas de lapas... E antes um sensaborão riquíssimo do que a cabana e o teu amor, com vestidinhos de quatro vintens.

As senhoras interessaram-se também pelo thema de algumas peças do repertorio Sergine. Eu que o diga, eu que quasi não consegui ouvir a *Insoumise*, porque, na frisa á minha direita, a tua amiga S. e a tua amiga M. não cessaram de consultar-se mutuamente sobre as resoluções a tomar, se: «aquillo fosse com ellas...» Acho naturalissimo que esta peça, mais do que as outras, apaixonasse as tuas amigas, cujos maridos, como aliás quasi todos os nossos maridos, cultivam o genero turco, mas parece-me que poderiam ter escolhido outra hora para resolverem se devem ou não armar em Fabienne... E não fui mais feliz na noite do *Scandale*, porque, na frisa á minha esquerda, a tua amiga S. e a tua amiga C. discutiram, com igual calor. S. achando sublime o perdão do marido: — Marido assim até merece que uma pessoa nunca mais o engane! — C. não podendo supportar tamanha bacoquice: — Marido assim estava mesmo a pedir para ser enganado até a consumação dos seculos! — Ella era da escola antiga, a escola de Alexandre Dumas, pelo direito de matar... Ao que a outra resmungava: — Estavamos arranjasdas!

Mas, no que diz respeito a Sergine, o que verdadeiramente preoccupou, enthusiasinou e... despeitou a sociedade foi a *garden party*, offerecida á grande actriz, pelo sr. E. B. *To be or not to be*...



convidado para a *garden party* constituiu problema quasi tão importante como aquelle que pôz os miolos em agua ao Principe Hamlet. Houve mil esperanças, mil surpresas e outras tantas decepções. . .

Pierat, um pouco menos magra do que Sergine, ainda está a cem leguas do gosto nacional. Falta-lhe muito, falta-lhe immenso, para poder considerar-se o que por cá se chama uma boa mulher. Não teve pois a aprovação do elemento masculino.

Pierat foi admiravel na *Marche nuptiale* — essa mais linda de todas as lindas peças de Bataille — mas S., a minha vizinha da direita, notou logo que todos os seus vestidos eram do anno passado e o de *chiffon* côr de rosa, com que Grâce assiste ao baile dos Lechatellier, quando resolve morrer para não atraiçoar Claude, estava mesmo a tradução á lettra de *chiffon*, isto é, o que se chama um trapo!

Pierat foi deliciosa, uma obra prima de ternura e coquettismo, na *Amoureuse*, mas C., a minha vizinha da esquerda, observou — e com cargas de razão! — que Lugné Poë estragava tudo. Lugné Poë, para fazer o papel de marido inspirador de tão arrebatados transportes, deveria ter recorrido antes ás injecções de macaco. Póde lá admittir-se o *je t'aime* teimoso de Germaine applicado aquella ruina!

Pierat foi grande e tragica e enternecedora na *Monna Vana*, mas não houve em toda a plateia, frisa, camarote, geral do S. Luiz, quem não reparasse que, para offerecer-se em holocausto pela sua

patria, Monna Vana levava aos hombros a mesma *étole* de arminhos, usada por *Grâce*, pela *Amoureuse* e até pela Princeza Georges... — Porque bem entendido, houve Princeza Georges... Quando será que as companhias francezas deixam em paz a Princeza Georges?! — E Pierat devia saber que, n'um paiz onde as senhoras compram por estação de trinta a quarenta vestidos e possuem de uma a duas duzias de *étoles*, usal-as assim em segunda, terceira e quarta mão, é realmente fazer pouco da gente. Depois Pierat esteve sempre de mau humor. Às pessoas que visitaram o seu camarim disse, invariavelmente: — Tenho frio!

E apesar da *garden party* do sr. E. B. — porque, como Sergine, Pierat teve *garden party* — e do almoço em casa d'uma das nossas mais elegantes titulares e da commenda de S. Thiago que, ninguem sabe a que cargas d'agua, o sr. Presidente da Republica lhe poz ao peito, consta-me que a illustre societaria da Comedia franceza partiu, como chegou, sem dar a ninguem um arsinho da sua graça.

*Mademoiselle* Sorel, outra illustre societaria da casa de Molière, veio de muito melhor catadura. Não se queixou do frio. Foi generosa em arsinhos de graça. Teve mesmo um gesto: o do Campo Pequeno, para sempre celebre nos annaes tauro-machicos. Em troca do primeiro par de bandarilhas, que galhardamente lhe offereceu certo formoso, desempenado cavalleiro, *mademoiselle* Sorel, n'um esquecimento bem desculpavel da inviolabilidade

das algibeiras alheias, sacou da do sr. C. A. uma carteira de oiro, atirou-a á cabeça do *diestro*, com um: — *Oh! le chic type!* da mais larga significação. E se as coisas ficaram por ali a culpa não foi d'ella que, da melhor vontade teria passado ao segundo capitulo, mas do gentil cavalleiro, teimoso na opinião, aliás certamente errada, de que] *mademoiselle* Sorel, só... da arena para o camarote e vista sem binoculo.

Entre outros pratos de resistencia, a actriz dos eternos *paniers* serviu-nos a *Dama das Camélias*. Que Margarida Gauthier e Sarah — a sua divina interprete — lhe perdoem. Que a Armand Duval seja levado em conta dos seus peccados. Pela minha parte nada tenho que perdoar. Em minha honra e proveito *mademoiselle* Sorel não estropiou o drama famoso de Dumas filho. Os berros de Margarida não attingiram os meus ouvidos. D'essa me livre eu, como de resto, me livre de todas as suas recitas. Detesto estragar as minhas lembranças boas e, ha muitos annos, trouxe de Paris a melhor lembrança de Sorel que então na *Comédie* se limitava a representar as grandes *coquettes*: uma deliciosa escala, começando por Celimène, acabando n'aquella adoravel Jaqueline dos *Effrontés*... Vejo-a ainda, vestida de velludo preto, sob o grande chapéu de plumas Gainsborough... Oh! a linda Devonshire! Para me affligir bastou-me a curta visão que tive da actual Celimène, uma manhã no Palace, quando toda de branco, inverno

fingindo de primavera, ella almoçava entre rapazes.

Mas isto são caturrices minhas. Houve quem apreciasse de bem differente maneira os encantos de *mademoiselle* Sorel. Posso mesmo affirmar que houve quem a considerasse muito superior a Sergine e a Pierat, por uma aliás poderosa, poderosissima razão: os seus vestidos. Parece que de tamanha elegancia e tamanha magnificencia jámais tinham apparecido em Lisboa! E nem sequer nos remotos tempos da Biblia, quando Salomão — o esplendido — recebeu a visita da sumptuosa Rainha do Sabá... Por amor d'elles até a sr.<sup>a</sup> D. R. — uma das victimas do theatro estrangeiro — declarou haver supportado, sem grande sacrificio, o *Tartufo*. — E Deus sabe se ella tem horror ao *Tartufo*! — No Palace correu tambem uma historia que vou contar-te, sem todavia poder garantir a sua absoluta veracidade. Certa senhora, minha e tua conhecida, conseguiu, á força das mais subtis artimanhas, introduzir-se no guarda-vestidos de Celimène e, munida de thesoura e varios numeros do *Diario de Noticias*, tirou o molde de todas as suas mangas.

*La dona é mobile*. . . *Mademoiselle* Cécile Sorel que entrou de bom humor — toda ella sorrisos e graças, toldou-se á partida. Teve uma birra — é da idade. . . — Não quiz ir á *garden party* do sr. E. B. Pedidos, instancias, conselhos, foram baldados, inuteis. A societaria da *Comédie* escudara-se n'uma razão de força maior. Não tinha quem a

acompanhasse. O sr. E. B. não lhe mandara *chaperon*. Embora tão intelligente, tão conhecedor da pragmática, esquecera que Cécile, na sua qualidade de menina solteira, não frequentava *garden parties* sem um *chaperon*! . . .

E as senhoras, que na ancia de novos modelos de mangas, esperavam alvoroçadas, entre os floridos canteiros da Junqueira, esperaram em vão. Na manhã seguinte; á hora da partida, a actriz mostrou-se entre nuvens ainda, o que não a impediu de apenas desembarcada em Paris, fornecer a todos os jornaes extraordinarias noticias sobre o triumphal acolhimento recebido dos portuguezes. Parece que não tiveram conta, pezo, nem medida as marchas *aux flambeaux*, que, em pleno delirio, *mademoiselle* Sorel atravessou as ruas e praças de Lisboa sobre um andor, como as antigas santas das nossas procissões, que todos nós a trouxemos ás costas, etc., etc., etc., etc.

Mas o caso é que se foi embora. Ficámos livres d'ella.

— Mais uma lebre corrida! — exclamava um dos . . . entusiasticos auditores do *Tartufo*.

Comtudo ainda não attingimos o tal momento de regosijo, apontado por Dostoiesky. É cedo para encher o palco de flôres. *Mademoiselle* Sorel — a das anquinhas e dos corpetes de ramagens, abalou, porém, já *madame* Cora Laparcerie — a *Danseuse rouge*, se annuncia . . . Pela parte que me toca só alimento a seu respeito, um desejo e uma

esperança : que o sr. Presidente da Republica moderar os seus impetos no capitulo condecorações...

O inverno, abundante em companhias francezas, foi tambem abundantissimo em conferencias : a de Veva de Lima — a que fez mais barullho e levou á sala da Liga Naval, encasacada, fardada, decotada, toda Lisboa que se préza. Tetralogia tragica, posta nas nuvens por uns, na rua da amargura por outros, de que não posso dar-te largas noticias. Uma das minhas importunas enxaquecas impediu-me de ouvir-a, sabendo apenas por informações que, deliciosamente elegante, feminina, quebradiça, no seu vestido branco, um frivolo vestido de baile, Veva de Lima disse duras verdades, com a mais desassombrada coragem, e um acto de coragem jámais foi inutil. Serve ao menos de exemplo e... de vergonha a tantos que d'ella andam inteiramente falhos.

A de Branca de Gonta, estudo sobre poetisas portuguezas ou antes elogio das poetisas portuguezas, porque a voz musical d'esta senhora, linda voz expressiva da sua linda alma, sempre que falla de alguem é para enaltecer-lhe o merecimento. E quando o merecimento não existe inventa-o essa outra intelligencia, n'ella tão grande como a de espirito : a bondade, intelligencia do coração.

Em série brilhantissima, subtilmente prefaciada pelo sr. Embaixador do Brazil, as conferencias de Souza Costa, Affonso Lopes Vieira, Trindade Coelho, Aquilino Ribeiro. E para rematar, friamente



— não, friamente é pouco — glacialmente acolhidas, as de *Madame Delarue Mardrus*, no S. Luiz. Assisti apenas á primeira. Concorde que *Madame Delarue Mardrus* não foi feliz. Metteu-se a discorrer de litteratura portugueza e é sempre perigoso discorrer sobre assumpto que se não conhece. Depois deu-lhe para repisar sobre os methodos empregados na composição dos seus romances, o que de altissimo interesse para ella, fraquissimo interesse tem para nós. Aconteceu pois, que ao lembrar-se emfim de recitar-nos alguns dos seus deliciosos, suggestivos versos, já o publico cançado, aborrecido, não se deu ao trabalho de ouvi-los e com o menos cortez e mais significativo dos silencios, respondeu á pergunta amavel: — *Faut-il en dire davantage ?*

Sim, *Madame Delarue Mardrus* não foi feliz. Todavia, a escriptora cuja prosa mereceu a Charles Maurras, fóra de todas as condescendencias politicas — *Madame Mardrus* não faz parte da *Action Française* — o qualificativo de *tout premier ordre*, tinha direito, parece-me, a uma mais affavel recepção. E se Lisboa que sabe ler — oh! innegavelmente sabe ler! — conhecesse o *Roman des six petites filles*, nem precisaria da opinião de Maurras para, a quem tão adoravelmente escreve, perdoar e applaudir o pouco bem que fallou. Mas *Madame Mardrus* era quasi desconhecida aqui. Lisboa desconfia algum tanto da litteratura feminina. Já não acha pouco ver-se a braços com as suas numerosas

plumitivas. Julgo que, além de Gyp, Pierre de Coulevain, a condessa de Noailles e Colette Willy, nenhuma escriptora franceza é lida entre nós.

De resto, eu não sei para que hei.de tomar as dôres de *Madame Mardrus*. Não obstante recepção glacial, plateia quasi ás moscas, fiasco da recita de homenagem, em que se salvaram apenas os versos francezes e hespanhoes que disse, como só ella sabe dizer, isto é: com encanto inexcedivel, Amelia Rey Colaço e as graças de Salomé que, em harmonioso soneto, contou Virginia Victorino — essa poesia viva — a auctora do *Roman des six petites filles* declarou-se satisfeita, satisfeitissima. Assistiu a uma toirada no Campo Pequeno, ouviu o fado — de encomenda aliás — n'uma taberna da Mouraria, comprou uma gaiola com um grillo na Praça da Figueira e partiu radiante, promettendo voltar.

As *vitruines* da «Portugalia» honram-se n'este momento com os seus livros. Digne-se Lisboa lel-os e constatará que nenhum favor lhes fez Maurras, considerando-os de *tout premier ordre*...

Ao teu gosto perfeito recommendo-os como o que ha de mais finamente delicado e encantador.



Lisboa, 2 de abril

Voltas a pedir-me que te falle de Lisboa. E se eu te perguntar de qual d'ellas, responderás certamente, com aquella espevitada decisão de que dás prova em todos os assumptos: —Tu não estás boa da cabeça, Lisboa é uma só!

Que eu não esteja boa da cabeça, acho perfeitamente admissivel. Salvo raras excepções, entre as quaes não tenho a pretensão de incluir-me, ninguém pode gabar-se de trazer os miolos sãos. Mas, quanto a Lisboa ser uma só, protesto. Ha tantas Lisboas!

Aquella que eu amo, que mais me interessa quando estou perto e me sorri nas lindas aparições da saudade quando d'ella ando apartada, é a Lisboa dos bairros antigos, cantante de antigos pregões... Pittorescas escadinhas, viellas tortuosas, adormecidos largos que acordam cada primavera alegres gorgeios de cotovias, ruas ignoradas por banqueiros e *chauffeurs*, esquecidas pelo municipio, deliciosas ruas cujos nomes contam ainda historias do passado, mansardas que foram palacios, onde sonharam princezas... Lisboa dos

Loyos, de Santo André, do Pateo do Fradique, nostálgica do *ruge-ruge* das *crinolines*, do estrepitoso rodar das segas, do mysterio doce das cadeirinhas. . . . Typica Lisboa de Alfama, tão fidalga e tão fadista, com algazarras de desordem e silencios de meditação.

Lisboa de conventos, de egrejas, de calados, solitarios claustros, os claustros que viram partir as freiras e viram fanar-se os canteiros; Lisboa dos côros sumptuosos onde se sentaram as commenda-deiras; Lisboa da Sé em ruinas, de Santos devastado, da profanada Madre de Deus. . . Lisboa de azulejos, illuminuras e vitraes, Lisboa de coisas passadas, Lisboa que não tarda a morrer. . . Já de ha muito pessoas civilisadas. . . e de bom gosto vêem reclamando o arrazamento de todos esses miseraveis bairros, vergonha d'uma capital e acabo de ler no *Noticias* o grandioso projecto de largas avenidas, que breve transformarão Alfama em catitissima parodia dos. . . *boulevards*. No velho castello de S. Jorge planeia-se um modernissimo *Palace*, com elevadores *dernier cri*. . .

Mas, outra Lisboa eu amo tambem e contra essa louvado Deus, julgo que não se conspira ainda: deslumbrante de luz, ebria de côres e de perfumes, eternamente nova, eternamente linda, a Lisboa dos jardins.

Quanta gente conheço que, habitando a capital, nem suspeita ou desdenha a existencia d'esses jardins!

Ainda ha poucos dias uma das tuas mais elegantes e... irritantes amigas declarava, com profundissima convicção: — N'esta infecta cidade não ha um unico logar onde se respire, onde possa fazer-se um pouco d'esse hygienico *footing*, que tanto contribue para que as mulheres se conservem delgadas...

Em que peze a essa tolissima senhora, ha o Campo Grande, com largas alamedas banhadas pelo sol, onde nas claras manhãs, é delicioso passeiar, com discretas sombras de parque e alegres suavidades de jardim, um bosquesinho de acacias côm de rosa, macissos de cinerariás côm da purpura que veste os cardeaes, um lago transparente, limpo espelho dos cedros immutaveis e das frivolas, ephemeras olaias... Activo, penetrante, como em parte alguma o senti, o aroma das violetas embalsama o ar...

Em que peze á mesma senhora ha o parque das Laranjeiras. Mas eu estou mesmo a ouvi-la exclamar, levando ao nariz o seu lencinho enso-pado na ultima mixordia de Guerlain: — Que horror! Cheira a bicho!

Certamente a tua amiga nunca passou da gaiola onde chora a inconsolavel viuva do macacão Faustino, das jaulas onde o leão passeia a sua nostalgia do deserto e o tigre arregalando gulosos olhos... Para ella as Laranjeiras são apenas o jardim zoologico: um nome evocador de macacos e de feras. E se eu lhe disser que além das jaulas e

das gaiolas, ha adoraveis refugios de verdura, cantos de tanta paz como deviam ser... antes do peccado, os cantos do Paraizo, perco o meu latim, Sua Ex.<sup>a</sup> não me acredita, continua a cheirar-lhe a bicho.

Ha ainda para os lados de Bemfica, mais do que todos ignorado — eu propria com vergonha o confesso, só este anno o conheci — um grande parque. Rescendem as suas alamedas á sã resina dos pinheiros e canta o vento nos altos ramos aquella canção de melancholia em que passam vozes do mar.

Relvados, ceáras, alegria vermelha das papoulas, doirada alegria dos malmequeres, margaridas alvinhas que tinge um leve rubor, e a neve dos espinheiros — esse noivado de abril, sebes de madsilvas, delirio das loiras abelhas, vestidos roxos de olaias, vestidos cinzentos da oliveiras, arbustos de flôres inuteis, que floriem por florir, como tantas coisas na terra e, doce promessa de fructos, a flôr rosada dos pecegueiros, a branca flôr das macieiras, macissos de *delphinus* em aristocratica escala de azues, bordaduras de myosotis cuidados e, junto aos ribeirinhos, entre as folhas dos trevos, os myosotis de que cuida apenas a graça do Senhor... Parque, jardim, pomar, campo: tudo encontras na tapada da Ajuda, a dois passos do electrico. Porém a tua amiga, se é que alguma vez ouviu falar d'ella, considera-a tão longiqua e inverosimil como aquelle bosque adormecido que habi-

tava a bella encantada. A tua amiga exige certamente que lhe ponham em pleno Chiado, á porta do Leitão, ou em plena rua da Emenda, á porta da Martin, o terreno propicio ao seu elegante *footing*. Aposto, que mesmo em dia de visitas no aristocratico bairro da Estrella, ella jámais se lembrou de atravessar o jardim. Prefere vel-o de fóra, se é que o vê... e com um suspiro que vae direitinho a Paris, murmura: — Faz saudades do Monceau!

Queria... mas não ousou, aconselhar-lhe que se demorasse uma tarde, no terraço de S. Pedro d'Alcantara, a ver morrer sobre Lisboa, o sol...

Se me atrevesse contava-lhe tambem a maravilha que é uma noite de luar no pequenino jardim da Graça... E o delicioso arsinho melancholico que, em opposição ao seu nome, toma cada inverno o jardim da Alegria...

Dizia-lhe ainda que, para os lados de Belem, mesmo defronte das rendas dos Jeronymos, na sombra das magnolias... Mas tudo isso ella julga logares *mal famés*, aproveitados apenas pelas sopeiras para os seus idyllios com os guardas republicanos. E innegavelmente tem razão. Nos meus frequentes passeios, pelos parques e jardins da cidade, nunca avistei uma pessoa conhecida. Aparte os idyllios a que se refere a tua amiga, um ou outro garoto que espreita os ninhos ou dorme regaladamente sobre um banco, a solidão é completa. Abrem as rosas, enche-se a glycinia de cachos perfumados, riem os meiros, a suave vozinha do cuco

annuncia que já é primavera, sem que a maioria dos habitantes de Lisboa dê um olhar á doce maravilha todos os annos renovada. Na immensa população de Londres e Paris é geral, parece-me, o gosto pela natureza. Os ricos passam cada fim de semana — *Week end*, escreveria a tal senhora. . . — no campo. E, tu sabes, que as manhãs do Bois e do *Hyde-Park* são o *rendez-vous* do que ha de mais elegante na cidade. Vaes dizer-me que não é o amor das arvores que leva essa gente. . . E, sem duvida, parte d'ella vae por snobismo. Mas, que seja por isto, que seja por aquillo, lá está, na festiva alegria do sol, respirando o puro ar matinal.

Em Lisboa houve quem-pretendesse lançar as manhãs do Campo Grande. Na primeira appareceram, mai humoradas, tontas de somno, duas senhoras a cavallo, outras duas de meias de seda e saltos á Luiz XV, a pé. Na segunda appareceu uma senhora dentro d'um *coupé* fechado e na terceira julgo que nem metade de senhora. As nossas elegantes, heroicas, promptas aliás a todos os sacrificios que lhes impõe a moda, acharam exorbitante o d'aquella madrugada na secca do Campo Grande!

O povo enche cada domingo os jardins e bosques de Paris, toma o seu chá, lê a sua biblia, troca os seus doces *I love you*, sobre os macios relvados dos parques de Londres. Ha velhos paralyticos que se fazem transportar ás Tuiherias para distribuirem migalhinhas de pão aos pardaes. Cada raio de sol aquece o frio d'uma alma, cada aroma de fiôr é o

encanto d'uns olhos, cada gorgeio d'ave leva alegria a um coração. Não se desperdiçam os bens do Senhor. Na nossa terra, a nossa divina, privilegiada terra, quem os vê, quem se importa com elles? O povo embecbeda-se aos domingos e dias santos, vae ao animatographo, onde lhe ensinam a maneira mais pratica de roubar e assassinar ou vae aos conicios, donde lhe partem a cabeça, depois de a rechearem com as mais perigosas tolices.

Quanto á sociedade, acorda, em geral, ás horas em que os passaros e as flôres adormecem. De resto a natureza não a interessa.—Para mim uma arvore e uma couve é tudo o mesmo, costuma declarar-me uma das minhas mais distinctas amigas.

Outra senhora conheço que, nem sequer em pleno verão, tem coragem de deixar o seu palacete da rua \* \* \*, contentando-se, por toda vilegiatura, com idas a Cascaes no rapido das cinco, em dias de festa na Parada.

D'outra ainda consta-me que só considera agradaveis dois logares na terra: Paris para fazer vestidos, Lisboa para mostral-os!

Mas não foi decerto com o fim de provocar estas considerações que me disseste: — Falla-me de Lisboa. . . Oh! eu bem sei que não foi! Tenho estado a fazer-me de novas, a judiar contigo. Percebi logo a qual d'ellas te referias, que genero de noticias reclamavas. Hoje porém, não posso dar-t'as. O dia está tão macio e tão lindo! Convida á



preguiça... Sinto-me sem a minima disposição para ouvir e repetir historias, a não ser aquellas que me contam, no seu alegre chilrear, às pardaes da Avenida. Duas unicas companhias me attrahem. A de *Monsieur* de Lourdines... Não faças juizos temerarios. *Monsieur* de Lourdines é um livro, paginas de deliciosa melancholia, evocadoras dos velhos *manoirs*, nos velhos bosques de França.

E mais querida ainda porque me evoca os nossos campos—doçura dos prados que riem na alegria dos regatos que cantam—a d'um fresco ramo de casadinhos... Antonia já desceu com as minhas rigorosas instrucções. Não recebo ninguem. Bem vêes pois: ainda que me batam á porta não entram as noticias que tu desejas, as besbilhotices de que tu gostas. Quanto a *toilettes*, certamente ellas faziam parte do teu programma, posso apenas descrever-te aquellas que, a cada instante, veste e despe, na sua linda mobilidade, o lindo céu de Lisboa...



Avenida Palace, 16 de abril

Uma campainha soou estridente. Acordei em sobresalto, esfreguei os olhos, pensei que era um pezadello. Cada um sonha como vive, disse o Padre Antonio Vieira. Eu ultimamente tenho vivido ao som da campainha. Voltei-me para o outro lado... Mas a dita retiniu, impaciente, nervosa! Tornei a esfregar os olhos. Acendi a luz. E forçoso foi render-me á evidencia. Era o telephone, o desalmado telephone! Desde que — oh! maleficios da civilisação! — installaram no meu quarto esse instrumento de supplicio, nunca mais tive socego, nem de dia, nem de noite, nem de madrugada.

Mas... deixa estar que eu já te arranjo! Fechei os olhos, tapei a cabeça com o lençol e... toca para ahi! Ai de mim! Toca para ahi é bom de dizer... Tanto tocou, tanto repenicou, o maldito, que acabei por convencer-me: Se não respondo é obra para toda a noite. Tomei pois o auscultador, fiz a pergunta do estylo: — D'onde falla? — Immediatamente uma voz auctoritaria, a voz de Lili, brañiu furiosa: — Tu és surda ou fazes-te?

— Lili, eu estava no melhor do meu somno...

— Ninguém tem culpa que te deites com as galinhas...—E, mais sacudida, mais energica:—Ouve lá, tu não fazes tenção de pôr os pés nas Serpas?

— Quaes Serpas?

— Ora, quaes Serpas!! Já começas a cahir das nuvens. As Serpas são só umas e, desde o principio do inverno, teem tido *matinées* em que brilhaste sempre pela ausencia, amanhã é a ultima, porque, como sabes, isto é: tu nunca sabes nada, como devias saber... Estás lá?

— Estou...

— As Serpas partem para Paris, para a faina dos vestidos. Acho de absoluta necessidade que appareças.

— Oh! Lili, eu amanhã...

— Isso, põe-te com coisas e depois queixa-te se nunca mais te convidarem.

— ...

— Sim ou não? Vaes ás Serpas?

— Irei ás Serpas.

— Ouve. Passas por cá, coisa que não acontece ha cem annos...—Aqui o telephone teve um devaneio. Una voz d'homem, pegajosa e lenta, supplicou: — Menina Suzanna não desligue... — Outra voz afflautada inquiriu: — É o sr. Segurado?—Até que o alto, imperioso timbre de Lili, tudo dominou: — Estás lá?

— Estou.

— Vem cedo.

— O que chamas tu cedo?

— Às quatro horas.

— É na verdade uma madrugada!

— Para termos tempo d'ir ás lojas antes da *matinée*. Tu não precisas de coisas?

— Lili, eu a esta hora preciso sobretudo de dormir...

— Deixa-te de tregeitos. Pouco passa da meia noite.

— Costumo deitar-me cedo...

— Pois eu tenho uma lista de compras de alto lá com ella!

— O medico manda-me...

— Começando pelo sapateiro, que me tem feito cada albarda... Ainda te calças na Garrett?

— Ainda, Lili, mas agora se me dás licença...

— Ouve...

— ...

— Podemos tambem fazer a visita de pezames ás Carvalhos. Tu és muito capaz de ignorar que morreu o Alfredo...

— Realmente...

— Logo vi. Vives no mundo...

— *Comme n'y vivant pas!* Era o que fazia S. Francisco de Sales...

N'estas alturas o telephone desnor-teou outra vez. Houve nova embrulhada de: — Está lá? — Quem falla? — A mesma voz pegajosa e lenta quiz saber se decididamente a menina Suzanna embirrava em não apparecer no Monumental. Uma doce voz franceza murmurou *Allo* e depois *Allato...* Já,

aproveitando a confusão, eu ia desligar quando ouvi o—«Quem?» imperioso de Lili.

—S. Francisco de Sales...

—Deixa a maçada dos santos. Trata-se do Alfredo...

— Coitado!

— Pois é verdade, lá se foi. Enterrou-se ontem. E como, para nosso mal, cá ficou a mulher... Estás lá?

— Estou... (Que reinedio!)

— Temos de consolal-a...

— Perfeitamente, Lili, consolaremos. E agora adeus...

— Ouve... Estás lá?

— Estou. (Já me parecia que até a consummação dos seculos!)

— Tenho pena de não poder dizer-te para jantares comigo, mas estou convidada pela ministra de França, a Bonin. Tu conheces...

— Conheço, Lili... Mas agora...

— Não achas sympathica?

— Lili, eu quando estou com somno nem sei o que acho...

— Pois, dorme para ahi, meu pastel!

— Obrigada, Lili. Boa noite.

— Ouve.

— !!

— Vê lá se arranjas enxaqueca...

Lili, que assim perturbou ante-hontem o meu somno, considera-se o principal traço de união en-

tre a minha pessoa e esse elegante mundo, onde dão *matinées* as Serpas e morrem os Alfredos. Realmente se ella não puxasse por mim, não sacudisse a minha negligencia, não me lembrasse os meus deveres, ha muito teria ido por agua abaixo o pequenissimo logar que occupo na sociedade lisboeta. De tempos a tempos abrem-se longas separações, longos silencios entre nós, penso: — A minha falta de geito desanimou Lili. Lili votou-me ao abandono, ao esquecimento. Tem mais que fazer. E rezo por alma da nossa amizade. Mas, vae se não quando, remexem-se as cinzas, a chamma desperta. Lili está de novo na brecha, toma a sua voz de commando, ordena: — Vem para aqui. Marcha para ali. — E leva-me para onde quer. . .

— Vê lá não arranges enxaqueca. . . — Confesso que estive quasi a arranjar. Se a tenho tantas vezes fóra de proposito, justo é que, de vez em quando, para minha defeza e conveniencia, me seja permittido invental-a. Mas. . . não sei resistir a Lili, quando Lili brande na minha frente o minusculo *en cas*, a que serve de cabo uma cabeça de *bull-dog*, em memoria do seu cão, Fortuné, como aquelle que junto de Josephina mettia na ordem Napoleão, parece-me ver desembainhada uma bayoneta. E eu não vim a este mundo com o animo guerreiro. Mais uma vez pois, obedeci ás ordens peremptorias. Eram trez horas e meia da tarde de hontem, suave, luminosa tarde, brincava uma pequena nuvem prateada no céu azul, um frémito doce fazia

estremecer de leve os galhos rosados das olaias, quando me puz a caminho para terras do *high-life*, as terras da tua predilecção que, seja dito de passagem, eu nunca abordo sem um certo terror. Lembra-me ter ouvido um velho e experiente amigo descrevel-as como campos de renhido combate, onde nos arriscamos a perder, juntamente com muito tempo e dinheiro, a saude physica e moral, a faculdade de ver claro, de fallar verdade, etc., etc.

Às quatro horas estava em casa de Lili. Na pequena saleta, contigua ao quarto de *toilette*, a criada annunciou-me que a senhora não tardava. Acabara de tomar banho. Agora era só pentear, vestir: obra de cinco minutos. Quasi ao mesmo tempo, abrindo uma fresta da porta que me permittiu avistar-lhe apenas as rendas da touca, Lili desculpou-se, entre risonha e embaraçada: — O *bluff* prolongara-se até muito tarde, depois aquella maçadora da Marianna não desapegara a contar historias... E a gente a alguma hora ha de dormir... Que esperasse eu um boccadinho, fizesse paciencias ou, preferindo ler... o *Cœur Pensif* de... de não sei quem, deve andar para ahi... Dizem que é admiravel.

Optei pelo *Cœur Pensif* admiravel. E sobrou-me tempo para admiral-o... Julgo que até para decoral-o! Eram quasi cinco horas quando Lili appareceu, de chapêo alto, gritando ainda para dentro que não encontrava o veo! — Ah! estas lufas-lufas só por tua causa!

Installámo-nos no sumptuoso automovel da mi-

nha amiga. Eu murmurei:— Como seria bom ir por alhi fóra! Lili ordenou:— À sapataria Garrett. E no curto trajecto entre a rua \* \* \* e o Chiado, prefaciadas com o classico:— Mas não repitas a ninguém—ouvi as ultimas sensacionaes historias que correm os *boudoirs* da alta roda, os ditos espirotuosos da C...—Lá isso para graça não ha outra!—E as parvoeiras da M...— Olha, vem a proposito (dobravamos n'esse instante a esquina da Havaneza) queres saber a unica differença que ella nota entre a rua de la Paix e o Chiado? Aqui ao menos uma pessoa encontra gente conhecida e, na tal *la Paix*, anda leguas sem que um homem lhe tire o chapéo! Mas ainda ha melhor...

Ficou para a outra vez o melhor. O automovel parara defronte da sapataria Garrett, onde uma compacta multidão de senhoras fazia cauda, aguardando o ensejo de sentar-se no cubiculo interior, com um caixeiro de sapato em punho, aos pés. E baldados foram todos os nossos esforços para transpôr os humbraes de tão concorrido templo da moda, limitando-se Lili a gritar do automovel:— Os sapatos estão umas chancas, ou me dão outros ou vou para o Contente.

Entretanto, dois rapazes que faziam sentinella á porta da Marques, precipitavam-se ao nosso encontro:— A sr.<sup>a</sup> viscondessa! Oh! ditosa sorte os trouxera ali! (Como se lá não estivessem sempre!) E seguiu-se um alegre tiroteio de amabilidades, de graças... O mais baixo, mocinho quebradiço, que





lembrava um periquito, em prodigios de caretas para equilibrar o monoculo, quiz saber se era verdade que a sr.<sup>a</sup> viscondessa correria emfim com a Maria Juliana. . . Se podiam ter a certeza de jantar com a sr.<sup>a</sup> viscondessa sem que o trambolho da Maria Juliana lhes perturbasse a digestão. . .

Lili assegurou que d'esta vez era a valer, aquella trapalhona nunca mais lhe punha os pés em casa.

O rapaz mais alto, de ar estrangeirado e imenso nariz, approvou gravemente: — Só tinha pena que a intelligencia, o tacto da sr.<sup>a</sup> viscondessa não lhe tivessem suggerido mais cedo tão acertada resolução.

E todos trez ao mesmo tempo, saltaram na Maria Juliana, com tamanha vontade que já eu pensava: nem a alma se lhe aproveita, quando surgiu o derivativo salvador. Uma senhora vestida de roxo, calçada de roxo, enchapelada de roxo, enluvada de roxo, pintada de roxo, sahia da florista, seguida por um homem alto e gordo, carregado de embrulhos. Periquito, cujo monoculo não cessara de perscrutar as immediações, annunciou alvoroçado: — Ahi temos a Gloria mascarada de Senhor dos Passos! — Lili debruçou-se, assestou o *lorgnon* e, n'um abrir e fechar d'olhos, á exclamação para nosso uso: — Essa toleirona nunca ha de vestir-se como toda a gente! — succedeu para uso de Gloria que, no tilintar dos seus mil braceletes de vidro. . . roxo, lhe apertava a mão, o mais amavel, encantado: — Que *chic*! Que elegante! — enquanto Pe-



riquito, requebrando-se todo, murmurava: — Uma violeta! — E o outro, do alto do seu importante nariz, inquiria: — Vem civilisar o Chiado? — Mas Gloria explicou, modesta, que fazia compras como qualquer mortal, rindo accrescentou que o Albano estava com um humor de cão, furioso por causa dos embrulhos! Já até citara, para consolal-o, o exemplo do seu collega Lord Byron, que após ter declarado mil vezes preferivel o officio de cavador de enxada ao de *chevalier servant* d'uma mulher bonita, vivera annos, carregando os embrulhos de Thereza Guiccioli... E despediu-se. Tinha muito que fazer. Oh! não ficava por ali o martyrio do Albano!

Lili segredou immediatamente ao Periquito: — Eu não posso com aquella mania de estar sempre atirando á cara da gente *lords* que ninguem conhece!

Periquito ainda achava mais insupportavel a condessa Guiccioli em italiano *plus beau que nature!* O do ar estrangeirado concluiu: — Escusam vocês de estar com escolhas, a Gloria é insupportavel em tudo em geral e em cada coisa em particular, insupportavel de cima a baixo. — E, com a mesma ferocidade dispendida ha pouco no... assassinato da Maria Juliana, desataram a dar cabo da Gloria. Até que, timidamente, eu lembrei: — Lili, olha que se faz tarde...

Os *dandies* protestaram: — Não seja desmancha prazeres. Está-se aqui tão bem! A porta do

automovel da sr.<sup>a</sup> viscondessa é a ultima sala onde se conversa.

Mas Lili suspirou : — Ai ! filhos, não ha remedio ! Offereceu a sua bonita mão ao beijo da praxe, recomenidou que apparecessem e : mal elles reintegraram o seu posto na porta da Marques, exclamou baixo, para mim : — Que patetas ! — e alto, para o *chauffeur* : — Ao Pato.

Na elegante retrozaria a nossa entrada foi assaz sensacional. Os olhares das numerosas senhoras, que se debruçavam ao balcão, convergiram admirativos para o audacioso chapéo alto de Lili. Pato, abandonando a viuva de côr duvidosa a quem vendia linhas de pontear, declarou-se immediatamente o mais humilde creado da sr.<sup>a</sup> viscondessa. . . — Em que podia servil-a ? O que desejava Sua Ex.<sup>a</sup> ? — Porém Lili, que revolia nervosamente o seu elegante saquinho de mão, não encontrava a lista. Tinha-a posto sobre a commoda, ao pé das luvas, para não esquecer. . . Lá ficara decerto. . . — É o resultado das pressas ! — E, sem lista, não havia maneira de lembrar-se. Pato ainda suggeriu varios ramos da sua industria : — Uma fitinha. . . Um véosinho. . . Um carrinho de linhas. . . Allinetinhos de cabeça doirada. . . — accrescentando baixo : — É aproveitar. Para a semana fica tudo mais caro, pelo dobro. Com o desaforo do cambio, a libra de vento em pôpa !

Lili, procurando sempre a lista; já descalçara as duas luvas, sacudira o vestido, perscutara mesmo

a minha carteira — em uma das minhas viagens á lua, eu era capaz, capacissima, de tel-a guardado, ou quando Deus queria metter-a dentro do *Cœur Pensif* — aproveitou logo a allusão ao desaforo do cambio, para fazer um pouco de propaganda monarchica: — São as lindas obras da republica! Mas vocês querem, gostam... Vocês não se mexem.

Pato, com o metro em posição de sentido, exclamou guerreiro: — Dê-nos V. Ex.<sup>a</sup> um chefe, e verá o que é avançar!

Mas a senhora de côr duvidosa olhou desconfiada, aproximou-se, pareceu apurar o ouvido... Era talvez viuva d'um heroe da Rotunda... Prudentemente Pato voltou a enaltecer a qualidade d'um novo elastico para liguinhas: occasião unica!

Eu observei: — Lili, olha que o tempo passa...

A minha amiga apalpou-se outra vez de cima a baixo, ergueu mesmo a sua cartolina para verificar se por acaso a lista estava na copa, acabou enfim por desistir. Voltaria amanhã ou depois, com duas listas em vez d'uma.

Sahimos. Tornei a lembrar que se fazia tarde. Tinhamos ainda, antes da *matinée* das Serpas, o desgosto das Carvalhos. Lili prometeu que agora era só entrar no Pinheiro, dar uma explicação sobre um chapéo, entregar um penacho. Entrámos no Pinheiro. As explicações, aliás prolixas e repisadas, a que Pinheiro respondia d'alto: — Questão d'aba apenas... — passaram-se sem incidentes, porém, quando se tractou de entregar o penacho, foi novo

desapontamento. Lili não o encontrava. Deixara-o certamente em cima da cama! Pinheiro observou que o lapso da memória de Sua Ex.<sup>a</sup>, demoraria um pouco a execução. Lili exclamou furiosa, com um significativo olhar para o meu lado:—É em que dão as azafamas!—E fechado o capitulo lojas, installavamo-nos de novo no automovel, quando avistamos Thereza que, de chapéo alto tambem, no seu passo sacudido de deusa esgaldada, subia a rua do Carmo. Lili acenou-lhe immediatamente:—Oh! Thereza para onde é a ida?

—Quero ver se deito comigo nas Carvalhos...

—Vaes depois ás Serpas?

—Se para tanto me chegar o folego...

—Então pesco-te...

—Deus te pague! Ah! se no tempo em que se inventaram as obras de misericórdia existissem automoveis, seria por certo considerado tão meritorio como dar de comer a quem tem fome, dar automovel a quem anda a pé!

E, n'um rumor de sedas, espalhando o seu exagerado perfume de cravo branco, Thereza sentou-se *en lapin*, entre nós. Logo depois do:—É uma vergonha! Eu é que devia ir ahí!—Não, a mais magra sou eu. Deixa-me gozar os meus privilegios... —Felizona!—encetaram uma discussão miudinha, bordada de mil commentarios, sobre a morte do Alfredo, a fortuna que deixa o Alfredo... Thereza pretendia que não era nada por ahí além. A Izabel herdara apenas do pae uns duzentos contos...

Lili observou que n'esse tempo duzentos contos não eram como agora, duzentos feijões... — Sim, mas o Alfredo pelo seu lado não tinha cheta e gastava como se fosse Rothchild...

Lili ouvira de fonte segura que, n'aquella trapalhada da navegação, o Alfredo se abotoara com um bom par de contos. Mas Thereza assegurava que tudo isso e muito mais elle tinha largado na embrulhada dos phosphoros. E a esbanjadora da Izabel devia em toda a parte.

— Então achas que ficam assim á dependura?

— Oh! filha, á dependura não digo, mas lá que acabou o tempo das vaccas gordas...

Entretanto eu preparava a cara de caso que me parecia indispensavel para a occasião. Confesso que não é meu costume fazer visitas de pezames. Quando algum dos meus amigos perde uma pessoa de familia, vou muito simplesmente e, porque me pede o coração, dizer-lhe a minha pena. Porém visita da praxe a gente que mal conheço, cuja dôr não posso partilhar, affigura-se-me sempre bem difficil e ainda mais inutil coisa. Recordava, com certo embaraço, a ultima cerimonia d'esse genero a que me condemnara, na minha provincia, depois da previa recommendação:—Faça a menina o que vir fazer aos outros—a minha velha tia Victoria. Era em pleno agosto, agosto abrazador do Alemtejo, em casa d'uma nossa vaga parenta, a quem tinha morrido o marido. A sala estava ás escuras, hermeticamente fechada. Sentia-se entre soluços,

um discreto palpitante de leques. Entrei agarrada ao mantelete da minha tia, pé no ar, desconfiada com o terror dos degraus. E, tropeçando aqui, tropeçando acolá, consegui enfim sentar-me ao lado de uma senhora que não cessava de assoar-se ruidosamente e de exclamar: — Coitado o primo Pereira!

— Faça a menina o que vir fazer aos outros... — Durante o tempo que durou a visita, e foi muito, na minha terra essas coisas prolongam-se, não é assim de pé para a mão que se consolam viúvas, o meu papel limitou-se ao d'um papagaio; quando a senhora se assoava eu assoava-me, quando a senhora exclamava: — Coitado o primo Pereira! — logo, como um echo, eu repetia: — Coitado o primo Pereira!

Ah! Quem guiaria a minha inexperiencia, quem me ensinaria a lição em casa das Carvalhos? Lili, completamente alheada de mim, discutia ainda a herança do Alfredo e os gostos perdularios da Iza-bel, quando subimos a escada. Porém, mal transpuz os humbraes da bonita sala azul Saxe, janellas abertas sobre o largo jardim d'onde vinha um doce perfume de accacias, comprehendi a inutilidade das minhas apprehensões, dos meus preparativos. Escusada, bem escusada, era ali a cara de caso. Podia, sem receio algum, apresentar-me com a minha cara de todos os dias.

Conversava-se animadamente em volta d'uma senhora, sobre cujo vestido de *georgette* pousava

com elegancia, um gracioso chaile hespanhol. E as dextas mãos do Gésar, não ha muito ainda, deviam ter passado pelo seu negro cabello, porque a ondulação era impecavel, perfeita.

Junto á janella, no doce perfume das accacias, duas raparigas altas, de cabello curto, genero arrapazado como exige a moda, discutiam em calão — você para cá, você para lá, como exige igualmente a moda, com um grupo de rapazes. E já eu imaginava: certamente Lili, que traz sempre na cabeça uma tal misturada de coisas, enganou-se, fez confusão, a *matinée* é em casa das Carvalhos, o desgosto em casa das Serpas. Porém, depois de falar no tempo — tão quente, parece agosto já! E no desaforo dos preços, a Gandon tivera o descaimento de pedir-lhe trez contos por um trapinho de *foulard*! E no casamento do Bernardo... quem tai diria? Tanta paixão, tantas scenas, suicidio, viagem a Australia, quando a Mathilde o mandou passeiar e nem sequer um anno depois, casado, casadissimo! — Lili deixou cahir negligentemente um: — Muito surprehendida, com muita pena fiquei... porque, embora o Alfredo já ha bastante tempo andasse doente, nada fazia prever... — ao que pressurosa, como quem varre um assumpto impertinente, Izabel respondeu: — Foi melhor para elle, foi muito melhor...

Mais senhoras entraram, leves, desanuviadas... Maria da Luz, que adora os perfumes, declarou que se estava ali no céo, quiz saber quanta tempo le-



vava a crescer uma accacia, aquelle rico cheirinho dava-lhe o appetite de encher de accacias o seu pequeno jardim. Já em tempos o Alfredo lhe contara... E, como vinha a proposito, accrescentou: — Coitado! Quem havia de imaginar?—Ao que, com a mesma pressa, Izabel accudiu:—Foi melhor para elle, foi muito melhor!...—E todos passaram a discutir o proximo baile da Liga Naval. Izabel lamentou a pouca sorte das filhas. Tanto a Dina como a Thilde tinham vestidos novos, recém-chegados de Paris. Já se vê, iam vendel-os... Não que ella tencionasse condemnal-as a um lucto interminavel. Não era para esses exaggeros. Sempre pensara, e o Alfredo tinha a mesma opinião, que ninguem deve entregar-se a um desgosto. A ordem do mundo é que os paes morram antes dos filhos... Porém, só passados seis mezes, as pequenas poderiam ir aos bailes e as modas mudam tão depressa! Thilde, que abandonara o canto da janella, considerava o peor de tudo n'um lucto, uma pessoa ter de pôr meias pretas...

— Mas tu podes usar cinzentas, é o que toda a gente faz, aconselhou Maria da Luz, alvitre que Lili corroborou immediatamente:—Cinzento *taupe*, com sapato de camurça preta... Verás que fica perfeitamente...—E levantou-se enfim. Tinha realmente pena. Estava-se ali tão bem! Mas não havia remédio. Tomara sobre si o duro encargo de chaperonar a Thereza e a Luzia na inferneira das Serpas. — Até breve. Muito breve!

Amena, facil, leve, perfumada de flôr de accacia, decorreu pois a visita ás Carvalhos.

— È o`que se chama um desgosto *dernier cri*, exclamei, irresistivelmente.

Lili respingou logo abespinhada:—Oh! filha parece que vieste da Lourinhã! Querias talvez encontrar a Izabel aos berros...

Mas Thereza achava que, no fundo, eu tinha uma certa razão. O caso não era para se estar fresca como uma alface. Lá que o Alfredo fosse d'esta para a melhor... acabou-se. Ninguem é eterno. Porém a perspectiva de ficar sem vintem... E accrescentou muito excitada:—Assegurou-me o Conselheiro Penedo de Alneida, o Conselheiro conhece tudo aquillo como os seus dedos... Ruina completa! Até tencionam fazer leilão. E já estão tratando de anichar o pobre do Patusco, que não sabe ler nem escrever, no Banco Ultramarino...

Assim discorriam quando attingimos o palacete — toda a casa que dá *matinées*, seja embora um quarto andar, apanha logo dos jornaes elegantes o qualificativo: palacete — das Serpas, ultima *étape* da nossa expedição.

E agora, se me dás licença, cedo a palavra a *Madame de Sévigné*:—*Magnificence, illustration, toute la France, habits retouchés d'or, tourbillon, dissipation, confusion, demandes sans réponse, compliments sans savoir ce qu'on dit, civilités sans savoir à qui l'on parle, pieds entortillés dans les queues, de tout cela il sortit quelques, questions*

*de votre santé, où ne m'étant pas assez pressé de répondre, ceux qui les faisaient sont restés dans l'ignorance de ce qui est... Oh! vanité des vanités!*

Se a memoria não me atrainça, tinha por fim esta carta descrever a *Madame* de Grignan uma recepção, nesse tempo ainda não se dizia *matinée*, em casa do ministro Louvois.

Oh! sem duvida estamos longe de Louvois, de todos os ministros, todas as magnificencias do Rei Sol, comtudo áparte os *pieds entortiltés dans les queues*—a maioria das senhoras, entre os vinte e os setenta annos, traziam as saias pelos joelhos—e os *habits retouchés d'or*—todos os homens estavam de jaquetão, o banalissimo jaquetão—como o descriptivo de *Madame* de Sévigné reproduz fielmente o que se passou hontem nos salões das Serpas!

*Toute la France.* Toda Lisboa. Desde a que habita os palacios de Alfama, tradicional, empoeirada, fiel á saudade do sr. D. Miguel—a mais sympathica, até a elegantissima, modernissima, que possue *Roll Royce, chauffage central*, trinta mil vestidos e costella de Israel.

*Tourbilton, confusion...* Tantos empurrões, tamanho apertão, só na *gare* do Rocio, á hora em que parte o comboio.

*Compliments sans savoir ce qu'on dit, civilités sans savoir à qui l'on parle...* D'uma distincta senhora ouvi a amavel declaração de que adorava — oh! sabia de cór! — os sonetos de Luzia, além

de maravilhosamente feitos, tão monarchicos, tão patrióticos!...

*Quelques questions sur votre santé...*

Sim, não foste esquecida. Maria do Céu, esbarrando comigo ao sahir da sala de jantar, com uma chicara de chocolate entre as mãos, apoz o distraído: — Tu por cá? perguntou negligentemente: — E a Sophia? — Porém quando eu ia responder: — No Minho ainda — o seu vestido, linda mancha côr de pervinca, desaparecia entre a mancha clara de outros vestidos.

-- Vaidade das vaidades!... conclue, com uma pontinha de melancholia, a fina, espirituosa Sévigné. Já antes d'ella Salomão, velho e desabusado, assim commentara as festas do mundo.

Quanto a mim, ao despedir-me de Lili, que ia vestir-se para o jantar da Bonin, d'onde contava dar ainda uma fugidinha á *soirée* das Mellos, tive apenas forças para exclamar: — Safa!

E aqui te mando enfim uma carta a teu gosto.



Avenida Palace, 18 de abril

Vae o sol descer : tarde loira de outomno,  
Andorinhas fugindo além no céu doirado,  
Em torno do convento um silencio magoado,  
A dôr muda, subtil dos objectos sem dono.

Que tristeza, meu Deus ! Que pena e que abandono !  
Perdido n'um recanto o mosteiro isolado  
Dorme talvez, como um doente condemnado  
Que sabe não vir longe o derradeiro somno.

À entrada no pateo onde crescem ortigas,  
Baloçam tristemente as arvores antigas,  
Conversam em segredo as pedras pelo chão...

E eu penso na saudade e na melancholia  
Das freiras ao transpôr da larga portaria,  
Cuído vel-as sahir — e doe-me o coração...

MARIA DA CUNHA.

Não me esperes para a piedosa romagem hon-  
tem combinada. Julguei que seria doce e consola-  
dor ir sentar-me contigo, á sombra do grande cedro  
que abrigou a nossa já tão longiqua mocidade, per-

correr os longos claustros, reviver discretas horas de silencio e oração na suave penumbra das capellas, encontrar ainda, florido de rainunculos, o ingenuo jardim onde, entre azas de pombas e de borboletas, voavam, azas tambem, os véos brancos das noviças ; voltar á sala das classes, encostar-me á janella que, ante os nossos encantados olhos, descobria, lindo panorama de sonho, irreal como uma cidade de fadas, Lisboa deslumbrante sob os raios do sol, Lisboa mysteriosa sob a luz das estrellas ; respirar na cerca o doce perfume dos laranjaes, o fresco cheiro das alfazemas, sentir a paz do pequenino cemiterio, á suavissima hora do crepusculo, quando os sinos esfolhavam, grinalda de mysticas flôres — as Ave-Marias.

Tanto empenho mostrei e sempre boa, amavel, tantas deligencias empregaste para que nos fosse permittida a visita ao nosso velho convento, mas, á ultima hora, falta-me a coragem. Receio soffrer de mais na querida casa profanada. Julgo preferivel continuar a vel-a, como se vêem os mortos, com os olhos fieis da memoria, abençoados olhos da saudade, que m'a teem conservado, tal e qual a encontrei, tal e qual a deixei. . . Ha quantos annos ! Oh ! como o tempo passa, cómo os dias morrem ! Que seria de nós se a misericordia de Deus não nos concedesse o immenso poder de recordar, segunda vida mais completa, mais perfeita, ante gosto da eternidade, presentimento do céu sem fim ?

Viva, real como a tarde de hoje, parece-me



ainda aquella em que entrei nas Salesas, com um tão assustado, confrangido coração. Passaro que vê fechar-se, sobre o largo espaço, a porta da gaiola... Suffocavam-me as grades. Tinha frio nos sombrios corredores. Tinha medo nos silenciosos claustros. E durante toda a noite, entre os cortinados brancos do dormirorio, exilada, nostalgica, chorei... Porém quando na manhã seguinte, umas lindas mãos côr de marfim tomaram as minhas pobres mãos e a Irmã Maria Mathilde indagou a causa das minhas penas, já um principio do que havia de tornar-se encanto incomparavel, unico, ternura nunca mais encontrada, infiltrou-se suavemente, como uma caricia, como um balsamo, no meu assustado coração. Percebi que, atravez das grades, resplandecia igualmente azul o céu, penetravam os raios do sol, a graça adoravel do luar... E em cada rosto juvenil ou enrugado, sob o véo claro das noviças, ou o véo negro das professoras, a mesma calma doçura sorria.

Decorreram então, amenos e faceis, semanas, mezes, annos...

Curtos dias de inverno que traziam a alegre festa do Natal. Data excepcional em que ás mais velhas era permittido velar até á meia noite, defronte do Presepio. Ao cheiro do incenso e da cera casava-se um forte perfume de junquillos, um brando aroma de violetas. Emballadas pela musica dos velhos, ingenuos canticos, aguardavamos, n'uma deliciosa emoção, a visita do amoravel Senhor que

se fizera humilde e pequenino para que mais perto o sentissemos dos nossos corações...

No dia vinte e cinco era o alvoroço das férias, palpitante curiosidade do *lá fóra*: esse encantado *lá fóra* que, ao mesmo tempo desejávamos e temíamos, como tudo em que se põe a nossa doida esperança. A portaria tomava uma desusada animação. Todas fallávamos e ríamos ao mesmo tempo. As azas, de novo soltas, ensaiavam-se para um curto vôo.

Semana Santa. Voltava outra noite privilegiada em que nos era permitido velar, acompanhando a divina agonia. Jesus ia morrer por nós. No rosto macerado das freiras percebíamos vestígios de lagrimas e empallideciam também as rosas nas nossas faces juvenis. Apaixonadamente cada alma reflectia a Paixão do Senhor.

Lembro-me que, em uma d'essas melancolicas tardes, quando acabamos de ajoelhar para assistir às Trevas, uma senhora alta e formosissima, vestida de negro, atravessou, acompanhada pela Superiora, o côro. E, mais ainda do que a sua formosura, impressionou-me a expressão de bondade que a illuminava toda. Era a Rainha. Pela primeira e unica vez eu vi-a de perto. O seu vestido quasi roçara o meu vestido... E nunca mais esqueci esse clarão de bondade que os seus olhos emanavam.

Entre nuvens de incenso choviam petalas de rosas... — Alleluia! Alleluia! cantavam os órgãos triumphaes. E todo o velho convento parecia rejuve-

nescer na gloria magnifica da Ressurreição. Paschoa, a alegre Paschoa, enchia de camelias os altares!

Alongavam-se, em tons de topázio e de opala, as tardes, lindas tardes de maio, consagradas á mais amavel de todas as devoções: a que celebra Maria, virgem cheia de graça. Sobre as pregas do seu manto azul as mãos juntas de Nossa Senhora tinham uma suave pallidez de açucenas. Pela janella, engrinaldada de glycinias e jasmineiros, entrava um capitoso aroma de primavera. E ao *mater purissima* das ladainhas respondia, entre a ramagem do cedro, n'um doce fremito de azas, a ternura dos gorgeios...

Junho, mez dedicado ao Coração de Jesus. — *Venez vous qui souffrez des peines — Vous tous qui répandez des pleurs* — dizia, pela voz do piedoso cántico, o Coração cheio de amor. E desejavamos soffrer para que Elle curasse as nossas penas e queríamos chorar para que Elle enxugasse as nossas lagrimas... O milagre de Margarida Maria exaltava deliciosamente as imaginações. Comtudo — oh! precoce complexidade feminina! — ao approximar-se o alegre Santo Antonio, o ruidoso S. João, não faltava quem procurasse espreitar atravez das grades, a chamina vermelha das fogueiras, o luminoso estalar dos foguetes... E tu não esqueceste, decerto, aquella oração em que a Castellinho se recommendava ao santo «Protector do bem-casado», para que lhe deparasse «varão justo e abalisado»...

Junho era também o mez escolhido para a primeira communhão. Cada filha de Maria encarregava-se de preparar uma creança. Missão bem doce, difficil aliás. Porque não se tractava apenas de metter-lhe na cabeça rezas e cathecismo. Era preciso aconselhar, ajudar, combater os defeitos, as más inclinações: longo trabalho de direcção e aperfeiçoamento, de que ambas aproveitavam.

É terminada a nossa tarefa, quando defronte do altar a mancha dos vestidinhos brancos evocava a pura floração das laranjeiras, embora satisfeitas pelo dever cumprido, viamos, com saudade, apartar-se de nós a alma que á nossa se confiara.

Tão doces, de tão branda memoria como essas que perfumavam as suaves devoções, sorriem-me outras horas ainda... Horas de recreação: alegria da cerca nas claras, luminosas manhãs. Entre as folhas ria, brincava o sol... As velhas canções *Malbrough s'en vat en guerre*, *Sur le pont d'Avignon*, *Frère Jacques dormez-vous*, iam atravez das ruasinhas bordadas de alfazema, acordar no cemiterio a silenciosa paz dos cyprestes.

Melancholia das breves tardes do outomno... — Anoi-tece tão cedo! — queixavam-se amuadas as pequeninas. E já a nossa adolescencia acolhia, com volupia, esse mal delicioso que faz ás almas o crepusculo.

Recreação da noite na grande sala de paredes nuas. A mestra Joanna de Sales contava-nos os primeiros annos da Visitação: como a Baroneza de

Chantal passara sobre o corpo dos filhos para consagrar-se toda ao seu Deus, e essa, de graça tão leve, de tão harmonioso encanto, *Mademoiselle* de Lafayette, que dansava como um sylpho, se refugiara no claustro, para fugir ao amor de um Rei.

Horas de estudo, de tão doce, tão intelligente ensinamento que, ás mais preguiçosas, ás mais rebeldes, não pezavam as lições. Para quem não sentia o gosto, o desejo de aprender, havia o desejo de agradar á querida, indulgente, suavissima mestra. Oh! digo-o por experiencia! Sei que prodigios de boa vontade me custava cada manhã a lição de caligraphia, que lança em Africa representava ter de transformar, as minhas já então indisciplinadas garatujas, n'aquelle irreprehensivel cursivo inglez, letra das meninas das Salesas, como ainda hoje lhe chama o teu irmão!

Mas a mestra Maria Margarida insistia docemente: — Isso não é um *a*, não se parece nada com um *a*!... — E apoz tremendo esforço, surgia emfim o *a* que se parecia com um *a*.

Iguaes, senão maiores, eram a minha repugnancia pela grammatica, a minha negação para a arithmetica. Porém, aqui o protesto, se nunca consegui aprender os verbos irregulares, se ainda hoje tenho as minhas duvidas sobre o plural de cidadão e outras coisas em *ão*, se todas as contas que faço sahem erradas, não foi por falta de applicar-me a essas duas materias. Passei muitas horas ás voltas com a cruel trapalhada dos participios, com a im-

piedosa confusão dos pluraes, gastei os mais fortes argumentos para convencer-me que dois e trez não faziam quatro. . . Por amor de ti, santa mestra Anna Margarida, pelo teu prazer, grande, admiravel mestra Francisca de Chantal. . . De resto, exceptuando Maria da Cinha, cuja extraordinaria intelligencia tudo abrangia, julgo que, entre as minhas companheiras, não abundava o enthusiasmo pelas sciencias acima mencionadas. Em compensação a historia e a geographia faziam as nossas delicias. Encantava-nos tambem a mythologia, com tanta pena que não fosse verdade ! Quereríamos que Minerva, a sábia, prudente Minerva, tivesse realmente sahido do cerebro de Jupiter, e a linda Diana, seguida pelo seu cortejo de nymphas, reinasse ainda nos profundos bosques.

Mas eram as composições que gozavam toda a nossa preferencia. A imaginação comprazia-se em devanear sobre um suggestivo thema. Ia-se por ahi fóra n'uma deliciosa febre. Ia-se mesmo muito para lá dos limites permittidos. Uma vez, a proposito dos heroes da India, Luiza celebrou, com demasiado enthusiasmo, o cabello loiro de D. Lourenço de Almeida. Indulgente, com um calmo sorriso, a mestra Anna Margarida contentou-se em recomniendar mais pormenores historicos e menos detalhes pessoases.

Porém quando, na composição sobre a Primavera, tu, ardente, impetuosa Suzanna, ousaste escrever, com todas as letras, a palavra Amor, foi



um verdadeiro alarme. A mestra Anna Margarida declarou que decididamente as cabecinhas trabalhavam de mais, a *folle du logis* estava a fazer das suas! E logo resolveu mettel-a na ordem. Os themas tornaram-se aridos, frios. O prazer transformou-se em dever.

Comtudo, entre tantas azas presas, umas houve que teimaram em voar. Maria da Cinha sabia tocar de poesia e encanto os mais prosaicos, ingratos assumptos. Emquanto as nossas pennas se arrastavam, em chôchos commentarios sobre o aceio, ella evocava a opinião do doce santo que o considerara uma virtude, desejara mais que todas elegante e cuidada a sua devota e, sob esta epigraphe, toda a composição era um hymno de louvor á limpida alma, á fina, discreta bondade do Bispo de Annecy.

Apoz o aceio fômos mimoseadas com a polidez. Defronte dos cadernos onde traçamos, em grandes letras gothicas o titulo, interrogavamo-nos anciosamente: — Deus do céo o que hade a gente escrever? E procuravamos no dictionario. Folheavamos compendios, selectas... até que eu me sahi enfim com esta sentença: — É um fructo da boa educação — logo caridosamente passada ás minhas visinhas, que, com ligeiros derivativos, a aproveitaram. Mimi S. contentou-se em voltar a phrase de pernas para o ar: «Da boa educação o fructo», accrescentando, «maduro»... para encher. Annica C. substituiu por *flôr*, o *fructo*. Achava mais poe-



tico e, com o mesmo intuito de... encher, accrescentou tambem: «especie algum tanto rara...»

Entretanto a penna encantada, a penna varinha de condão, ensinava como á polidez era facil revestir as fôrmas doces da caridade e outro hymno surgia, triumphal e lindo, cantando a virtude que mais nos aproxima de Deus!

Em agosto começavam os exames e logo depois os ensaios para a festa da distribuição dos premios. Aos primeiros, na grande sala das classes, assistiam, além de todas as nossas mestras religiosas e seculares, a antiga superiora Maria Benedicta, uma enternecedora velhinha que cabeceava de somno enquanto desenrolavamos a muita ou pouca sciencia de que dispunhamos, e a superiora franceza Philomena de Chantal, cujo imponente, magestoso aspecto, temperado aliás por uma captivante amabilidade, todas intimidava. A mais estudiosa, a mais intelligente, tremia, gaguejava defronte da nossa Mãe e, que prazer, que orgulhosa satisfação, quando ouviamos, da voz em que os *rr* musicalmente se arrastavam: — *Mais, chère enfant, c'est très bien, c'est tout à fait bien!*... — A freira franceza, que o suffragio geral elevara ao mais alto cargo das Salesas, era objecto d'um verdadeiro culto; que me lembre, entre todas as educandas, só eu preferia a superiora Maria Benedicta. Encantava-me, ia direito ao meu coração, o tremulo murmurio da sua voz. E quando, em um gesto de benção e de caricia, as suas engelhadas mãos pousavam sobre a minha ca-

beça, appetecia-me chamar-lhe: avósinha. Das horas crueis dos exames compensava-nos largamente a alegria, a animação que punham, em todo o pensionado, os famosos ensaios para a tão desejada festa. O programma compunha-se de comedias, afflictivas de candida sensaboria, quadros biblicos, canto, piano e, para rematar, um pequeno discurso de agradecimento.

Era como se as férias tivessem começado já. Os dias affiguravam-se-nos uma longa recreação. Ria-se, fallava-se nas horas do silencio. Encarrapitada sobre uma meza, de regua à laia de batuta, prodigalisando em italiano assaz *macarroni*, os *moderatos*, *dolce*, *allegro*, *con molto*, *sherzando*, etc., D. Christina regia os duettos e jámais nos levantámos do piano sem ouvir, como estímulo e exemplo, a historia d'aquelle celebre concerto em que, perante um illustre auditorio, tão menina ainda, ella atacara denodadamente um *impromptu* de Chopin. . . Dos côros e comedias encarregava-se a santa mestra Maria Gonzaga que, desde os dez annos no convento, nem por um oculo avistara o theatro.

E chegava emfim o sensacional, palpitante dia! Logo depois do almoço faziamos a nossa *toilette*. Sobre os vestidos brancos destacavam-se as fitas azues das Filhas de Maria, as fitas vermelhas dos Anjos. Miss Molteno alisava, com mais cuidado, os seus austeros bandós. D. Christina surgia de mangas *bouffantes*, frisada, perfumada, tremenda de ultima moda.

As duas horas tudo estava a postos, corriam-se as cortinas da grade grande onde se achavam reunidas, para assistir á cerimonia, as nossas familias. Uma marcha, tocada em dois pianos, abria a festa. Seguiam-se as insossas comedias, côros, etc. O solo de musica classica, executado pela Euphemia, hoje Irmã Francisca de Chantal, uma verdadeira artista, era saudado com entusiasticas palmas. E apoz o pequeno discurso, distribuiam-se, entre mal reprimidas exclamações de prazer ou decepção, os premios. Com o peito coberto de medalhas, de fitas, Maria da Cunha evocava-nos um d'aquelles generaes, de que a historia conta que todas as victorias lhe sorriam. E depressa punham-se, quasi sempre ás trez pancadas, faltava-nos o espelho e a... pratica, os chapéos. Abraçavam-se as queridas mestras. Ouviam-se as ultimas recommendações. Havia algazarra, risos... e lagrimas tambem, das que partiam para nunca mais voltar.

Pouco durou a minha permanencia no doce asylo cuja lembrança me apparece como o oasis de um arido deserto.— *Voir, aimer et puis s'en aller* —alguem disse ser o destino humano. O meu confirma, infelizmente, essa triste definição. *Voir, aimer et puis s'en aller...* Assim foi sempre desde que os olhos se me abriram e aprendeu a sentir o cocração.

Durante dois annos apenas eu fiz parte do pensionado das Salesas, mas ainda algumas vezes ali voltei depois, não só para passar os trez dias que

durava o retiro, em que tomavam parte todas as antigas educandas, mas, demorando-me semanas e até mezes. O convento era o meu porto de abrigo, a minha querida terra de promessa. Mal transpunha os humbraes bemitos parecia que me tiravam dos hombros o immenso fardo de tristezas e desillusões com que já me acabrunhara o amargo mundo. Tudo voltava a sorrir-me: a paz da consciencia, a pureza do coração e até os sonhos e até as promessas! Atravez das grades surgia de novo encantado, maravilhoso, cheio de mysterio e de imprevisto, rico de lindas surpresas, esse lá fóra que me desilludira.

Tinha a minha cella como as freiras, delicioso quartinho onde tudo era branco, desde as paredes, as cortinas da cama, os ramos floridos da grande accacia que roçavam a janella, até os pensamentos em que cada noite, ao adormecer, descançava, branda, tranquillá a minha alma.

Ah! quanto de mim, do melhor que houve em mim, ficou entre aquellas paredes singelas!

Nenhumas obrigações me prendiam. Eu não pertencia ao convento, nem ao pensionado. Estava fóra de toda a regra. Porém, com que prazer, sacudia os preguiçosos, desleixados habitos do mundo, procurando tornar punctual, ordenada a minha vida!

Levantava-me cedo. Não precisava que me acordassem. A janella ficava aberta. Um raio de sol, um gorgueio de passaro, annunciavam-me a hora em que d'antes, no largo dormitorio, a mestra Ma-

ria de Sales, batendo as mãos, exclamava : — Deus seja bendito ! E machinalmente, obedecendo ao antigo habito, eu respondia : — Nos nossos corações... — Assim começava a manhã.

A missa, refeitório e recreação juntavam-me ás educandas. Durante o estudo e as classes, lia, trabalhava, rezava, sonhava... Não foi no convento que aprendi a amar a solidão. Esse amor nasceu comigo. Mas, em parte alguma impregnou de tanta suavidade a minha alma ! Também não foi no convento que aprendi a amar os livros. Desde a mais remota infancia elles appareceram-me como um maravilhoso thesouro. A cada anno da minha vida, a cada terra e cada casa por onde passei, anda ligada a lembrança de um livro. Porém, d'essas leituras das Salesas, como descrever o incomparavel encanto ? Outra vez ao meu espirito acode a palavra oasis... Vás achar que me repito. Ah ! pouco importa ! N'este momento é só o coração que falla, eu escrevo só com o coração...

Sim, era um oasis verdejante onde puras, crystallinas aguas me lavavam de tantos romances maus, devorados sem escolha, sem discernimento, na perigosa curiosidade dos vinte annos. Era um fresco sabôr de rosas, succedendo a um sabôr amargo de cinzas e de morte.

— Como é que ella não tem ainda a imaginação pervertida, o gosto completamente estragado ? — dizia, n'um pasmo triste, a mestra Maria de Sales, quando eu lhe contava as minhas leituras do mundo.

E, realmente, para resistir a George Ohnet (esse detestavel escriptor fazia então as delicias de toda Lisboa romantica) a minha imaginação e o meu gosto dispunham certamente de forças pouco vulgares.

Porém, na tranquilla cella que tocavam os cachos brancos das accacias ou nas quietas horas da cerca, sob as velhas arvores, entre os doces alegretes, quando zumbiam as abelhas em volta do meu cabelo, como sentia distantes, inverosimeis, banaes, os *Maitres de forges*, as Condessas Sarahs! E perto do meu espirito, mais perto ainda do meu coração, as figuras e os quadros que, n'essa abençoada atmospherá, evocava!

Parecia-se decerto com o meu quartinho branco, tocado pelos ramos perfumados, o modesto quarto onde Eugénie de Guérin pequenina, obtivera de Nossa Senhora o milagre de tornar sem nodoa, á imagem da sua alma, o vestidinho que involuntariamente manchara.

Os mesmos livros compunham talvez a sua bibliotheca. Estava tambem junto da janella a meza em que escrevia o jornal para Maurice — o irmão bem amado, e as deliciosas cartas á Baroneza de Maistre — a da inquieta alma, a Luiza — a da *sweet silver voice*...

Como eu ella interrompera muitas vezes o trabalho, para escutar um mavioso canto de ave ou seguir, no céu, um lindo capricho de nuvem... Como na minha monotona vida das Salesas, tudo



representara um acontecimento, na sua monotona vida do Cayla.

E porventura assemelhavam-se aos seus sonhos, os sonhos que eu sonhava, nas doces noites de luar...

Devia ter qualquer coisa do jardim do convento, esse calmo jardim de provincia onde Eugénie floriu de lilazes as mãos d'um mendigo. Ao longo das ruasinhas, bordadas de alfazema, parecia-me vel-a passar, amparando um pallido adolescente, Maurice, ferido no corpo e ferido na alma... Ah! quanto eu vivi na intimidade espiritual d'esses dois irmãos!

Certamente outras leituras me prenderam e interessaram. A historia de S. Francisco de Sales, em que tudo é harmonioso, o perfume da virtude exhala-se tão discretamente como, por entre as folhas, se exhala o perfume da violeta; a de Santa Joanna, Baroneza de Chantal, emocionante, ardente, sobrehumana — eu costumava dizer deshumana, Santa Chantal nunca gozou a minha sympathia — na sua renuncia aos mais intimos laços do coração; os admiraveis sermões de Lacordaire, onde colhi estas palavras, que consolam da nostalgia e dão esperança á saudade: — *Au ciel on trouve tout jusqu'au passé...* As cartas do Padre Didon, frementes de paixão. As do Padre Perreyve que palpitam de ternura. Mas o jornal de Eugénie foi o meu livro predilecto. E, pela vida fóra, entre tantos auctores que, para meu bem ou... para meu mal,



teem influido no meu espirito e na minha alma, a lembrança da santa do Cayla não se apagou ainda.

Em 1898 fecharam-se-me definitivamente as portas do convento. Passei a residir na Madeira. Apenas por cartas segui e partilhei todos os acontecimentos da Visitação: o noviciado da Euphemia, outro mais sensacional ainda, de certa rapariga que mezes antes eu vira dansar, formosa e leve como *Mademoiselle* de Lafayette; a morte da Superiora Maria Benedicta, a velhinha enternecedora, cujas tremulas, enrugadas mãos tantas vezes haviam pousado, cariciosas, sobre o meu cabello e a d'essa que fôra grande, temida, admirada como uma rainha, Philomena de Chantal, a imponente franceza. A escolha da Irmã Maria de Sales — nossa primeira mestra — para o Superiorato. E depois d'ella, a de Anna Margarida, que tivera no mundo um dos nomes mais nobres de Portugal.

Quando, de longe em longe, vinha a Lisboa era-me tambem permittido ver, atravez das grades, as minhas queridas freiras. Enchem-se-me os olhos de lagrimas, recordando a ultima visita que lhes fiz. Novembro findava. A grande sala onde, ha tantos annos, n'uma distribuição de premios, eu tocara a Ave-Maria do *Othello*, em duetto de piano e orgão com a Euphemia, pareceu-me desoladora e fria, já votada á tristeza do abandono... Uma bruma cinzenta envolvia o pequeno jardim, ensombrado como um canto de parque, que chamavamos o jardim do cedro. As ultimas folhas cahiam. Ah! quantas se ti-

nham desprendido d'aquellas arvores desde a tarde em que Maria da Cunha, promettendo-me uma eterna amizade, escrevera sobre um tronco, que vestiam as folhas das heras :

Ao tronco a hera se enleia  
Ali vive e vae morrendo,  
Sou ás vezes como a hera  
Tambem morro onde me prendo.

A Irmã Margarida Maria contava-me como, um mez antes, morrera, serena e heroica, offerecendo o seu soffrimento pela salvação da Patria, a Superiora Anna Margarida. E, de novo elevada ao mais alto cargo, a doce Irmã Maria de Sales pedia-me humildemente que rezasse muito por ella e rezasse muito pela Visitação. Já sobre o meu convento a tormenta crescia.....

Depois veio a republica. Em nome da liberdade expulsou, das casas que lhes pertenciam, todas as ordens religiosas de Portugal. Em nome da fraternidade maltratou, submetteu aos peores vexames, fracas, indefezas mulheres.

Eu estava então em Paris. As noticias chegavam vagas, incertas. N'uma horrivel anciedade corri á Visitação. Pouco sabiam ou pouco quizeram dizer-me. De volta á Lisboa encarnada e verde, foi meu primeiro cuidado informar-me sobre o destino das queridas, santas mestras a que tantos carinhos

devia. Já algumas tinham partido para Hespanha, outras estavam em casas amigas ou de familia.

Quiz abraçal-as. Como levava confrangida a alma, julgando ir affrontar uma d'essas dôres que não conhecem lenitivo, uma d'essas revoltas que nenhuma palavra aquieta! Encontrei-as tão calmas, tão serenas, como as deixara entre os tranquillos muros do convento. Não lhes ouvi uma palavra de odio, nem sequer de censura para os que, com tamanha injustiça, as perseguiram! Foi a sua ultima lição.

Aquí tens, feita em espirito e em saudade, a nossa piedosa romagem. Demorei-me de mais talvez. Quiz colher todas as flôres do caminho. Mas não receio ter-te importunado. Tão preciosas, como para mim, são para ti as lembranças que evoquei. E não torno a pedir-te perdão por faltar ao que antes combinámos. Tu debes comprehender-me, debes sentir como eu. Nenhuma de nós póde voltar ás Salesas. Acredito, estimo até, que seja optima, modelar, a escola ali installada, mas...

Eu penso na saudade e na melancholia  
Das freiras ao transpôr da larga portaria,  
Cuido vel-as sahir e doe-me o coração...



Pedras Salgadas, 26 de junho

Tenho remorsos, minha linda amiga... Porque, ha tanto tempo já, recebi aquella sua triste e deliciosa carta, em que se queixava da eterna incompreensão humana, maior martyrio inherente ao martyrio de viver, e só agora venho responder-lhe. Mas não é tão grande, como parece, a minha culpa. Tenho estado quasi sempre doente, com atrozes dôres de cabeça que me inutilisam para tudo. Um pouco melhor hoje, começo a pôr em ordem a correspondencia. E quero que seja para si a minha primeira carta. Conheço-a ha pouco tempo — quatro mezes apenas, não é verdade? — mas deve sentir — essas coisas sentem-se — que ha, do meu para o seu coração, uma grande sympathia. Parece-me que a entendo... um bocadinho. Muito, já se vê, não é possível. Nem aquellas montanhas de que falla o seu amigo Confucius, as mil montanhas que, para transpôr, são precisos mil annos, podem comparar-se á distancia que separa cada ser humano de outro ser humano... *Quoiqu'on fasse on est toujours seul*... Não foi Confucius que o disse, mas alguém muito conhecedor igualmente da irre-

mediavel solidão da terra... Comtudo, ao seu lado, nas boas noites do Palace, eu nunca experimentei o sentimento de abandono e distancia que experimento aqui, quando, por acaso, tenho a velleidade de conversar com alguma das opulentas senhoras do norte — as do *high-life* e do *strugle for high-life* de Lisboa ainda não chegaram — que espanejam pelo parque os gloriosos *organdis*, comprados a pezo de oiro no Serpa e na Izaura do Porto e, depois do jantar, pousam de leve, quaes passaros assustados, á beira dos canapés Imperio... Porque temos um salão Imperio... Nem mais, nem menos — a *Malmaison* em Traz-os-Montes! Grandes são os disparates da terra, em geral e, da nossa terra, em particular!

Ignoro se a minha querida amiga admira o estylo Imperio. Eu acho-o quasi sempre detestavel. Em vão procurou tocal-o a languida graça de Josephina, ficou sempre emproado, tezo, carrancudo, á imagem do seu tempo, triumpho da força militar — da força bruta — depois d'aquelle lindo seculo, sublime e frivolo que, até na visinhança do cada-falso, a caminho para a morte, sorri, de *fichu* e *paniers*, uma flôr de liz entre os dedos finos.

Comtudo admitto que, n'uma grande sala de tectos altos, á sombra de sumptuosos lustres, rodeados de tapeçarias guerreiras, reposteiros de pezadas sedas e sobre um bonito tapete, digam bem, tenham uma certa nobreza, os moveis de Napoleão. Porém, na estreita sala, sobre o pinho esfregado a

côco duas vezes por semana, defronte das janellas sem cortinas e para uso dos *organdis* do Serpa, oh! minha rica senhora, é de arrepiar! Não transponho aquelles humbraes sem que immediatamente me sinta invadida por uma tristeza profunda, a que se junta, quando ousar sentar-me sobre o velludo verde salsa, com uma aguia doirada na cabeça, a mais terrivel mortificação para o meu corpo fraco e... ai! de mim! — pouco inclinado a penitencias, a cilicios... Mas tão precioso mobiliario não foi collocado ali para o nosso conforto. Portugal desdenha o conforto. É coisa que pode possuir sem gastar fabulosas quantias. Realmente pelo preço do phantastico canapé, que occupa toda a parede norte, ter-se-hia comprado meia duzia de cadeiras de vimes, onde pudesse sentar-nos sem dar tractos de polé aos rins, cretone para forral-las e ainda um tapetinho, para que os pés não pousassem sobre a madeira e se moderasse o uso barbaro do côco.

· Mas toda uma sala pelo preço d'um canapé! E vimes, cretones... que pelintrice! Que vexame para a Companhia!

A *Malmaison* transmontana é de difficil accesso. Creanças não podem frequental-a. Quando as mããs, *tant bien que mal* accomodam os seus *organdis* entre as aguias, os meninos contemplam-n'as de fóra, atravez dos vidros da porta, exactamente, como atravez das grades, contemplam, no Jardim Zoologico, as feras.

Para uso dos meninos ha outra sala mais vasta,



guarnecida de cadeiras de pau e duas grandes mesas, a que um dos meus amigos reconheceu uma afflictiva semelhança com a aula de anatomia, no hospital de S. José. Ali se joga a cabra cega, os quatro cantinhos, o peão, o arco, toca-se tambôr, gaita, corneta, ha *bébés* que mamam, que engatinham, que ensaiam pela mão da criada os primeiros passos, ha meninos em estado selvagem que comem boccados d'orelhas de outros meninos, meninos graciosos que, mal nos avistam, deitam a lingua de fóra, meninas elegantes de laço côr de rosa no cabello e bibe de rendas, meninas modestas de bibe de chita, etc. Não se atravessa esta sala, eu ia dizer etse campo de batalha, sem risco de apanhar com um menino de encontro ás pernas ou ter um olho vazado por uma bola. Isto desde as dez da manhã até á meia noite.

Aparte os pequenos inconvenientes, que acabo de mencionar, acho perfeito o serviço do hotel. Limpeza irreprehensivel. Bons criados. Optima comida.

Quanto a divertimentos pouco posso dizer-lhe. Julgo que existe um Casino, para onde partem, ás dez da noite—quando eu parto para a cama — *emmitouflées* em ricos mantos, as donas dos *organdis*, e de que é principal attractivo certo janota, que semelhante áquelle tão bem descripto na *Flôr do Peccado*, fita com descaro as mulheres, «por si, por ellas, por ambos, pelo publico»... sobretudo pelo publico... E, ja se vê, cada uma toma para seu uso especial, o olhar que pertence a todas.

Assim engorda a vaidade, assim caminha a Ilusão!

Entretanto, no grande parque, prolonga-se ainda um resto de primavera. Ha macissos de madresilvas onde voam as abelhas — unicas loiras authenticas... Ha grinaldas de rosas suspensas dos ramos escuros dos cedros. O rosmaninho dá ás montanhas um delicioso tom violeta, côr do mar da Odyseeia. Milhares de passaros cantam, cantam desde o nascer da aurora até o pôr do sol, e para mim mais doce que todas, porque me evoca uma suave recordação de infancia, a voz da rollas não cessa de gemer a melancholia dos seus amores...



Pedras Salgadas, 7 de julho

Encheu-se o céu de nuvens, todo o dia foi triste e pallido... Um d'aquelles dias de que eu gósto, côr da minha alma de outomno. Mas a minha alma teve hoje apenas a côr do aborrecimento. Aborrecimento profundo e negro que, de tudo, parecia desprender-se... Ah! não eram só as senhoras Albuquerque — ambas de cabelleira e vestido alvadio — e a Aline Santos, de azul e branco, boquinha em coração, as distribuidoras d'esse tédio horrivel!

Fugi d'ellas. Vim para o meu quarto, para a minha solidão, para os meus livros. Quiz escrever, tentei trabalhar, abri o lindo theatro de Wilde, folheei a *Vie en Fleur* de Anatole... E tudo exhalava o mesmo morno aborrecimento. Era como se nada mais pudesse interessar-me, distrahir-me sobre a terra!

Às cinco horas sahi. Na grande alameda, de frente das Aguas, passeavam rapazes de calça branca, chapéo de palha, provincianas em cabello, asserigaitadas lisboetas, e sentadas, formando intimo grupo, lá estavam as senhoras Albuquerque de cabelleira, vestidas de alvadio, com a Aline San-

tos, de azul e branco, boquinha em coração. Tornei a fugir. Refugiei-me n'aquelle canto do parque, quasi sempre solitario, onde as grandes arvores se miram nas aguas lisas do lago. Cheirava deliciosamente a açucenas, a terra molhada e a uma hervinha que tem o aroma apimentado do caril. As ultimas rosas esfolhavam-se, petala a petala, brandamente... E, dos ramos dos cedros, vinha a doce, melancholica voz das rollas amorosas. Mas ainda não era ali que, em paz, a minha alma descansaria. Como uma serpente se enrosca n'um tronco, o tédio subiu, snbiu, enroscou-se mais estreitamente na minha alma...

Pensei que devia ter chegado o correio. Tive esperança que alguém me mandasse a palavra que anima e conforta, que vem como deve vir a fresca brisa, no ardente, arido deserto. Voltei apressadamente ao hotel. Não havia correspondencia para mim. Paulo de Castro offereceu-me o jornal de \*\*\*. Percorri-o apenas. Logo me enojon o artigo de fundo, a respeito de Guerra Junqueiro. Lembrei-me do sentimento de revolta que Goncourt conta ter experimentado, vendo certo burguez espicaçar, com a ponta do chapéo de chuva, um soberbo leão, captivo em uma jaula...

O sol punha-se. Nuvens corriam ligeiras no céu. Esmorecia a voz amorosa das rollas. Sentei-me no pequeno terraço. Deixei cahir sobre os joelhos o jornal. Um pouco da enternecida doçura do crepusculo impregnou a minha alma.

Mas X. precipitou-se. E apesar do meu frio, gelado, de despedir hospedes: —Boa tarde—apontou-me logo varias amabilidades.— V. Ex.<sup>a</sup> é uma das escriptoras portuguezas que eu mais aprecio. Os livros de V. Ex.<sup>a</sup> exgotam-se rapidamente. O *Rindo e Chorando* lembra um auctor americano que, que... cujo nome não me occorre n'este instante... penna dextra, qual a de Luzia! As *Cartas*...

E, como eu não inostrasse o minimo interesse, passou a disparar-me perguntas litterarias:—V. Ex.<sup>a</sup> admira Veva de Lima? V. Ex.<sup>a</sup> não acha o Antonio Ferro ligeiramente nebuloso? V. Ex.<sup>a</sup> o que diz da profundidade do Cortezão? V. Ex.<sup>a</sup> conhece Florbella Espanca?

Fugi outra vez. Só voltei á hora do jantar. Depois, como é meu costume, installei-me no ainda pequeno grupo de lisboetas, entre aquella senhora trigueira que tem um tão lindo, tão negro olhar e aquella senhora loira, em cuja elegancia delgada eternamente flori a graça da adolescencia. Fallou-se comò sempre do tempo, de doenças, da insufficiencia do conforto, falta das coisas mais elementares, em Aguas portuguezas... —E queixam-se, admiram-se, que a gente se safe para o estrangeiro! Ainda hontem a Maria Antonia passou pelo maior vexame, quando a ingleza elegante (temos uma ingleza elegante!) lhe pediu a direcção d'um cabelleiro! E a Lydia que precisava d'um massagista! E o estado em que todas nós trazemos as

unhas, porque, tambem a respeito de *manicure, nicles!*

— Ah! para isso não ha como Vichy, suspirou a volumosa metade do Conselheiro Alcoforado, tem a gente tudo, *coiffeur, manicure, couturière, opéra, opérette*, porque a *opéra* e a *opérette* são tambem de primeira necessidade, desopilam o figado, não é verdade, Alcoforado?

Um pouco mais longe, transbordando d'uma cadeira de vimes, a enorme D. Cesaltina Ramalhão, empurrava-se desesperadamente para a intimidade illustre da Sophia B., que conhecera nas Salesas. E precipitava já o *tu* enquanto a outra tentava refugiar-se em um prudente: — Não me lembro...

Mais grossas as nuvens acastellaram-se no céu, velaram a branca face da lua. As senhoras Albuquerque, de mantilha de renda sobre a cabelleira, aconchegando ao pescoço, no habitual terror d'uma constipação, as *écharpes* de lã, passaram apressadas. E, em seguida, a Aline Santos, aos pulinhos, annunciando: — As Pedras animam-se! Chegou a Dulce! Vamos ao Grande hotel ver a Dulce... E depois, o Romeu Santos, abafado tambem até as orelhas, gritando á mulher: — Oh! filha, veste o casaco!... — Os cantos da bocca cahiam-me de amargura.

Chovia já quando dois saltimbancos começaram a dar-nos o espectáculo de numerosas habilidades: lume na bocca, espadas engulidas, acrobatismos que faziam mal ver em aquelles pobres, magros



corpos. Amelia M. exclamou : — Que horror ! Devia ser-lhes prohibida a entrada no parque.

Eu olhei para a miseria d'elles, para os escandalosos brincos de brilhantes d'ella, desejei arrancar-lhe, com um brinco, uma orelha . . .

E veio enfim a bemdita, misericordiosa hora, em que, alegres ou tristes, de tédio ou divertimento, os dias se fundem na profunda paz do somno, irmão da morte, a eterna paz . . . Porém antes de procural-o, quero deixar-te este commentario áquelle: — Tu, que nunca te aborreces—da tua ultima carta.



Pedras Salgadas, 20 de julho

E agora todos os dias são iguaes. Continuo estendida defronte da janella, prisioneira n'este pequeno quarto, emquanto, lá em baixo, centenas de pessoas — uma multidão elegante e deselegante, contente e descontente, de todas as idades, desde o *bébé* ao collo da ama vestida á ingleza, até a senhora de oitenta annos que é preciso reanimar com injeccões de camphora — se acotovellam no *hall*, na sala Imperio, na aula de anatomia.

Trez semanas passaram sobre aquella famosa tarde, em que, a caminho de Rebordo do Chão, pequena, deliciosa aldeia, restos d'um solar esburacado entre castanheiros magnificos... — eu aprendi o que é uma entorse, de alto lá com ella! Ainda não consigo fazer um movimento. E como tem o ar estúpido, inutil, este trambolho, esta feia coisa entrapada que, modestia áparte, já foi um bonito pé!

Mas não me afflijo por ahi além. Emquanto os outros — sinceramente ou polidamente — me lamentam, eu medito aquellas palavras de Joubert, o resignado : — *Pensez aux maux dont vous êtes*

*exempt.* E logo descubro que estou livre d'uma infinidade de males. *Pensez aux maux dont vous êtes exempt...* Ah! doce, sabio Joubert! Devíamos gravar na mente essas suas palavras e não nos queixaríamos tanto, e seríamos menos injustos para a vida, menos ingratos para Deus.

Todos os dias se parecem... Mas, atravez da monotonia, pode encontrar-se a paz. Não está muito calor, pelo menos no meu quarto. Contemplo os altos cedros que balança uma leve brisa. Ólho o céu todo azul ou, se ha nuvens, sigo-lhes o capricho, viajo com ellas. Oiço as rolas e logo o meu coração volta atraz, ao querido passado distante. Estou outra vez no Bomfim, n'um quarto de paredes brancas tambem. As janellas abrem sobre um largo jardim. No céu viaja, com o capricho das nuvens, o meu capricho... E é toda a minha infancia, toda a minha adolescencia.

Vivo com as saudades: unico bem de que já-mais se despoja o coração. E com os livros, velhos e novos amigos, lidos, relidos... Eterno encantamento!

Achei delicioso o *Cancre*, romance que me tinha promettido Lucie Delarue Mardrus e que, já se vê, não me mandou. Escusado é acalentar illusões. Promessas de mulheres são como promessas de homens.

No *Cancre*, conta-nos *Madame Mardrus* a historia d'uma creança, infeliz e cheia de imaginação, triste e incomprehendida, como ha tantas...

Mas poucos se deteem a olhar para a alma das creanças. Lucie, que teve certamente uma intensa, maravilhosa e... dolorosa infancia, nunca está tão á vontade como ao descrever-nos os pequenos, *grandes* dramas dos primeiros annos: sensibilidade que accorda, precoce avidez de saber e o mal que, sem querer, nos fazem os que já sabem, lagrimas em que mal se repara e ás vezes tamanha amagura conteem...

George Antoine, principal personagem do *Cancro* é enternecedor como a Lili do *Roman des six petites filles*, como a pequenina heroína do *Toutonne et son amour*. Em cada um d'elles *Madame Mardrus* deve ter posto um pouco do que foi a sua alma infantil, essa alma que se reflecte ainda na expressão dos seus limpidos olhos... Por isso George Antoine, Lili e *Toutonne*, uma vez conhecidos, não esquecem jámais.

Outro livro de mulher. (Eu não partilho as ideias da maioria do meu sexo sobre a litteratura feminina. Longe de desprezal-a tenho por ella uma grande predilecção. É a que sinto mais perto de mim) *La vie amoureuse de l'Impératrice Joséphine* por Gérard d'Houville. Conta-se que Napoleão dizia de Josephina: — É feita de gaze e de rendas. — N'este lindo poema, que celebra os passaros e as flôres dos tropicos, a fina Imperatriz surge, feita de plumas e de petalas, passaro, flôr tambem...

— *Imaginez une dame colibri adorée par le jeune aigle*... — Ah! que encanto teem os amores

da *dame colibri* e do *jeune aigle*! Quando, no primeiro deslumbramento Napoleão a chama: — *Ma souveraine*... E um pouco desdenhosa ainda, Josephina responde: — *Petit chat botté*... Quando é Napoleão que ama e deseja e treme, entre os quadros, os espelhos, os damascos sumptuosos do palacio Serbelloni, ousando apenas tocar-lhe: — Bonaparte não me esfragues o vestido! Não me tires o carmin!...—E mais tarde, quando os papéis se invertem, entre as rosas da *Malmaison*, Josephina treme, Josephina chora...

— *Rose de France née aux tropiques, rose des Antilles qui serait bientôt celle de la Malmaison et la fleur préférée de Bonaparte*... Madame Gérard d'Houville, que é também uma linda rosa de França nascida nos tropicos, descreve, como ainda ninguem descreveu, a graça creoula d'essa Imperatriz — flôr preferida de Napoleão. O seu livro não encerra talvez grandes verdades historicas, ella propria o confessa: — Tracta-se apenas d'uma phantasia sobre thema conhecido de todos...—Mas que adoravel phantasia!

— *Dansons la trompeuse*: não achas suggestivo o titulo? A *trompeuse*, dança popular do Béarn, foi escolhida por Raymond Eschollier para o nome do seu ultimo romance. Se o leres verás como diz bem com o assumpto triste, da infinita tristeza que sentimos em tudo que vae acabar: fim de dia, fim de anno, fim de viagem, fim de amor, e acima de tudo, n'isso que jámais quer acabar: a mocidade

da mulher. Tem cincoenta annos a heroína de Eschollier, sobre elles muitas penas passaram... Mas... *dansons la trompeuse!* Como uma velha penna ao vento até a morte hade bailar!

Ficamos hoje por aqui a respeito de livros. Para ler é preciso silencio, quietação e não tarda que o meu quarto se encha de lindas futilidades e lindos vestidos e lindos sorrisos... Cada dia, pelas quatro horas, as elegantes senhoras lisboetas, recém-chegadas ás Pedras, cumprem gentilmente, em minha honra e proveito, a obra de misericórdia: visitar os enfermos. Trazem-me consolações.—Um bocca-dinho mais de paciencia e d'aqui a pouco até pode dansar... (*La trompeuse?!...*)

Trazem-me tambem novidades. Fico sabendo quem chegou, quem partiu, em que humor esteve o sr. Silva, que modernissimo chapéo arvorou aquella nova rica, tão triste e tão sumptuosa, que tem dois colares de perolas e uma doença de figado...

Em surdina, pianissimo, pianissimo — não vão os vizinhos ouvir... — mimoseam-me com os ultimos escandalos. O caso da lavadeira que, na celebre noite da *tertulia*, vendo passar a Marieta toda tafula, salerosa, com vestido de setim e *manton* de Manilla, resmungou para o gallego do primeiro andar:—A mim não me engana ellá. Por fóra corda de viola, por dentro pão bolorento.

E o dialogo que se seguiu, entre a Marieta e o marido: Ella (furiosa) — Isto é o resultado das doutrinas bolchevistas!



Elle (com a habitual placidez) — Não, minha filha, é apenas a consequencia do pessimo estado a que deixaste chegar a tua roupa branca.

Mas ha superior ao caso da lavadeira, muito superior! E contam-me a bulha da Luciana, com a mulher do musico, por causa do preto... — Jesus! Um preto!

— Oh! filha, *lioni soit qui mal y pense*... O preto da *jazz band* de Vidago, que, já se vê, toca muito melhor que os de cá...

— Gallinha do visinho...

— Não é nada a gallinha do visinho. Todos sabem que, para as dansas modernas, não ha como musica de preto... Ora, n'essa noite, queriamos que fosse o dito preto que nos tocasse o *Maxixe*. Mas os do Casino, os brancos, achavam offensa ao seu brio de artistas e de brancos... E nós que sim, que havia de ser o preto e elles que não, que não acceitavam preto... Até que a mulher do violino, da flauta, do trombone, ou não sei de quê, fitando atrevidamente a Luciana (como sempre era ella quem mais calor tomava na discussão. Tu conheces o genio açodado da Luciana) mastigou: — Grande malcriada! — A Luciana respondeu immediatamente: — Malcriada será ella! — E malcriada para cá, malcriadíssima para lá, não calculas o chinfrim!

Apoz os desleixos da roupa branca da Marieta e os desmandos de lingua da Luciana, veem os *flirts* da Julia que já nem bonita está! Oh! a gente não sabe o que lhe acham, por onde lhe pe-

gam! Mas é mais a mim, mais a mim! Um desfôro!

E... assim por diante. A estação *bat son plein*. Os escandalos são flôres da estação.

Ao pôr do sol estou de novo só. Fazem-se mais negros os ramos altos dos cedros. O céu passa por tons de topazio, de amethista, até que se transforma em uma immensa saphira, picada pelo oiro das estrellas. As rolas calam-se. Suspira, mavioso e triste, o rouxinol...



Pedras Salgadas, 2 de agosto

Na sua última carta fallava-me de Pauline. Pauline — a gloriosa — cuja estatua repousa defronte dos jardins Justiniani, Pauline que foi *Madame Leclerc* e acompanhou o marido ás Antilhas, d'onde voltou viuva, com o coração do general Leclerc mettido n'uma urna de oiro, em que fez gravar as seguintes palavras: — Pauline Bonaparte encerrou n'esta urna o seu amor junto com o coração do seu esposo, cujos perigos e glorias partilhou. — E jámais a palavras humanas pode applicar-se, com maior justiça, aquelle: — *Words, words, words*, do velho Shakspeare, porque, reza a chronica, que tanto vivo como encerrado em preciosa urna de oiro, o coração do general Leclerc foi constantemente enganado. Não creio que o Principe Borghèse, seu legitimo successor, tivesse melhor sorte. Porém que importa? Tudo se perdôa a essa linda, voluptuosa Pauline, que nenhuns olhos contemplaram sem d'ella se enamorarem. Haverá maior gloria para uma mulher?

Tenho mesmo as minhas desconfianças que, certo admirador da outra Pauline — a que represen-

tava a graça, a ternura e o soffrimento — lhe foi um nadinha infiel com esta, formosa e princeza. . . Não seria?

Ah! felizmente que a pobre Andorinha teve larga pratica da infidelidade! Não ha conta, pezo, nem mediça para as vezes que a atraçouu o vaidoso, inconstante Visconde! E até Joubert. . . Escusa de protestar. Eu tenho provas. Accrescentarei mesmo, que com ellas desapareceu a minha ultima velleidade de encontrar um homem, um só, fiel! Sim, meu rico senhor, Joubert, o seu Joubert, o meu Joubert, o Joubert de Pauline, foi tambem o Joubert de *Madame* de Vintimille. E, forçoso é confessal-o, uma vez ainda mostrou bom gosto. Luiza de Vintimille era deliciosa: cabello escuro, olhos azues, uma inconfundivel elegancia e aquella suprema graça da melancholia que se esconde por traz da malicia. . . Ah! quem sabe se foi ella a inspiradora do lindo pensamento de Joubert: *L'ironie c'est la pudeur de la tendresse?*

Ainiga intima de Pauline — para taes coisas nunca houve como as amigas intimas. . . — em casa d'esta encontram-se pela primeira vez. No jornal de Joubert, o mais laconico e mysterioso que conheço, esse encontro foi apenas marcado com uma data — seis de maio. Porém, sobre essa simples data, Joubert desenhou uma estrella. . . A vinte e sete tornou a vel-a, achou-a mal penteada! — Outro symptoma grave. . . — Ha ainda trez datas marcadas apenas com as iniciaes L. V. — Luiza de Vinti-

mille. Em cinco de julho notou a sua alegria—alegria que ao mesmo tempo o encanta e lhe faz mal... E veio, enfim, a doce tarde das Tulherias, em que ousou offerecer-lhe um ramo de anemonas brancas... *Le jour où j'ai mieux connu le bonheur de vous voir.*

Não ha duvida de que é delicado e lindo o novo idyllio de Joubert, mas tambem não resta duvida que a Andorinha... Ah! pobre Andorinha!

E como chegaram essas coisas ao meu conhecimento? Eis o que não posso dizer-lhe, porque francamente já não sei se as li, que gentil besbilhoteira m'as contou ou se eu propria as vi.

N'estes longos dias, de inactividade e repouso forçados, mais do que nunca tem sido meu dilecto prazer, evocar o grupo de sobreviventes da revolução, do grande nanfragio que, na pequena casa da Rua Nova de Luxembourgo, rodeia Pauline. Pouco a pouco a salinha enche-se. Joubert apresenta o seu amigo Fontanes — futuro Conde do Imperio e Marquez da Restauração, Fontanes que, em politica, andou sempre a dois carrinhos...—E—oh! ingenuo, imprudente Joubert! — apresenta Chateaubriand, que logo seduz o encanto doloroso, a pallida graça da, já ferida de morte, Andorinha...

Veem Lucille e Chenedollé... A gentil *Madame Hocquart*, amada até o cadafalso por Calixte de Montmorin, a turbulenta, insupportavel, genial Staël, que Joubert, espavorido, assarapantado, qualifica de turbilhão, Vintimille maliciosa e triste,

François de Pange apaixonado já por essa Sérilly, cuja ligeira appareucia encobre a mais decidida, energica alma...

Falla-se baixo a principio. No sorriso, que volta, treme uma ultima lagrima. A linda frivolidade veste-se ainda de lucto. Porém, uma tarde, *Madame* de Sérilly ousa abrir o piano, sob os seus dedos finos, esboça-se uma *romance* d'outr'ora... E, já pelas doces palavras que lhe murmura François de Pange, ella esquece o pobre Sérilly, morto na guilhotina.— *Mon cœur saignera toujours des coups qu'il a reçus et la manière affreuse dont, j'ai perdu mon mari ne sortira jamais de ma mémoire...* Ah! quantas vezes, sobre a terra, os corações teem repetido essa vã promessa: não esquecer jámais! E depois, como se apagam na areia os traços dos pés que a atravessaram, assim na memoria se apaga a lembrança do que morreu.

Para Pauline, tão fraca que um sopro agita, canta tentadora, irresistivel, a voz de Chateaubriand, a voz da sereia... Não tardam os encantados dias de Savigny e, depois no Marais, as noites de luar, á beira do lago bordado de melancolicos choupos, que *Madame* de Briche chama *o espelho*... Noites humidas de outono, porém Pauline traz apenas um ligeiro vestido de cassa. E quando lhe dizem:— É uma imprudencia! É chamar a doença, a morte...— encolhe negligentemente os hombros magros, responde:— Que importa?! — Pauline já sabe que a felicidade não dura e, perdida a felicidade, só resta morrer.



Pede-me que lhe fale de tudo o que me interessa, conte como passo o tempo, quem me faz companhia... Falei-lhe pois de Pauline, a imprudente, e da maliciosa Vintimille, da tão amada *Madame* Hocquart e de Sérilly, a das temerarias promessas...

—Sombras apenas! — dirá o meu amigo. Sombras, talvez, porém de tão doce, espirituosa companhia! Ah! se soubesse como v<sup>oa</sup> leve o tempo, enquanto me confiam os segredos da sua graça, os motivos da sua seducção!

E pelas quatro horas, quando desaparecem, para ceder o lugar ás elegantes senhoras lisboetas, sinto-me extranha, deslocada, parece-me que me entendia melhor com ellas, que me interessava mais a sua frivolidade. Porque... frivolas toda foram, todas s<sup>o</sup>mos, as que se dispersam já em cinza fina, estas tão triumphantes, tão vivas, nos seus trinta mil vestidos, eu, com as minhas velleidades de pensadora...



Pedras Salgadas, 21 de setembro

São dez horas da manhã, uma serenissima manhã de setembro, o mez em que o verão se despede, o mez mais suave, aquelle, de que disse Annunzio, que se parece com uma primavera vista em sonhos... Entra-me pela janella o puro ar da montanha e os seus mil aromas. As arvores não bolem. Não ha uma nuvem no céu. As senhoras do grupo provinciano divertido ainda não perturbam a divina paz. Dormem, descançam das folias de hontem, dos jogos do anel, berlinda, Padre Cura, etc., em que desenvolveram, para prazer dos admiradores, tão deliciosas, irresistiveis graças e... me roubaram o somno, porque estes innocentes folguedos costumam passar-se debaixo da minha janella e pela noite fóra. Não lhe conto o effeito produzido, nos meus nervos, ao ouvir, de mistura com risinhos e gritinhos: — O sr. Monteiro paga a prenda. Está na berlinda o sr. Monteiro.

Suzanna descobriu que todas as meninas, entregues a tão ingenuos brinquedos, passam dos quarenta annos. É que a flôr da mocidade das mulheres transformou-se n'uma flôr de papel. Jámais

se fana. Verdade seja que tambem jámais possuiu viço e perfume. As nossas raparigas teem almas de cincoenta, sessenta annos. Em vez de frescas illuções. . . Mas lá ia eu acusar as suas queridas *modern girls*! Desculpe. Estou de mau humor. Ando com um humor de cão desde que o Padre Cura me perturba os sonhos.

Apoz longa e afflictiva viagem — entalada entre senhoras gordas, a transpirar em bica e senhores gordos constipados, exigindo janella hermeticamente fechada — que me custou, além do preço d'uma antiga volta ao mundo, o meu melhor par de sapatos, uns ricos sapatos de polimento, da Garrett, preço d'uma sapataria completa! — astuciosamente larapiado da malla, em cuja fechadura eu depositava a mais temeraria confiança, desembarquei n'esta elegante, divertida (?), ruidosa estancia d'aguas, com a firme tenção de demorar-me apenas os vinte dias da praxe.

Isto passou-se ha trez mezes e ainda cá estou. . . Mais uma prova, querido amigo, de quanto perigoso é fazer planos, tomar firmes resoluções. Desde sempre o homem pôz e Deus dispôz.

Comecei por amuar com a montanha — sou a mulher das planicies e que, na falta d'ellas, só ama e comprehende o mar — depois, pouco a pouco, percebi-lhes a belleza, o grandioso encanto e agora, quasi a partir, enamorada já das alturas, desejaría, como de resto desejo cada vez que parto, ficar. . . Deve ser tão lindo o parque no outomno! Porque,

todos os hotéis e Aguas, estão dentro d'um grande parque, onde ha cedros magnificos, magnificos platanos, aiosos, magrinhos choupos, um lago verde... E, para lá do parque, deliciosas azinhagas, onde se caminha entre sebes perfumadas, colhendo as amoras maduras e as urzes côr de rosa, onde murmuram doces ribeirinhos, azinhagas que levam ás primitivas aldeias e aos brancos campanarios que, em tão linda voz, tangem as Ave-Marias.

Mais longe, para os felizes possuidores de automoveis, ha villas antigas, castellos, esburacados solares, todo o encanto, todo o *cachet* do velho Portugal. Eu fui apenas a Chaves, cuja alminha antiquada logo me seduziu. Appeteceu-me refugiar-me n'uma das suas casas, com balcão de madeira, engrinaldado de frescas vinhas. E nunca mais saber nada do mundo brutal... Esquecer os cambios, a bancarrota, os comicios, as *matinées*... No inverno adormecer á brazeira, com um pachorrento gato aos pés, as mãos mettidas em *mitaines* de lã. No verão debruçar-me á janella, sobre a rua-sinha estreita, curiosa apenas da visinhança... Pois não seria uma sábia maneira de envelhecer? Assusta-me a vida, de cuja antiga facilidade nada resta. O que diriam as nossas avós, que viajaram nas pacificas diligenciãs e passeiaram nas cadeirinhas forradas de seda violeta, se conhecessem os actuaes comboios, onde senhoras obesas nos entaíam e já não ha segurança para os nossos pares de sapatos?!

Mas reparo que enchi trez folhas de papel e

ainda não respondi á sua carta, embora me interessassem tanto os assumptos de que falla: questões de sentimento, eterna discussão entre nós. — O amor não é coisa que novas modas ou novas maneiras possam fazer desaparecer — pretende o meu amigo. Pois eu imagino que o amor, espavorido, assarapantado, com a rudeza, a brutalidade dos tempos, se não desapareceu completamente, pelo menos escondeu-se tão bem, que não é facil encontral-o. *Any way out of the world...* Quem sabe se em Chaves, na casa de balcão de madeira, entre as frescas grinaldas de vinha?

Sim, acho de pessimo gosto a «exteriorisação dos sentimentos que só pertencem a dois de cada vez...» Mas... a dois?! Ah! como o meu querido Alfredo, apesar das suas pretensas theorias, conserva na imaginação aquella flôrsinha azul do velho sentimentalismo! O que as suas *modern girls* chamam amor passa-se entre trez, quatro, cinco e... mais corações. No meu ultimo inverno da Madeira lembra-me ter ouvido varias vezes essa *Miss C.*, que me offerece como modelo e que era então um mimoso botãosinho de rosa, *flirtar* ao telephone com a sua... duzia de admiradores. Para todos havia o mesmo terno *no*, que acabava no mesmo ternissimo *yes*... Ah! como *Miss C.*, que fazia o meu pasmo, me fazia tambem saudades do longiquo tempo da minha mocidade, quando, no tremulo segredo da alma, eu me apaixonava pelos cabellos loiros de D. Lourenço de Almeida! Nós,

as das mangas de presunto e das saias rodadas, as de Raphael e de Graziella, é que amavamos e procuravamos o mysterio, ellas adoram escaucarar os seus modernos idyllios, ou digamos antes *flirts*, que a doce palavra idyllio está longe de convir-lhes. Porém o Alfredo vae acusar-me, mais uma vez, de rabugenta, retrograda... Mais uma vez vae ter pena que eu não possa, não saiba, comprehender, amar as coisas e as pessoas do meu tempo. Pois tambem eu tenho pena de vel-o modernisar-se, *americanisar-se* tanto! Comtudo nem os meus gostos *out of fashion* nem as suas ideias *jazz band*, nos impedirão, espero, de continuarmos a ser os bons amigos que desde sempre fomos.





Paris—Hotel West End  
18 de Novembro

Dizia Jules Lemaître, dos livros de Loti, que os amava de mais para saber falar d'elles. O mesmo poderia eu dizer-lhe da Cidade da Luz. E, a esse demasiado, perturbante amor, junta-se a atarantação que produz, na minha provinciana pessoa, o Paris de apoz a guerra, tão differente do outro que eu conheci doce e acolhedor, no bom tempo dos *fiacres*, quando a gente podia atravessar as ruas sem uma doença de coração.

Oh! Eu bem sei que automoveis e *autobus* e *camions* e *side cars*— todos esses objectos do meu maior horror! — não são resultado exclusivo da guerra. Ha muito já existiam, porém com aquella *measure* que foi, de todos os tempos, a grande qualidade, o supremo encanto dos francezes e que, diga-se de passagem, com tristeza o constato, se vae tornando tão rara. Existiam para nossa commodidade. Agora—Deus do céu!—fazem parte dos tenebrosos machinismos que metade da humanidade inventou, para dar cabo da outra metade. Ignoro o que sentia o soldado ao ver avançar um *tank* formi-

davel, mas ia jurar que o seu pavôr não era maior do que o meu, quando vejo na minha frente um *autobus* furioso...—*Ma chère vous vous ferez écraser en dansant la polka comme ça*, costuma dizer-me uma amiga franceza.

Sim, é isso. Diante do negro monstro eu danso a polka do terror e, se o Alberto nunca a dansou, não sabe então o que é ter medo...

Felizmente, para meu socego e prazer, existem ainda em Paris, deliciosos bairros onde o *autobus* não penetrou, doces, tranquillias rias onde a gente pode tomar folego, apoz a lucta dos *boulevards*, como por exemplo a do meu hotel, Clément Marot, tão quieta e silenciosa, com um perfume virtuoso de provincia, ignorada pela maioria dos *chauffeurs*, embora ali mesmo, a dois passos dos sumptuosos Campos Elysios...

Ah! decerto o patriarchal West End, com os seus criados antigos, os seus hóspedes genero respeitavel, as suas honestas *pommes nature* e a sua gorda cadelinha *Poulette*, está a cem leguas d'aquelle nosso divertido Stella, refugio de monarchicos portuguezes exilados, de princezas hespanholas que atiraram com o principado... e o *bonnet* por cima dos moinhos, onde tão alegres, despreocupados outonos passámos e, na pequena sala de jantar, florida de rainhas Margaridas — lembra-se? — era a nossa mesa a mais turbulenta, a mais endiabrada, aquella em que mais se fallava, mais se discutia e mais se ria!

Foi no Stella, parece-me, que, em uma manhã de fogacho politico, eu jurei aos meus deuses assassinar o Sr. Affonso Costa. . . Como tudo isso vae longe! Ha quanto tempo se apagaram os meus fogachos! Pode o Sr. Affonso Costa dormir tranquillamente. . . o somno da innocencia, viver e medrar á sua vontade. Já aqui não está quem pretendeu assassinal-o. Isso é commettimento para pessoa nova e magra. Está aqui uma senhora de idade que começa a engordar. . .

Mas o Alberto pediu-me que lhe falasse de Paris e eu ainda não fiz outra coisa senão falar-lhe de mini, esquecida de que, se o eu é sempre odioso, mais se torna, tractando-se d'um tão pouco interessante eu.

Paris está lindo envolto nos seus primeiros nevoeiros de inverno, leves ainda, a velarem de mysterio as ultimas graças do outono. Porque se prolonga deliciosamente o outono. . . Ainda conservam folhas os castanheiros dos Campos Elysios, ainda floriem, côr de oiro como as folhas, os crysanthemos.

Paris, cidade intelligente por excellencia, cidade onde tudo tem expressão, graça. Paris que, mesmo nos seus dias infelizes, guarda o sorriso. Sorri quando trabalha, quando soffre, quando lucta, quando ama. . . E pode ser estouvado, frivolo, cruel. Jamais tem o ar *bête*, nem o ar vencido. Paris, eterno feiticeiro, eterno evocador! Paris, onde a gente nunca se acha só porque, cada rua, cada

jardim, cada pedra, avivam uma lembrança, acordam uma figura do passado. Paris cheio de alma...

— Mas os theatros, as modas, a politica, a litteratura, tudo isso de que eu lhe pedi noticias? — perguntará o Alberto, farto já de tanta divagação. Tenha paciencia. Lá vamos.

Na casa de *Molière*, *Jean de Lafontaine* ou *le distrait volontaire*, resuscita com encanto e brilho, o tempo de Molière, o tempo dos grandes amores e das grandes medidas.

No Gymnase representa-se *Les vignes du Seigneur*, adoravel comedia de Robert de Flers e Francis de Croisset.

Na Renaissance, André Brulé e Madeleine Lély emprestam o seu grande talento, a sua arte impecavel, ao *Prince Jean*, um drama absurdo.

No *Homme enchaîné* (Theatro Fémina) peça a que os jornaes fizeram grande *réclame* e que longe estive de enthusiasmar-me, tive a desillusão — oh! tremenda! — de ver Marthe Régner, a linda Marthe, a elegante das elegantes Marthe, envelhecida, pezada, gorda, quasi — o quasi é favor — grotesca, nas suas *toilettes* juvenis, o cabello cortado muito curto sobre a nuca, segundo a cruel, ingrata ultima moda, descobrindo... um cachaço... oh! um cachaço de respeito!

Eterno escolho da mocidade que pretende prolongar-se para lá dos permittidos limites... — *Madame Marthe on ne peut pas être et avoir été...* — Salvo n'aquelle caso a que alludiu, com tanto

espirito, Madeleine Rohan quando respondeu ao imbecil que lhe dizia: — «*Madame Madeleine! comme vous étiez belle quand vous jouiez! Marianne, Malheureusement on ne peut pas être et avoir été.*» — *Mais si mon cher Monsieur, on peut avoir été un imbécile et l'être encore...*

Em *Beauté* uma d'essas peças, gentis e futeis, que se ouvem com agrado e logo esquecem, eu difficilmente esquecerei Spinelly, linda, extranha, perversa, no seu vestido vermelho.

Sergine, inimitavel, unica, Sergine que tem genio, emquanto as outras teem apenas talento e arte, representa no Theatro de Paris — saudoso ainda de Réjane — a *Esclave errante*, peça sem grande valor litterario... Mas onde estão as peças de grande valor litterario? — No *Vieux Colombier*, dizem as pessoas *qui se piquent* de intellectualidade. Porém só ha muito poucos dias abriu o precioso theatrinho do Boulevard Saint Germain. Ainda lá não fui. Ainda não me senti bastante intellectual. Depois lhe falarei d'elle.

Tambem nada lhe digo da *reprise* da *Femme nue*, com Ivonne de Bray no papel creado pela dolorosa, genial Bady porque, em tributo de fidelidade á grande morta, não quero ver a outra. — Alguma vez havia de conhecer a fidelidade, essa pobre Bady!

Sobre a moda — deusa caprichosa que desde sempre presidiu aos mais altos destinos da humanidade — não é facil escrever. Jamais ella se mostrou tão desnorteadora e voluvel. Um dia alonga

as saias, para allivio dos tornozellos grossos. E, logo no dia seguinte, exultam os tornozellos finos, a saia apparece curta outra vez. Ha vestidos estreitos, estreitissimos, indiscretos como luvas e já volta, com os *godets*, uma suspeita de balão. Usam-se os castos decotes *en bateau*, descobrindo apenas o pescoço, os ingenuos decotes á virgem, em que o collo apparece a medo, e os outros, largos, denodados, que ninguem sabe onde vão parar... se é que param. Enfim, n'este intrincado labyrinto, mais vale concluir que se usa tudo, desde a tunica de Tanagra até os *paniers* de *Mademoiselle Sorel*.

Sobre politica?... Querido amigo, que extranha ideia a sua, de pedir-me que lhe falle n'um assumpto para que de ha muito deve ter reconhecido a minha absoluta incompetencia! E não encontro quem me illucide. Não conheço em Paris, um unico politico — mil graças a Deus, bastam-me os da minha terra... — Não costumo ler a *Action Française*. Os illustres *camelots* do Sr. Daudet inspiram-me uma indifferença, comparavel apenas, á que me inspiram os elegantes anarchistas do *Libertaire*.

Leio apenas o *Journal* e, mesmo n'esse, envergonhada o confesso, salto, dos divertidos *films* de Vautel, para o folhetim, um sensacional romance de crimes e aventuras, sem me preoccupar com o *dize tu, direi eu* do Parlamento, com as trapaalhadas da Ruhr, com os amuos da *Entente* que acabam, e mlagrimas e abraços, sobre o tunuilo do soldado desconhecido...



A respeito da litteratura tambem não poderei dar-lhe noticias da chamada escola nova: *dadaistas, cubistas, claudistas*, etc. — porque esses senhores põem-me no mesmo estado de atarantação em que me deixam os *autobus*. N'outro genero muitos livros tem apparecido, que despertam o meu curioso interesse, mas por'ora, como novidades, conheço apenas Louis XIV, de Bertrand, o grande auctor de *Saint Augustin*, e *Roman d'une amitie* de André Beaunier, o delicioso auctor das *Trois amies de Chateaubriand*.

No primeiro, de massudas dimensões, muito celebrado pelos entendidos, Bertrand pretende reparar as innumeradas injustiças de que tem sido victima na historia o soberano de Versailles. Aquella pessima lingua de Saint Simon e outras viperinas linguas contemporaneas declararam mediocre a intelligencia de Luiz XIV, attribuindo toda a grandeza do seu reinado aos homens notaveis que o rodeiam. Bertrand prova-nos que o Rei Sol foi um genio. E depois, que apezar das muitas e muito altas e poderosas que pregou aquella boa Rainha Maria Thereza, das lagrimas que fez chorar aos languidos olhos da La Vallière, dos desgostos que deu ao pobre Senhor de Montespan etc., etc., etc., S. Magestade foi virtuoso. Em seguida que, não obstante as numerosas e tremendas indigestões, com que se viram a braços os medicos da Real Camara, Daquin, Fagon e outros, Sua Magestade foi um sobrio.

Emfim, trata-se duma d'essas rehabilitações historicas, tão em moda na actualidade e que, de resto, nós portuguezes fômos dos primeiros a cultivar. Somos em tudo dos primeiros... — Sempre na vanguarda! — Já Bernardino o disse... — Um notavel trabalho ha muito destruiu a lenda de... prudencia, que offendia a memoria do Sr. D. João VI, restituindo-a aos figados de leão que lhe competem. E certamente, nenhuma das minhas elegantes e cultas leitoras desconhece a brilhantissima carta, em que Belchior da Nobrega rehabilitou, para todo e sempre, a calumniada virtude da linda Castiglione.

Mas vou incorrer no seu desdem, oh! meu douto amigo, confessando-lho que, á frivola e ainda vergonhosamente, romanesca mulher que eu sou, pareceu mil vezes mais interessante de que o profundo, laborioso estudo de Bertrand, o livro de Beaunier, perfumado da linda graça do seculo dezoito, enternecedora historia da amizade entre Joubert, a mais delicada alma, a mais subtil intelligencia do seu tempo e Pauline de Beaumont, Pauline que, por muito transparente e leve e alada (Deus permitta que os senhores rehabilitadores não se lembrem qualquer dia de vir provar-me que ella foi gorda, anafada e de sádias côres) mereceu aos contemporaneos a alcunha gentil de andorinha: adoravel amizade ternura, tocada de vez em quando por uma pontinha de amor... oh! quasi imperceptível, por isso mesmo deliciosa. E aqui tem, meu

querido Alberto, a prova flagrante do muito que uma pessoa do meu sexo é capaz de papaguear. Se o macei de mais tenha paciência. A culpa foi sua. Para que me pediu que lhe escrevesse?



Paris, 27 de novembro

Ha dias sahia eu do *Thé Fast*, que é este anno a casa de chá da minha predilecção, quando se precipitou, com impeto, nos meus braços, uma senhora a quem, entre a golla de castor exaggeradamente alta e a *toque* de castor exaggeradamente enterrada, podia apenas avistar-se a ponta do nariz. E só quando a sua alegre, sonora voz, soltou aquelle tão portuguez: — Tu por aqui! — eu reconheci a minha amiga Margarida.

De parte a parte foi uma agradavel surpresa. Margarida estafa-me, porém, uma vez por outra, diverte-me. Eu impaciento-a — sou tão *atada*! — Mas, de vez em quando, faço-lhe uma certa conta, para os desabafos, «comprehendo as coisas, deixo uma pessoa fallar...» D'ahi o prazer com que, apoz mezes... e annos, sem pôrmos os olhos em cima uma da outra, tornamos a encontrar-nos.

Succederam-se as ruidosas effusões, lisboetas em geral e de Margarida em particular. Um, dois, trez abraços... Beijo repenicado em cada face — Por signal que foi um trabalhão quando, pela minha vez, quiz achar a face da minha amiga — E, depois

d'um ternamente reprehensivo : — A marota em Paris sem dizer nada á gente ! — Margarida logo decidiu que nos havíamos de ver immenso. Ali mesmo emprehendeu a longa, confusa série de combinações, ordens e contra-ordens, com que tem o dom de atrapalhar a sua vida e a dos outros.

— Amanhã sem falta... — Não podia ficar mais tempo sem accudir a tantas saudades minhas ! — Ah ! valha-me Deus ! Amanhã não. Depois d'amanhã... Perfeitamente ! Mesmo a calhar ! — Santissima Trindade ! Que cabeça a sua ! Lá se esquecera que tinha o alfaiate, a costureira barata de Batignolles, o homem que tira sardas... E não queria maçar-me. — Tu não és para essas estafas... Queria passar commigo um dia quieto, intelligente, um dia de arte. Iriamos ao Louvre... A não ser que eu preferisse um passeio a Versailles, ao Trianon... Tinha automovel. E que automovel ! De Conde... *ma chère* ! O P. que, este anno cultivava com o maior disvello. — Tu não conheces ? É um pé de boi, coitado ! Mas tão boa pessoa ! Em'genero maçada, cesse tudo o que a musa antiga canta, mas d'uma utilidade por causa do automovel ! *Recommendo-t'o*. Vale a pena atural-o...

E embora eu não tivesse esquecido ainda certa manhã do Louvre, em que Margarida, bocejando terrivelmente defronte da Santa Anna de Vinci, declarara que aquella figurona tinha cara de sonsa, e certa tarde do Trianon em que, mal percorrermos a linda alameda que leva ao Templo do Amor,

Margarida achara que eram horas e mais que horas, de trocar a estopada bucolica pela animação do Palace, onde appareciam sempre *toilettes* bonitas, aprovei o projecto. Louvre ou Trianon, conforme o tempo, na proxima quinta-feira — Mas, pelo amor de Deus, filha, vê se estás prompta ás duas. Olha que eu, em Paris, sou d'uma punctualidade britannica.

Punctualidade britannica! Pelas trez horas, quando já farta de esperar e sobretudo de desesperar, resolvera fazer o meu passeio favorito — Campos Elyseos até a Praça da Concordia, tão linda na rosada luz do pôr do sol! — um automovel parou á porta do West End e Margarida, ou antes a ponta do nariz de Margarida, surgiu nervosa, apressada. . .

Já se vê que, pela ordem natural das coisas, era eu que devia queixar-me da demora. Porém, com a minha amiga, jámais as coisas seguem a ordem natural. Assim foi ella que, no curto espaço decorrido entre a minha sahida do hotel e a minha entrada no *taxi*, exclamou impaciente: — Oh! filha não comeces já a pizar ovos. Entra depressa. Não me faças perder mais tempo. Passa das trez horas. Eu não vim ás duas porque tinha a certeza que não estavas prompta. Aproveitei para dar umas voltas... E o que já fiz! Por onde andei, o que comprei, o que acertei! Mas o que tem este animal que não se mexe?

— Qual animal?



Ora qual havia de ser?! Parece-me que nem ella, nem eu... O *chauffeur*. Bateu nos vidros, gritou: — *Vite. Filons. Où je vous ai dit...*

E como o homem parecesse não entender, accrescentou, com a energia que todos nós lhe conhecemos: *Au Louvre, meu palerma!*

O Louvre. O museu. Esperava-nos a Victoria, abrindo as suas divinas azas... Oh! por uma vez Margarida não mudara de plano e certamente cançada de tantas compras, de tantos acertos, queria procurar um pouco de repouso e paz, na intelligente atmospheria do velho palacio.

Mal o automovel, dobrando rapidamente a esquina da Avenue Montaigne, entrou nos Campos Elyseos, a minha amiga começou a dar largas aquella extraordinaria volubilidade, que immediatamente me põe os miolos em agua. Louvores a Paris onde se vive. Descomposturas a Lisboa onde se vegeta. O seu desejo de que um bom terramoto (d'esta vez sem Marquez de Pombal, para reedificar) arrase aquella parvalheira toda. A resolução que toma, mal entra na civilisada França, de nunca mais falar n'aquella aldeia de Paio Pires... É logo a seguir as ultimas besbilhotices de Cascaes, que soube pela Marianna... Procurando ouvir o menos possível eu gozava já certa sala do seculo XVIII, onde se esfumam, como em brando sonho, os suaves pasteis de Latour, as doces paisagens de Watteau, quando o automovel estacou bruscamente defronte dos Armazens do Louvre. Era decerto

engano. O *chauffeur* ouvira Louvre, não percebera que se tractava do outro, o *grande*, sanctuario da Victoria de divinas azas... Porém não houve tempo para observações nem explicações. Margarida desceu rapidamente, enfiou por entre a multidão que se apinhava junto á *vitrine* onde um manequim, embrulhado em tela prateada, offerencia chá a outro manequim, embrulhado em tela doirada. E, n'aquelle panico que se apodera de mim ao transportar os humbraes d'um *magasin*, eu pude apenas segui-la, implorando:—Pelo amor de Deus não me abandones...

Era dia de exposição e dia de saldos. O Louvre regorgitava de apressada gente. Não se dava um passo sem apanhar um empurrão. Duas vezes pedi afflictivamente misericórdia a uma senhora, com dimensões de Padeira de Aljubarrota, que, na azafama de passar, me levava o chapéo preso ás garras da sua raposa. E apenas liberta da Padeira possante e da raposa feroz, o balão vermelho, que triumphantemente arvorava um menino vestido de Carlos I de Inglaterra, veio estatelar-se com estrepito, na minha cara... Estonteada, atarantada, deixei cair a carteira e quando me abaixava para apanhal-a, novo embate formidavel lançou-me contra as pernas d'uma atrevida serigaita, que exclamou furiosa:— *Qu'est ce qu'elle fiche cette es-pèce d'imbécile?*— O verbo não foi exactamente *fiche*, foi outro de mais ampla e forte significação, que eu, embora partidaria da liberdade de imprensa,

julgo prudente não repetir á lettra... —Entretanto — tal *Lady Stanhopre* atravessando as tribus dos beduinos, a caminho de Palmyra — Margarida avançara denodadamente para o *rayon* das luvas, onde fui encontral-a muito serena, muito risonha, reclamando *suède* côm de Champagne...

— É que não ha luvas como estas! Eu já ha muito deixei a Alexandrine. Forneço-me aqui para todo o anno. Mas o que tens tu que estás tão enfiada, com o chapéo ás trez pancadas, o véo rasgado? Parece que sahiste d'uma bataiha!

Desabafei amargamente. A culpa era d'ella que, sob fallazes promessas, ali me arrastara e ainda por cima me deixara a braços com senhoras formidaveis, que trazem ao pescoço feras por domesticar, com pequenos Carlos I, portadores de explosivos, com atrevidas serigaitas, promptas ao insulto...

Margarida soltou uma d'aquellas alegres gargalhadas que a rejuvenescem de vinte annos, declarou que eu devia ter arrancado o rabo da raposa assassina, uma orelha do precoce anarchista e respingado ao verbo expressivo com um dos nossos ainda mais expressivos palavrões lusitanos. É o que costuma fazer. Nada de deixar estes francezes pôrem-nos os pés em cima! Mas, no fundo, tambem ella abominava os *magasins*. Não pensasse eu que estava ali por prazer. Estava por necessidade. E não se demorava. Era um instante apenas... Depois o outro Louvre, com a arte, a

sublime arte, para descançar, para purificar! É a companhia da Venus de Milo... Ah! feliz Venus que não precisa de luvas!

Tinha já escolhido seis pares d'essa *suède* que parece tão fragil — um trapo! — e dura uma eternidade... — Até a gente se aborrece! — Escolheu ainda quatro pares de pellica *beige*, quatro de pellica preta... — Uma pessoa pode ficar de luto... É ella então... Ha uns tempos para cá era um d'estes desatinos de parentes a morrerem-lhe! — Seis pares *lavables*... — Experimenta, Luzia, é o que ha de mais pratico. Nunca se estragam. Pode fazer-se-lhes uma barrela, como a panno crú! Tinha ainda meia duzia do anno passado e não conseguia dar cabo d'ella!

— Para que compras mais, então?

— Oh! filha, uma pessoa tem de precaver-se...

Desapegámos emfim do *rayon* das luvas. Prudentemente agarrei-me ao braço de Margarida. Sahir d'um *magasin* é emprehendimento tão difficil como entrar. Sahir... oh! santa ingenuidade! Mal deramos dois passos na direcção da porta, a minha amiga, avistando o *rayon* das flôres, lembrou-se que precisava — era-lhe absolutamente indispensavel! — uma camelia branca para o regalo. Tivesse eu mais um bocadinho de paciencia... Só dois minutos, os necessários para escolher a camelia. É durante, pelo menos meia hora, uma pallida, magra *vendeuse* revolveu de cima a baixo, o *rayon* das flôres, á procura da indispensavel camelia, so-

nhada pela minha amiga, até que surgiu, branca, com tons de leite, a delicada flôr... Margarida segurou-a entre os dedos finos, deteve-se pensativamente a contemplá-la, pousou-a sobre o casaco de castor, acabou por perguntar-me: — Tu não achas que uma camelia tem sempre o ar insosso, desenhado, sem expressão?

Apressei-me a responder que, pelo contrario, achava uma flôr distincta, aristocratica, *racée*, digna de enfeitar o mais elegante *manteau*... — Ai de mim! O que eu queria era ir-me embora! — Mas a minha amiga, apoz outro demorado exame, declarou que, decididamente estava a embirrar com a camelia... Preferia um môlho de violetas, violetas brancas, d'um branco tocado de lilaz. Punha-lhes uma gotta de Houbigant e seria como se viessem de Parma, direitinhas... Outra vez a pobre *vendeuse* revolveu Séca e Meca para encontrar o ramo que, levemente tocado de lilaz e perfumado de Houbigant, dir-se-hia ter chegado direitinho de Parma.

— Estas são roxas de mais. Só para o Senhor dos Passos da Graça! Estas teem um amarellado embirrento. Estas parecem velhas, já deram o que tinham a dar.

E depois, pensando melhor, Margarida implicava com violetas: uma flôr tão vulgar! Todo o bicho careta tem violetas. Viera-lhe de repente uma ideia... Com o castor o que ficava bem era uma côr viva, um pouco berrante mesmo... — *Quel-*

*que chose qui tranche, Mademoiselle...* A *vendeuse* propoz um môlho de *capucines* doiradas: — *Voilà ce qu'il faut, Madame.*

— Não! Chagas sô em salada. Mostre-me rosas, cravos, geranios...

E, apoz longa hesitação entre um gálho de geranios vermelhos e uma rosa de velludo vermelho tambem, Margarida decidiu-se pela rosa.— Ora até que emfim! Exactamente o que eu queria! Eu sei sempre o que quero, mas estas patetas nunca percebem.

E, de novo, a esperança de sahir d'aquella. *Babylonia* alegrou o meu coração. Porém, ainda não tínhamos dado outros dois passos, já a minha amiga — que sabe sempre o que quer!! — achava a rosa encarnada de mais, repolhuda como uma couve... e, só pensar n'ella lhe fazia mal aos olhos! Decididamente ia entregal-a. Logo ou amanhã compraria um amor perfeito roxo, que tinha visto nos *Trois Quartiers*. O amor perfeito era mais original, mais discreto... — Mas tu estás cançada. Espera aqui enquanto eu entrego a rosa e recebo o dinheiro...

Com um suspiro abriguei-me junto aó *rayon* dos perfumes, enquanto Margarida enfiava de novo, por entre a multidão, á procura da *vendeuse*. Passaram dez minutos, longos como dez seculos... Margarida voltou emfim. Graças a Deus já estava livre do espantalho encarnado, mas... se eu não me importasse, ainda gostava de comprar um véo...— Oh!



era ali mesmo, era um instantinho... E arrastou-me até o *rayon* dos vãos. Por felicidade encontrei uma cadeira onde logo me deixei cair. Entretanto Margarida, indiferente aos empurrões, equilibrando-se admiravelmente n'aquellas bravias ondas de ciero, nobreza e povo, experimentava vãos defronte d'um pequeno espelho. Tinha-os pedido cinzentos, *tête de nègre*, côr de tabaco... E de repente decidiu que só o preto ficava bem á pelle. Queria um véo preto, com ramagens do nariz para baixo e que apenas lhe mostrasse os olhos, como ás turcas. Graças ao Altissimo a *vendeuse* descobriu logo o véo de ramagens, genero turco. Mas foi toda uma historia para a collocação do dito. Tão depressa Margarida achava que o tinha posto acima de mais —entrava-lhe um ramo pelo olho esquerdo—como se queixava que tinha a cara toda á mostra... Assim não era elegante, não era turco! E impacientava-se contra a pobre *vendeuse* que, nas pontas dos pés, com os magros braços erguidos, resignada, stoica, atava, desatava, tornava a atar, tornava a desatar...

Fixou-se enfim, segundo as regras do harem, o véo da nova odalisca. E velho condão da humanidade: esperar, contra toda a esperança... Mais uma vez eu acalentei o engano doce, de me encontrar na rua, respirando o ar puro, sob o puro céu, quando Margarida propoz negligentemente: —Já agora se fossemos ver os vestidos...—E, sem me dar tempo para responder, encaminhou-se para o



elevador. E sem uma palavra de protesto — já de ha muito conheço a inutilidade de todos os protestos — eu fui atraz d'ella. Quem nunca teve de assaltar um elevador de *magasin*, não sabe o que é o mais horrivel, furioso embate do bicho humano contra o bicho humano. . . Uma cotovellada, que me ia arrombando a costella direita, arrancou-me um grito lancinante. Do outro lado Margarida mimoseava com: — Sua grande besta! uma senhora que lhe puzera, sobre o pequenino pé lisboeta, a sua iminensa pata franceza. Indifferente, monotona a voz do homensinho agalooado annunciava: — *Blouses, jupes, corsets, lingerie. . . robes!* Oh! até que emfim! Eu já desfallecia entre um militar gordo, cujo perfume não era exactamente o das rosas, e o *man-teau* erriçado d'uma enorme ingleza.

Fizemos o *tour* dos vestidos. A minha amiga apaipava os estofos, elogiava ou criticava o córte, queria este por ser pratico — para a missa das nove. . .

— Oh! Margarida, tu nunca vaes á missa das nove. . .

— Vou, quando está em Lisboa a tia Maria da Assumpção. . . — Aquelle por não parecer de *magasin*. Podia perfeitamente passar por vestido de grande casa. — E minha rica filha, nos tempos que atravessamos, uma pessoa, de vez em quando, tem de impingir gato por lebre! — Aquelle outro por ser exactamente o seu genero. . . E precisava d'um, de dois, de trez, de todos! — Por economia, para

poupar os da Jenny... Uma pessoa não pode andar todos os dias com vestidos de dois mil francos. Até seria immoral, havendo tanta pobreza! Mas também não hade andar nua...

Recolhemos a um cubículo *d'essayage*, onde sob a crua luz electrica, e n'um calor que lhe desfazia, em grossas bagas negras, as olheiras que dão ao seu rosto uma tão languida, pensativa expressão, a minha amiga enfiou, desenfiou, duzias... julgo que centenas, de vestidos, de baile, de *soirée*, de chá, de passeio, em estofos de phantasiados nomes, *fulgurant, ébloissant, miroitant*... Ah! forte trapalhada!

Eram quasi seis horas quando deixámos o cubículo.

— Tu não estás esfalfada, Margarida?

— Sim, um pouco... E moria por uma chicara de chá. Para não perder tempo podemos tomal-o aqui mesmo. É no outro andar...

No outro andar! Ahi tinhamos de novo o elevador. Outra vez me vi reduzida á desagradavel situação de sardinha de lata, senti os pés esmagados, o chapéo, deslocado da sua posição natural, andou n'uma contradança, do nariz para a nuca, da nuca para o nariz... Até que attingimos essa abençoada região do chá. Porém que difficuldade, para arranjar lugar! Sem o notavel desembaraço da minha amiga ainda a esta hora lá estaríamos. O dito, tomado de assalto, provocou amargos protestos d'uma senhora, que apertava ternamente contra o

coração um *caniche* vestido de velludo escarlate. Quando entramos já ella estava de guarda á meza, mas justamente no momento em que se levantavam as duas americanas que a tinham occupado, *Madame* affastara-se um pouco, distrahida a inquirir do seu *tótó* :— *Tu ne t'ennuies pas trop, mon mignon chéri ?*—E sem a menor cerimonia Margarida sentou-se. A senhora do *caniche* ainda recalcitrou :—*Pardon, Madame, j'étais là avant vous...*

— *Grand bien vous fasse*, respondeu tranquilamente a minha amiga. E como se approximasse uma *vendeuse*, encommodou chá, torradas, *sandwiches*, bollos... Oh! sentia-se com uma d'estas laricas!

— *Sâles étrangères !*— resmungou a franceza, afastando-se.

— Sim, canta-lhe! . . . —E para mim, triumphante, Margarida accrescentou:—Eis como ellas se ensinam.

Era delicioso o chá, que tomámos com uma rodella de limão, á russa. Optimas as *sandwiches*. Apezar do vaé-vem de gente, constante como o vae-vae do mar, descansava-se na vasta saia. Parecia menos pezada, mais pura a atmospheria. Margarida decidira que agora não se pensava mais em trapos—oh! ella já tinha trapos até aos olhos! —Precisava distrahir-se, falar d'outra coisa. De theatro, por exemplo. O grande encanto de Paris são os theatros.—«Não te parece?»—E quiz saber se eu tinha visto a *Gardienne*, o que achava da *Gardienne*?

— Acho um disparate sem pés nem cabeça. . .

— Tens toda a razão. Aquella santaronna da Princeza, tira-te, não me toques, que, ao primeiro aceno d'um bonito homem, salta logo pela janella fóra, é o que ha de mais absurdo e de mais possidonio! Mas elles sabem lá o que deve fazer uma princeza quando resolve dar passo errado! Estão habituados com as gebas da republica, medem tudo pela mesma bitola. E em estylo nobre, nem graça tem! Eu, nas tiradas do bispo, dormi a somno solto. Ah! se não fosse o vestido da Simonne, no ultimo acto. . .

E como não me lembrasse, Margarida passou a descrever-me detalhadamente o vestido da Simonne. . . E, porque os vestidos são como as ce-rejas, Margarida que resolvera banir da nossa conversa todo e qualquer trapo, passou a descrever-me, depois do vestido da Simonne, na *Gardienne*, o vestido da Sergine, na *Esclave errante*, e depois do vestido da Sergine, na *Esclape errante*, o vestido da Yvonne de Bray, na *Femme nue*. . . A lista prometia ser longa, mas ali por volta do vestido de Printemps, na nova peça de Guitry, a minha amiga deu um pulo na cadeira, exclamou espavorida: — Ah! Nosso Senhor me valha! Que cabeça de avelã a minha!

— O que foi, Margarida! Esqueces-te a côr?

— Qual côr, nem meia côr! Foi o espartilho!

— Pois tu também viste o espartilho de Yvonne Printemps?

— Eu tenho lá nada com os espartilhos de cada um! Tracta-se do meu, o *Mystère*, que devia ter acertado ás cinco e meia e já passa das seis!! E não posso dispensal-o amanhã!!

Resultado: não acabei o meu chá á russa. Margarida metteu na bocca uma *sandwich* inteira e, com outra na mão, dirigiu-se à *caisse*, pagou rapidamente, empurrou-me para o elevador... Cinco minutos depois uma fresca baforada de ar affagava-me deliciosamente o rosto. Estavamos enfim na rua!

— Uf! — exclamei.

Anoitecera já. — Vae ser o bom e o bonito para se arranjar um *taxi* — resmungou a minha amiga.

Propuz que andassemos um bocadinho. Era tão linda aquella hora em Paris! — Repara, Margarida, como o céu está estrellado...

— Oh! filha, eu tenho lá tempo para reparar n'essas coisas!

— Pois o céu de Paris merece reparo...

— Historias! É um céu como outro qualquer. Todos os céos se parecem.

— Que barbaridade, Margarida! Sabes o que disse Jaloux?

— Não sei, nem quero saber. N'estas alturas o que eu quero é um *taxi*...

Não se realizou, com excessiva facilidade, a pretensão da minha amiga. Esperámos pelo menos

meia hora, durante a qual, as suas exclamações de impaciencia e desolação — aquillo estava a fazer-lhe um d'estes transtornos! — alternaram com os elogios do espartilho *Mystère*...

— Custa caro, mas digo-te que é milagroso! Supprime tudo o que uma pessoa tem a mais! Tu devias experimentar... Espera... Parece-me que aquelle traz a bandeirinha levantada... *Chauffeur! Chauffeur!* Oh! filha não sejas tão pastelona, corre, grita tambem!... *Chauffeur! Chauffeur!* Qual historia! Não ouviu ou fingiu não ouvir. Isto está um paiz sem Rei nem Roque! Mas, como ia dizendo, é um prodigio. Tu verás. Deves lembrar-te que, apezar do regimen: fomie, gymnastica, marchas forçadas, eu estava engordando assustadoramente. Pois asseguro-te que, mal enfio o *Mystère* é... barriga *nicles*, peito *nicles*, ancas *nicles*... a outra coisa *nicles!* Tu verás...

Mas, oh! ventura! — mesmo na nossa frente, um automovel despejava toda uma elegante familia: *Monsieur, Madame* e *bull-dog*, o ultimo vestido de verde resedá. Precipitámo-nos. Margarida berrou, como se o *chauffeur* fosse surdo: — *Dia, Rue de la Paix, vite*... E continuou enthusiasmada: — Tu verás... Só vendo se acredita.

Porém eu preferi acreditar sem ver. Quando a minha amiga desceu no dez da Rua de la Paix (aqui fica a direcção para soccorer qualquer senhora que afflija alguma importuna protuberancia) eu tinha a minha conta e d'alto lá com ella!

Alleguei uma dôr de cabeça. Despedimo-nos effusivamente, segundo os habitos de Lisboa em geral e de Margarida em particular.

Assim decorreu o dia quieto, intelligente, o passeio de arte — Louvre ou Versailles. . .







Paris, 24 de Novembro

Despede-se enfim o outono amavel. Já as arvores tomam aquelle discreto encanto que, na opinião de France, excede a gloriosa belleza dos rebentos e das folhas. Para lá do meu quieto, aristocratico bairro e d'esses maravilhosos Campos Elysios, que cada noite transforma em um scintillante jardim, florido de estrellas de mil côres, para lá dos luminosos *boulevards*, onde cada *vitrine* representa um thesouro e dos parques onde o musgo avelludado não tarda a vestir os brancos hombros das estatuas; em lugubres bairros, em ruas sem luz, em casas sem lume, os pobres commecam o seu calvario do inverno.

Entretanto despontam, com as primeiras violetas, as primeiras peltes. Martas, chinchillas, raposas azues, raposas prateadas, *petits gris*, toupeiras e, raramente, em um protesto de bom gosto contra as leis implacaveis da moda, a brancura dos arminhos, emoldurando uma carinha rosada. Desappareceram, como por encanto, feitiço d'um Merlin amavel, todas as mulheres feias, todas as mulheres velhas. Com as golas, subindo até a ponta do nariz, os

chapéus enterrados até os olhos, o corpo envolto n'uma ampla, sedosa capa, teem vinte annos, são todas Viviane, as silhuetas que, de manhã, á hora do *essayage* nos grandes costureiros, e de tarde, á hora do chá no elegante Ritz, com seu lindo andar — um poema o andar das parisienses, quem nunca reparou, aqui lhe fica o aviso para reparar—atravessam a Praça Vendôme.

Os *dancing* regorgitam da mais alegre, despreocupada multidão. Ainda não se cançou aquelle delirio, aquella furia de dansar que, apoz a guerra, accommetteu a humanidade. Pobre, eternamente frivola, para sempre pueril, inconsciente humanidade! Tanto se esperava d'esse enorme sacrificio, d'essa ferida immensa em que, durante annos, nações inteiras sangraram, d'essa hecatombe que varreu casas e cathedraes, aldeias e cidades, e de tantos heroismos e de tantas vidas cortadas em flôr e de tantas lagrimas em que os corações se esvasiaram! Seria como um novo baptismo, de que sahiriam puras, renovadas, cheias de santas energias, as almas. E meu Deus, foi apenas um convite á valsa! Os que escaparam da morte precipitaram-se para o *tango*, para o *maxixe*, para o *shimmy*. Costumam durar, menos que as rosas de Malherbes, os enthusiasmos parisienses. Este porém faz excepção á regra. Dança-se, dança-se, cada vez se dança mais! Nos cafés *touches* de Montmartre, que attrahem os americanos gulosos de escandalo, nos pequenos *dancing* dos *boulevards*, nas lindas salas do Carlton e do Claridge...

Dansa-se quando o pôr do sol estende, sobre a gloriosa melancholia das Tulherias, o seu manto rosado, dança-se ainda quando surge, loira e branca, humida de orvalho, a madrugada. . .

Mas, graças a Deus e em honra do bom gosto, que Paris — o do gosto perfeito! — não podia continuar a esquecer, dança e musica tornaram-se um pouco menos selvagens. Ah! estamos longe ainda das languidas valsas ciganas que, em seu suave deslizar, evocavam aquelle lindo preceito d'uma marqueza do século XVIII: — *Glissez mortels n'appuyez pas. . .* Comtudo diminuiu bastante a furia atrojadora do *jazz-band* e desapareceram os horriveis requiebros de batuque que nos faziam antever, com terror, a perspectiva de, para mais caracter e côr local tomarem, os parisienses virem a adoptar argola, furando o nariz e hirsutos penachos na cabeça. . .

Em outra coisa tambem tornaram-se os *dancing* bastante mais agradaveis aos olhos dos espectadores. Ha menos senhoras de idade, consagradas ao culto airoso de Terpsychore. Felizmente foi vão o meu terror de ver reaparecer, entre outras, certa horrivel, sinistra figura, evocadora das feiticeiras de Macbeth que, ha dois annos, não parava de chocalhar, nas graças do *shimmy*, o vetusto esqueleto!

E, com excepção de duas ou trez calvas, accusando graves ameaças de apoplexia, era deliciosamente harmonioso o conjuncto do Claridge,

na tarde em que o meu amigo A. C. me convidou para tomar chá. Verdade seja que não me demorei muito a contemplar a sala. . . Apoz algumas apreciações do meu companheiro sobre o bello sexo, de que é muito entendido e abalisado cultor, desatámos a falar da Madeira. E eu só vi então o bailado das minhas saudades.

Você decerto ainda não esqueceu, nem tão pouco perdôou, aquelle passeio a Trianon em que tanto desmereci da sua estima porque, defronte d'um muro florido de *capucines* — chagas, digamos, lindas, doiradas, purpurinas chagas — eu abandonei a nossa interessante palestra sobre a côrte da Pastora infortunada, para evocar, enternecida e nostálgica, as *capucines*, as chagas, que floriam os muros da nossa ilha, distante. Decididamente, meu querido Alberto, não ha meio de corrigir-me! Ainda não aprendi, nem aprenderei a ser... romana em Roma. Não posso esquecer, não sei abstrahir. — Esteja onde estiver — seja embora em Paris, que é como quem diz o Paraizo — uma flôr, um perfume, uma palavra, oh! qualquer pequenino nada, bastam para que a minha inquieta alma vá habitar a saudade do paiz onde não estou!

Felizmente A. C. não tem o seu feroz exclusivismo parisiense. Respondeu, paciente e amavel, a todas as minhas cariosas perguntas, contou-me todas as novidades, andou comigo por todas as ruas, desde a de João Tavira e a da... *Pontainha*, até aquellas que tão deliciosamente rescendem ao aroma

das rosas e á resina dos pinheiros, as ruasinhas da sua quinta, de S. Roque, a muito bella !

Mas não se impaciente, não se zangue... Acabou-se. Por hoje prometto não falar mais na Madeira. Tome o seu ar *super* civilizado, calce aquelas luvas de cano alto, á d'Artagnan, que fizeram o meu pasmo e a minha admiração, na sua ultima visita a Lisboa, empertigue-se, seja desdenhoso, seja intellectual... —oh ! sobretudo intellectual! — e vamos ao *Vieux Colombier*.

Faz frio, um frio bem parisiense, bem paiz do norte, um frio podre de *chic*, como diria o saudoso Damaso. Eu estriei certo vestido côr de fuchsia, a côr da moda, que me tolhe horripelmente os movimentos, porque a minha costureira, ao ver-me gorda, logo declarou, decidida e peremptoria:— *Ça ce n'est pas vous. Ça je ne connais pas. Je vous habillerai comme avant.*

E francamente, cincoenta e tantos kilos arrumados onde d'antes cabiam apenas quarenta e dois, não é o ideal do conforto. Mas a gente tem de soffrer para ser elegante... E para sentir-se á altura do *smocking* de A. C. que flori um cravo de Nice.

Jantamos juntos. É alegre, encantadora a sala do pequeno hotel. Ha cysanthemos frescos nas jarras. E ha perdiz, uma deliciosa perdiz *en canapé*, como o retrato celebre de Juliette Récamier.

Á nossa direita installou-se um grave senhor

condecorado, que lembra o sr. Dr. Antonio José de Almeida. — É certamente qualquer alto personagem da republica, aspirante á presidencia. Do outro lado temos uma adoravel loira, vestida de verde *jade*— Segundo a ordem natural das coisas, eu não cesso de olhar para o vestido e A. para ella.

Á confortavel hora do café e do cigarro, o meu companheiro pergunta, com certa anciedade, se sempre vamos ao *Vieux Colombier* que... franca-mente lhe cheira a maçada. E, caso eu estivesse de accôrdo, elle preferia o El-dorado, com *Bibi la Purée*, de que lhe disseram maravilhas...

Indignada repillo El-dorado, *Bibi, Purée*:—Tenha-me vergonha n'essa cara, senhor, nem mencione taes abjecções em noite consagrada ás glorias de Colombier!

D'ahi a pouco, caminho das glorias, atravessamos o Sena, onde se reflectem os mil fulgores do céu estrellado. Estamos n'essa querida *rive gauche*, tão segundo o meu gosto e o meu coração...

Mas não ha tempo para divagações. Como sabe, depois de levantado o panno, ninguem entra na sala. Medida acertadissima! Em todos os outros theatros, quem vae para ver, perde sempre o primeiro acto por causa de quem, indo apenas para ser visto, prefere chegar sensacionalmente, depois de começada a representação. E outra medida ainda, eu não me canço de louvar: a que prohibe as gorgetas. Estamos livres d'aquellas harpias de cuiá arruivada, que nos devoram até o ultimo franco.



—*Refugium sapientia!*—exclamo devotamente, ao transpôr os humbraes illustres. E, de mim para mim, desato logo a embirrar com a affectação de simplicidade que, em tudo, se sente na sala, desde as paredes nuas e brancas, até o panno d'um branco duvidoso, de lençol mal lavado.

— Em obediencia ás antigas tradições e para bem da arte—explica gravemente, ao meu lado, um senhor barbudo, a uma maliciosa Claudine, de naizr arrebitado, que decerto se permittiu algum reparo irreverente. É de esperar que Claudine se desse por satisfeita com a explicação do barbudo senhor, quanto a mim continuo a não perceber em que uma bonita sala—pode offender as tradições e tornar-se nóciva á arte. Mas a verdade é que eu levo sempre um tempo incalculavel a perceber qualquer innovação. A minha primeira attitude diante d'uma obra prima, que sahe dos moldes a que me habituei, é sempre espavorida, aggressiva... D'ahi se deve concluir que, se não me declaro em cantada com a sala do *Vieux Colombier*, o defeito vem de mim e não d'ella.

Agora tractemos do espectáculo. Sete vezes subiu e desceu o panno, as quatro primeiras sobre a comedia *L'imbécile* que, francamente, não precisava de tantos actos, para demonstrar uma verdade, velha como o mundo: em amor a mulher jámais hesita entre um homem intelligente e um imbecil. É sempre o primeiro que fica a ver navios... Meu Deus! Como A. C. parece murcho, acabrunhado! Será a amarga lembrança d'algum... navio?

Porém não tenho tempo de provocar as suas confidências e offerecer-lhe as minhas consolações. Volta a erguer-se o panno.

Estamos agora em pleno seculo XVIII, o seculo da minha paixão. Reinam as casacas de setim, os punhos de renda, as anquinhas, as cabelleiras empoadas, e a muito picante galanteria, e a muito ligeira graça... Representa-se a *Locandiera*, de Goldoni. É impecavel o scenario, admiravel a interpretação. Mas nós temos já sobre as costas todo um Imbecil! Succumbimos-lhe ao pezo... Para cumulo, um dos actores engana-se. O panno cahe. Annunciam-nos, com *mille excuses*, que o acto vae recommear. O meu companheiro mergulhou em mais profunda melancholia. Eu começo a ter somno. Resolvemos partir antes que a formosa *Locandiera*, por sua vez, nos demonstre outra verdade, igualmente velha como o mundo: que o homem mais forte nada pode contra a malicia da mais fraca mulher...

À porta, enquanto esperamos o automovel, A. C. resmunga: — Pela minha parte uma vez a Cascaes e nunca mais! Lembrar-se uma pessoa que podia estar no El-dorado, ouvindo *Bibi la Purée!*

Meu querido amigo, eu não me lastimo por ter perdido os mil attractivos de *Bibi*... Não me arrependo de ter recusado a *purée*, mas que me custou a tragar o *Imbecile*... Ah! lá isso custou e só Deus sabe quanto!...

Pau — Hotel Gassion  
29 de Novembro

Hontem ainda era Paris, o jardim de Luxembourg onde brincou Lucille Démoulins. Evocavamos a sua pallida infancia, a graça fragil da sua adolescencia, o encanto triste do seu idyllio — florsinha azul de romanticismo, desabrochada em plena carnificina. Estava linda a manhã. Os ramos das arvores despidas, recortavam-se no mais limpido céu. O sol puuha tons quentes de oiro na fria nudez das estatuas. Da folhagem escura dos cysanthenos surgiam as ultimas flôres. Passaros e creanças chilreavam.

Eu lembrava aquelle capitulo das *Vieilles Maisons vieux papiers*, em que Lenôtre conta, como Lucille conheceu e, até á morte, amou Démoulins... Marcelle citava os Goncourts: — *Pauvre grisette, égarée et perdue en cette épopée sanglante, figure petite mais aimable, qui sourit, pleure et meurt...* Porque, como eu e para meu supremo regalo, a minha amiga Marcelle Guiraud, conhecida no mundo das letras pelo pseudonimo de Francis Berthel, é deliciosamente — outros dirão horriavelmente — li-

vresca. Os nossos passeios, as nossos intermináveis *flaneries* aavez da grande cidade, despertam-nos, constantemente, remeniscencias dos livros queridos. Nunca atravessámos o Sena e descemos ao longo dos caes, sem que Silvestre Bonard nos fizesse companhia. . . No Jardim das Plantas procurámos enternecidamente o canto escolhido pelo pequenino Pierre Nozière, para construir a sua cabana de ermita. Certas tranquillias, aristocraticas ruas do *Rive gauche*, onde a herba cresce entre as pedras e a hera veste os muros altos dos jardins, evocam-nos Barbey d'Aurévilly, nas suas casacas antiquadas. . . Marcelle morre d'amôres pelo velho *dandy*. Eu preferia saber como elle era, quando novo e quasi desconhecido ainda, inquietou o virginal coração de Eugénie de Guérin. No Museu Carnavalet — oh vergonha ! — não chegámos a percorrer as salas. Sentadas n'aquelle pequeno jardim, tão melancoiico que parece chorar o abandono em que o deixaram, discutiamos ainda a Marqueza de Sévigné, a sua sublime besbilhotice que, aavez dos seculos, nos restitue, palpitante de interesse e de vida, o grande seculo, lembravamos a sua encantadora intimidade com Madame de Lafayette, a amizade de Ménage, em que porventura se insinuou um fiosinho de amor. . . E, quantas vezes os graves olhos do Senhor da La Rochefoucauld ali teriam encontrado os ternos olhos da Princeza de Clèves, e quantas divertidas maldades Bussy Rabutin ali segredara ao ouvido da sua maliciosa prima, quando

o guarda começou a fechar as portas e, só por um especial favor, nos permittiu ir, de corrida, dizer *bon jour* á dona da casa e á sua filha idolatrada, a muito formosa e antipathica Grignan !

Na fria, clara manhã de Luxembourg, Lucille — a pequenina republicana — por causa d'uma citação, levou-nos até os Senhores de Goncourt, os fidalgos historiadores da Rainha do Trianon. Marcelle não delira por elles. Apenas *Renée Mauperrin* consegue conquistal-a. — Porque ainda ninguem resistiu á enternecedora tristeza de *Renée Mauperrin*... — Porém eu dos Goncourts adoro tudo, começando pelos seus estudos historicos sobre o seculo XVIII, o seculo da minha predileção...

— Feitos com o maior *parti pris* monarchico, acha a minha amiga.

— E que importa ? Tambem a historia da França de Michelet é feita com o maior *parti pris* republicano e a gente admira-a.

Mas Marcelle não supporta *parti pris*, nem monarchico, nem republicano.

— Ao genio tudo é permittido. Os Goncourts...

— Tiveram apenas o talento de vestir com elegancia uma epocha.

— Minha rica, quem não aprecia os auctôres de *Soeur Philomène*, ignora a aristocracia do gosto...

E... mais isto, mais aquillo, sobre os Senhores, de Goncourt. Exaggero de enthusiasmo d'um lado, excesso de desdem do outro lado — as mulheres jamais conheceram meias medidas e qualquer de

nós é... mulherissima — Palavra puxa palavra, quasi nos batemos pelos irmãos famosos. Dir-se-hiu a *première* de Heuriette Maréchal, em que, como deve lembrar-se, houve cadeiras e cabeças partidas. — É condão d'aquelles escriptores suscitarem a desordem. — Mas acabamos por concordar na soffrega curiosidade de conhecer o ultimo volume do jornal, até hoje sonogado á avidez do publico, porque vivem ainda certas pessoas sobre quem Edmond, que não tinha papas na lingua, se expandiu com demasiada franqueza. Recordamos os volumes publicados. Lemo!-os juntas no Hammeau. — *Mesdames ce que vous aimez les potins!* — dizia-nos, com o seu fino sorriso, o bom Dr. Mabit.

Mas não é verdade que esses *potins* de cada dia reconstituem toda uma epoca?

— Mostram-nos sobretudo o... avesso dos grandes homens. O reverso da medalha... — E na pequena bocca da minha amiga passa um sorriso amargo. Alguma lhe fizeram os grandes homens...

— Realmente para esses senhores não ha como a distancia. Já George Sand dizia: *Je voudrais les voir tous dans Plutarque. Là ils ne me font pas souffrir du côté humain, qu'on les taille en marbre, qu'on les coule en bronze et... qu'on n'en parle plus...*

— E dizia-o com conhecimento de causa. Sandeau, Musset, Chopin...

— Etc., etc., etc., etc.

— Pobre Valentina !

— Infeliz Lelia !

— Pois, apesar de tudo, quanto eu daria para ter conhecido Sainte Beuve, Flaubert, Alphonse Daudet, Gavarni, todo esse mundo que frequentava a villa Montmorency, o famoso *Grénier* !

A minha amiga lembra então que, justamente, devemos tomar chá em Auteuil, na vizinhança do *Grénier*. E, por signal, o senhor Blavet recommendou que não chegassemos tarde. Marcelle tem razão. E' preciso não fazer esperar o senhor Blavet. Dou um enternecido olhar de despedida ao lindo, harmonioso jardim. Quem sabe se voltarei a vel-o ? Se outra vez ali andaré comigo a suave evocação de Lucille ? E essa, miudinha, extranha, um quasi nada grotesca nos seus incriveis sapatos doirados, no seu vestido d'um azul antiquado, nos seus caracões á 1830, Marcelle e a sua graça *surannée*, encontral-a-hei ainda ? — Na proxima festa da primavera, quando florirem os lilazes do Luxembourg — prometto. Mas eu sei como as promessas mentem . . .

O sol vae já mais alto, a perder-se entre os ramos nús. Marcelle recommenda de novo :—E' preciso não fazer esperar o senhor Blavet. O Patrão, que jámais foi punctual, adora a punctualidade dos outros.

Entretanto, meu caro amigo, vou apresentar-lhe esse senhor Blavet. Oh ! não nos desviamos do assumpto ! Estamos ainda entre livros. Porque elle



é um livro vivo e dos que mais me interessa folhear. Mas, agora me lembro : você, grande admirador dos *Contemporains*, deve conhecê-lo, através da critica que lhe consagra Lemaître, nos seus artigos sobre chronistas parisienses, critica assaz mordente em que a ironia não cessa de rir e zombar, por traz do elogio. Blavet soube apurar, com graça, os golpes do seu illustre confrade. No proprio dia, em que o *Temps* publicava o delicioso e insidioso artigo, escrevia elle a Jules Lemaître : — Depois de lê-lo, só duas coisas posso fazer; mandar-lhe as minhas testemunhas ou beijal-o nas duas faces. Tomo o ultimo partido... — E ficaram amigos. Dois grandes espiritos acabam sempre por entender-se. Depois, como diz Blavet: — *On ne pouvait pas s'empêcher d'adorer cette rosse de Lemaître!* Pouco mais ou menos o mesmo posso eu dizer-lhe do meu apresentado. Blavet é adoravel: oitenta e seis annos, a intelligente, energica cabeça de Clemenceau, que illumina o sorriso d'um parisiense de raça, a mais brilhante *verve* e toda essa velha galanteria franceza, já tão rara... Oh! não tivesse eu passado, ha tanto tempo, a idade das paixões que, certamente, elle me teria pelo beijo!

Devo a Marcelle, secretaria do velho chronista, o seu conhecimento encantador. E, o que muito me lisongeia, a *sympathia* foi reciproca. Tive a honra de agradar ao *Patrão*, como diz a minha amiga. Depois de varias tardes de palestra convidou-me para ouvir ler as Memorias que, actualmente, está

escrevendo, ou por outra dictando, a Marcelle, trabalho interessantissimo que, como o jornal em que ha pouco fallavamos, vae acordar os ultimos vinte annos da vida litteraria e social parisiense. Tomamos um optimo chá, e logo a linda voz grave de Marcelle conta o encanto da velha casa de provincia, do ingenuo jardim onde decorreu, calma e risonha, a infancia do chronista...

Defronte esbatem-se já, nas sombras da noite, as arvores da *villa* Montmorency, a *villa* dos Goncourts. Mas, bom Deus, tudo isto se passou em Paris! E eu estou em Pau, de Pau é que devia falar-lhe... Meu caro amigo, nunca se fie no logar d'onde dato as minhas cartas. Porque é meu pessimo habito estar aqui e escrever d'ali. Como o poeta muitas vezes parto e o meu coração fica. Algumas vezes tambem, ao contrario do poeta, fico e o meu coração parte... Mas continue a fiar-se na minha amizade que, essa, está sempre onde deve estar.



Paris, 5 de dezembro

Passa do meio dia. Já a campainha tocou para o almoço. Sim, meu caro Luiz, á hora em que nos quartos das senhoras e... dos senhores alfacinhas, ainda a medo, com mil precauções de prudencia—o acordar de certas pessoas é tão rabugento, tão desagradavel!—entram os primeiros raios matinaes, almoça-se no Gassion. Este hotel tem habitos de ordem, de ponctualidade, de socego que, decididamente, jámais fariam a ventura d'um lisboeta. E ainda me diverte lembrar a esparvorida, horrorisada attitude do meu amigo Augusto de Castro quando, ha trez annos, nos encontramos aqui.

—Minha rica senhora, isto é um convento e eu para frade...

Augusto de Castro tem razão. Ha no Gassion qualquer coisa de deliciosamente monastico... O silencio em primeiro logar—aquelle silencio tão antipathico á nossa Lisboa, cuja principal demonstração de prazer e bem estar consiste em fazer barulho. Aqui os passos abafam-se, na espessura fôfa dos tapetes e parecem vir da mysteriosa pe-

nombra dos confessionarios os profundos *Aohs!* das inglezas. Nem essa, tão possante, e tão gorda *Belle Caroline*, — segundo reza a chronica, transplantada d'um café de Marselha para este calmo retiro — ousa abusar do *tic-tac* dos seus atrevidos tacões e dos effeitos da sua voz que, a avaliarmos pelas dimensões do corpo, deve ser expressiva e poderosa.

Depois, a visinhança de Saint Martin, com os seus sinos a chamarem para a missa, para as vespers, sinos alegres, *crystallinos*, graves, melancolicos, que cantam as suaves alvoradas e os *angelus* doces, sinos de baptisado, sinos de enterro e aquellas solemnes badaladas que, pela calada da noite, evocam a antiga divisa das horas: *Vulnerunt omnes, ultima neeat*, todas ferem a ultima mata...

E, depois ainda, a voz do Gave, com um não sei quê de tão religioso, de tão recolhido, murmúrio de prece que trouxe talvez da mystica Lourdes...

Mas passa do meio dia... — E se a senhora não quer que a mandem para o *Restaurant*... — lembra-me, sempre prudente e de bom conselho, a minha Antonia.

Porque, defronte do... *refeitório* e separados por uma larga sala — o *fumoir* — ha o *restaurant*, onde, a qualquer hora, são servidos os profanos, que vivem fóra da regra conventual, as pessoas do seculo, como se dizia nas minhas queridas Salesas. Bem entendido, o prazer peccaminoso de não ter

punctualidade paga-se caro como, de resto, todos os peccaminosos prazeres. Embora o *menu* seja o mesmo cada refeição no *Restaurant* custa mais cinco francos. Em geral os hospedes, que comem a horas, não se misturam com os que comem fôra de horas. E, mesmo no vasto *fumoir* ou no jardim de inverno, que se estende ao longo das trez salas, cada um occupa as suas posições. Mas, uma vez por outra, lá acontece ao mais pontual demorar-se no seu passeio da manhã, esquecido a contemplar os cumes brancos dos Pyreneus ou as *vitrines* da gorda *Madame Varrichon*, e ousar transpôr os humbraes da sala austera, passado aquelle amavel quarto d' hora de tolerancia que nos é concedido. Logo o *maitre d' hotel*, de grave calva e ventre imponente, lhe sahe ao encontro e, tão cortez quanto inexoravel, convida-o a retirar para o *restaurant*. Antonia tracta sempre de evitar-me semelhante vexame — dispendioso ainda por cima. Graças á sua sollicitude, até hoje, nenhuma vez retirei e, se n' este convento, como n' aquelle tão delicioso onde eu fui educada e por signal me fartei de apanhar maus pontos, ha um quadro de honra, tudo leva a crêr que, em letras de oiro, lá hade figurar o meu nome...

— Minha senhora, já deu um quarto...

Um quarto?! Oh! Santissima Trindade! Depressa, meu caro amigo, precipitemo-nos para o elevador. Felizmente pode sempre contar-se com elle, n' estas desesperadoras azafamas da ultima hora,

porque o elevador do Gassion jámais conheceu um desfallecimento, um devaneio, o gozo pirronico d'um encalhe!

E agora não se assuste... Concordo que, á primeira vista, a sala tem qualquer coisa da *Chamber of horrors* que illustrou *Madame Tussaud*, mas nunca deve julgar-se pela primeira vista. O conjuncto muitas vezes engana. Detalhemos, quer? Verá então que, entre tantos chapéos pescados no inferno, creados pela propria imaginação de Belzebuth, trabalhados pelas horrendas mãos de Satanaz, ha cabeças cheias de graça, graça loira da juventude e essa, de tão lindo, discreto encanto, a dos cabellos brancos que nenhuma pintura deshonrou...

São todas inglezas? Sim, quasi todas, como acontece sempre nos logares e nos hoteis agradaveis, onde a gente se installa. Porque, meu caro amigo, forçoso é acceitar resignadamente aquella opinião de André Maurois, nos *Silences du Colonel Bramble*:—*Le monde est un grand parc, dessiné par un dieu jardinier pour les gentlemen des Royaumes Unis...* São todas angulosas, insossas, desenxabidas, côr de tomate e côr de limão, com uns braços sem fim, umas pernas que nunca mais acabam, marcadas pela vulgar uniformidade d'esse typo, que Inglaterra não cessa de exportar? Não são. Repare, peço-lhe, como defronte de nós, n'aquella meza que enfeitá um vaso de cyclamens roxos, me sorri deliciosamente expressiva, Grâce V.



Diga, não é adorável esse sorriso inglez? De maior encanto ainda porque não se mostra a cada instante, não se dá a toda a gente, escolhe as occasiões, tem os seus eleitos e, só para elles illumina, de tão intelligente brilho, o rosto pensativo e fino.

— Porém o grande estafermo que, á nossa direita, aspirando desesperadamente o *h*, lê, a outro immenso estafermo, o *Dail Mail*...

Não ha duvida, querido amigo, temos d'esse lado dois estafermos — especie que, aliaz, deve concordar, não pertence exclusivamente á nacionalidade britannica, embora n'isso, como em tudo o mais, Inglaterra bata o *record*. — Elles Iariam a desventura dos meus almoços se, de ha muito, eu não tivesse aprendido que, entre abutres e pombas, entre espinhos e flôres, se caminha no mundo. E que, por amor das pombas, por amor das flôres... Mas — oh! amavel coincidencia! — empreguei justamente o termo adequado: flôres... Tenho á minha esquerda duas lindas rosas, uma em botão ainda, *Rose May*, rosinha de maio como o seu nome, todo rescendente ás sebes na primavera! Delicioso *minois chiffonné* em que riem, sob os cabellos curtos, os olhos doirados, o narizinho arrebitado e, ao canto da bocca maliciosa e breve, essas covinhas que os francezes chamam ninhos de amor... *Rose May*, pequenina evocadora de maio em flôr, quem me dera roubal-a! Mas você preferia talvez... oh! preferia decerto, roubar a mãe, a outra rosa... E não serei eu que lhe censure o gosto.

Mrs. W. conserva toda a graça, todo o encanto virginal d'uma *miss*. É elançada, flexível, serpentina. Ninguém veste, com mais elegancia, o *swetter* da manhã e a *robe style* — a abrir em petalas, tal uma papoula — da noite. Tem, como a pequenita, os cabellos curtos, ao canto da bocca maliciosa riem-lhe os mesmos ninhos de amor, porém, nos seus olhos doirados, ha qualquer coisa, de quebrado e languido, que lembra os olhos das gazellas. . .

E como eu gosto de ouvil-as fallar ! Na voz musical de Mrs. W. os *yes* cantam, na vozita fresca da filha os *yes* gorgeiam. . . Ah ! quem ousa dizer que é aspera e feia a lingua ingleza, a divina lingua de Shelley e de Rose May ? !

Agora passemos ao *fumoir*. Já aquella extraordinaria velha, pequena, quasi redonda, tão pittoresca na sua saia rodada, no seu mantelete bordado de vidrilhós — um grotesco, adoravel mantelete do bom velho tempo, o mantelete da minha tia Victoria — me chama para o seu lado, no canto que occupamos sempre, á hora do *bridge* e á hora do café. Mrs. H. tem oitenta annos. Usa *mitaines*, aneis de todos os feitios, de todas as côres e, mesmo nos dias de maior frio, não cessa de agitar entre as mãosinhas gordas, um leque de lentejoulas que, como o mantelete, deliciosamente recorda velhos tempos, antigas graças. Não conheço espirito mais vivo, mais endiabrado de que o seu. Davam um divertidissimo volume as historias, por vezes assaz ousadas que, metade em francez, metade em

inglez, com os pequenos olhos a fuzilarem de malícia, Mrs. H. me conta. Chamo-a *Madame du Déffand*. Ella chama-me *Madame la Petite*, allusão ironica ao meu nome que, realmente, não está em harmonia com as dimensões da minha pessoa. E o que rimos no perfume do café, no fresco aroma das tilias, das verbenas, do anis, enquanto sobe, em pequenas nuvens prateadas, o fumo dos cigarros! — Todas fumam, desde a levada da breca *Madame du Déffand*, até a grave, aristocratica *Lady Muriel*.

Rose May joga o bilhar com um rapazito belga.

*Monsieur G.*, banqueiro de Lyon, discute cambios com Mr. M., velho inglez côr de beterraba. O francez impaciente-se, gesticula, levanta a voz; o inglez responde imperturbavel, fleugmatico... A libra sobe. Eis o que lhe importa.

— *Vous nous payerez tout ça*, exclama ao nosso lado, para Mr. F., famoso jogador de *golf*, magnifico exemplar da raça anglo-saxonica, que cada anno visita Pau, aquella francezinha perturbante e mysteriosa — oh! é de toda a prudencia não procurarmos remontar ás suas origens! — *Vous nous payerez tout ça, sans compter ce que vous avez fait à Jeanne d'Arc...* — Mr. F., que a devora, com os olhos de porcelana, affirma muito sério, estar... *very sorry, très triste pour Miss d'Arc...* E... *que ce n'était pas son faute...* — Ella atira-lhe, ás saxonicas bochechas, o mais parisiense, atrevido *Zut!*

Ao fundo passam os hospedes do *restaurant*: americanas esbeltas, hespanholas que começam a engordar, um príncipe polaco de grandes barbas ruivas, e inglezas, inglezas, as eternas inglezas de longos braços e pernas sem fim. A sala respira conforto, tranquillidade, esse lindo ar de repouso, tão raro na nossa Lisboa onde, de pela manhã até á noite, esbaforida gente se apressa e empurra para... chegar, o mais tarde possível, aos logares onde é esperada.

Aqui tem, querido amigo, a hora do almoço em Pau, no quieto Gassion, defronte dos Pyrineus que o sol de dezembro semeia de pétalas desbotadas.

Pau, 8 de dezembro

Ficámos no *fumoir* do Gassion, á hora do café e das verbenas perfumadas, quando o espirito de *Madame du Déffand*, traduzido no mais delicioso *lunmour*, estusia em minha honra e para meu prazer. Mas já essa hora passou...—Ai! de nós, todas as horas passam! *Madame du Déffand* deixou-me para ir fazer a sua correspondencia, escrever a Walpole talvez... Os outros subiram tambem. Até á noite fica silencioso e deserto, o vasto *fumoir*. Toda a vida do hotel decorre no primeiro andar, entre o grande salão côr de rosa murcha e a linda sala côr de oiro velho. É então a lingua hespanhola a que mais se ouve. Porque, depois d'uma curta sesta, quer chova, quer faça sol, os inglezes sahem. Vão para o *club*, para o *golf*, para o *tennis* ou simplesmente *footing*: percorrer, em immensas pernadas, as avenidas que rodeiam a cidade, as veredinhas que levam as montanhas. Com o seu ar dolente, hespanholas bordam, folheiam magazines, escrevem, conversam junto ás largas janellas. Ha uma rapariga que canta. É de Gibraltar, metade ingleza, metade hespanhola. Você está a ver a

embrulhada que d'aqui resulta ! Sabe exprimir toda a melâncolia das *malagueñas*, com aquelles doloridos *ahs!* que nunca mais acabam, e a alegria saracoteada das *jótas*, sabe traçar um chaile, dizer *olé...* e como ! Porém, quando se lembra de dizer *yes* e de cantar *We have no bananas*, a mais insípida filha d'Albion não lhe leva a palma. Ha tambem uma pequenita que dança, com umas perninhas magras e trigueiras, uns immensos olhos pretos a devorarem-lhe o rostosinho triste, e qualquer coisa de aciganado que faz mal ver...

Mas toda esta gente pertence ao *restaurant*, d'ella apenas conheço uma senhora loira, deliciosamente distincta, que começou por sorrir-me de longe, e, uma tarde, encontrando-me no elevador — terreno propicio para fazer conhecimentos — pediu-me noticias de Lisboa — tão linda! — e dos seus amigos P. Desde então conversamos. Como essa senhora, aristocratica da ponta dos pés á raiz dos cabellos, com um tão fino ar de princeza distante, está ao facto de todas as besbilhotices passadas, presentes e... futuras do Gassion, não sei, mas o caso é que nada lhe escapa ! E, apoz as habituaes considerações sobre o tempo, uma ou outra referencia a Primo, aquelle Primo, por que delira Hespanha em geral e cada hespanhola em particular, a Marqueza aborda o vasto e, para algumas boccas mais que todos saboroso, capitolo da maledicencia.

Por ella eu conheço já todos os tristes ou divertidos reversos da medalha. — Que a mãe de *Rose*

*May* flirta...—Oh! certamente sem má intenção...  
*Honi soit...* *pero* flirta; com aquelle inglez trigueiro, que não passa d'um judeu allemão...

—Judeu allemão, o inglez trigueiro, de linda cabeça grega?!!

—Sim, o inglez trigueiro, de cabeça grega, um lindo homem, na verdade, e talvez *buena persona*, *pero* judeu e allemão, o que ha de mais judeu, de mais allemão...

—Que os famosos brilhantes de *Madame G.*, a mulher do banqueiro de Lyon, são verdadeiros, da melhor agua, *pero* de *muy mala* procedencia... Antes de casar com *G.*, *Madame*, já coberta de jóias, fez parte d'uma companhia de opereta, houve quem a ouvisse cantar o *Barba Azul*, em Tunis e não foi decerto o Rei Bobeche que lhe pendurou ao pescoço aquelles sumptuosos collares...

—Que a severa *Lady Muriel*, não obstante a magestade do seu porte, a imponencia com que arrasta a cauda dos vestidos de velludo, despeja todas as noites duas garrafas de Champagne! E dá-lhe para a alegria! Os vizinhos de quarto acordam muitas vezes sobresaltados, ao som das furiosas sarabandas, que a *Lady* canta e dança, emquanto o pobre *Lord*, que tambem se atira ao *brandy*, lê alto a Biblia. A esse dá-lhe para a devoção... Etc., etc. etc. ...

Assim a voz pura, musical, n'aquella lingua, de que disse Edgard Quinet, que se assemelhava a uma chuva de perolas sobre uma bacia de prata, vae



desafiando o seu rosario de maledicencias... Por onde passa, onde toca, logo surge um grotesco, uma mancha. É a fada da desillusão.

Meu querido amigo, vamos ver as montanhas, vamos ver a neve. Precisamos purificar. E a tarde está tão suave, tão linda! Uma tarde côr de velho marfim e côr de prata velha. Uma tarde feita de proposito para os seus olhos, que a excessiva claridade magoa e offende... Repare que Pau nem sempre é, como você imagina, a cidade meridional, resplandecente sob um céu azul. Decerto ha aqui dias magnificos, gloriosos, em que a gente sente toda a plenitude de viver, e a ancia, a febre de ser feliz... Mas não são esses, parece-me, que fazem o maior encanto da doce cidade, a sua benefica influencia sobre os nervos exgotados, os corações vencidos. Oh! não! Pau deve ser visto envolto no véo dos seus brandos nevociros. Pau côr de prata velha e côr de velho marfim... Pau quietinho, immovel, silencioso, adormecido talvez a sonhar... É quando elle repousa, apazigua e, em vez da ancia da ventura impossivel, ensina esse balsamo: a resignação.

São apenas trez horas. No *Boulevard* dos Pyrineus ha ainda immensa gente. Decididamente eu não tenho uma grande predilecção por este aliaz formosissimo *boulevard*, onde desfilam todos os hospedes dos hoteis Gassion, France, Splendide, Beau Séjour, etc., creanças, *nurses* empurrando carrinhos, uma ou outra elegante, leve e fina, no

seu casaco de pelles, florido de violetas, que segue um *fox* delgado ou um sedoso *caniche*, e sobretudo velhas, velhos quasi decrepitos... Porém, como lhe faço as honras da cidade, devo começar por aqui. A vista é um deslumbramento. Entre a cordilheira branca das montanhas e essa outra levemente tocada de oiro, que formam as nuvens, estende-se uma tira de limpido azul.— Muito clara e luminosa deve estar hoje a cidade da Virgem, Lourdes dos formosos prados, a que tão bem vae o sol!

Jardins, *villas*, avenidas largas, estreitas veredinhas, alongam-se para lá do Gave até as collinas de Jurançon. E' uma pena que as chaminés das fabricas deshorem tão nobre paisagem. Ah! quem pudesse ter vivido no bom tempo da Rainha Margot, quando Jurançon desconhecia industrias e progressos!

O grande *bouquet* d'arvores, ao fundo do *boulevard*, é já o parque do castello, *the woods*, chamam-lhe as inglezas, e teem razão; vasto, profundo, mysterioso como os bosques, elle offerece um asylo seguro a todos que amam esse tão pouco comprehendido bem: a solidão. Mas o nosso passeio não se destina hoje ao parque do castello. Subimos a caminho de Beaumont. Aquella deliciosa aldeiasinha, á beira do Gave, chama-se Bizanos. Não acha que o nome tem um sabor exquisitamente bearnes? E, bordada de choupos, ternamente aninhada em volta do seu campanario, que pittoresca ella parece! Sempre que faço este passeio

demoro-me a contemplar Bizanos. Fica perto, a dois passos de Pau, como vê. Porém nunca lá fui. Tenho-a imaginado de mais. Receio que a realidade me desengane.

Grandes tableiros de relva, cedros magníficos e... oh! encantadora surpresa, nas arvores que o inverno despe, folhas ainda, as ultimas folhas tão preciosas como as ultimas illusões. Já, n'um largo, rasgado gesto, exclama o Mosqueteiro:— *Salut oh ! noble Béarn !* E um pavão aproxima-se, vem debicar delicadamente, entre os meus dedos, as migalhinhas d'um biscoito. Estamos no parque Beaumont. Aquelle horror, aquella monstruosa coisa que parece feita de cartão pintado, é o *Palais d'Hiver*. — Quanto os cedros devem soffrer de tel-o na sua vizinhança! — Não espere que eu lhe dê largas noticias do pomposo edificio. Porque, depois d'uma tarde em que ao som do desafinado *jazz band*, tomei um pessimo chá e fiz uma curta visita á sala do jogo, nunca mais lá voltei. De resto todos os *Palais d'Hiver*, todos os casinos, se parecem. Prefiro leval-o mais longe, atravez das formosas avenidas, que se estendem para lá de Beaumont. Chama-se Eduardo VII essa, atapetada de folhas vermelhas. Ah! como eu queria que a tivesse visto em outubro, tocada apenas pelo mal do outono, quando cada arvore parece uma immensa rosa côr de sangue!

Eduardo VII, Estados Unidos, Presidente Wilson, etc., em memoria da *Entente*, cuja cordialidade Deus haja, vieram substituir os pitto-

rescos nomes bearnezes, que tão bem se casavam ao encanto da paisagem. Porém que importa? Os nomes mudam, passam... O encanto persiste, fica... Veja como são bellas, sumptuosas, as *villas* que ladeiam Eduardo VII! Pertencem quasi todas á colonia britannica... Pois a quem haviam ellas de pertencer?... *Le Buisson*: mal se avista, ao fundo do grande parque, a casa magnifica em que se dão os famosos bailes, para que vimos partir, nos seus vestidos de petalas, a mãe de *Rose May*... Mais acima, tocando o arvoredado da *villa*, onde dansam os vestidos de petalas, tão linda no seu elançado gothico, a egrejinha de *Marie Réparatrice*, onde, dia e noite, duas freiras ajoelhadas defronte do altar, immoveis como estatuas, nos seus habitos brancos, rezam em reparação de todo o mal que se faz na terra e pela immensa tristeza dos que nunca souberam ou já não sabem rezar. . . — Seres inuteis! — exclamava, ha dias, do alto da sua grandeza, certo importante senhor, cuja unica utilidade consiste em passar metade da vida na cama, a outra metade no *baccarat*. E, por elle, por todos os criminosos ou inconscientes do mundo, tal uma lampada que arde sem jamais se consumir, vela a oração das monjas brancas. . .

Esta capella, joia do mais aristocratico gosto, foi mandada edificar e doada á congregação pela Baroneza de Brienem, cujo corpo repousa, entre as arvores do parque, n'um pequeno mausoleu que constantemente perfumam rosas e preces.

Avenida de Trespoey... Oh! graças a Deus, esta não foi chrismada, escapou á *Entente!* E, mais estreita, mais sinuosa, com muros mais altos, sebes mais densas, a rodeiarem d'uma pontinha de mysterio as deliciosas casas bearnesas, os adoraveis *chalets* basques, até certo palacio branco, Sorrente, de tão linda nobreza, é a minha preferida. Assim eu pudesse depôr, em uma d'essas moradas, evocadoras do calma ventura, o meu bordão de eterna caminheira! Mas estamos justamente defronte de Sorrente ou antes do vastissimo bosque que guarda, quasi esconde, o palacio branco, o palacio das mil e uma noites! E, mais uma vez, eu constato dolorosamente quanto é falsa e enganadora a apparencia das coisas! Falei na calma ventura que estas moradas evocam... Das outras nada sei. Porém dentro do magnifico Sorrente, em que se adivinha tudo o que de mais raro e requintado pode dar o luxo, suicidou-se, ha dois annos, na noite do *Réveillon*, vestida de baile, coroada de flôres e de joias, com pouco mais de vinte annos, a dona de tão encantada maravilha. Que tragedia abrigariam aquelles sumptuosos tectos? Porque quiz morrer, no sorriso dos vinte annos, a juvenil castellã? Era rica, bonita, amada, festejada... Podia realisar todos os seus mais custosos caprichos. Nada lhe faltava. Ai d'ella! Tinha de mais talvez... A saciedade dos ricos é a desforra terrivel dos miseraveis. *Et il y a une grande douceur à vivre humble et petit...*

Mas não temos agora tempo de commentar as

palavras de Anatole. Sobre as montanhas a bruma toma já doces tons de violeta... É o crepusculo, o breve, fugitivo crepusculo, que se aproxima... Digamos por hoje adeus a Sorrente e ao seu mysterio.—Depressa voltemos a Gassion. Espera-nos, no pequeno *tea room*, esse nectar a que o vulgo attribue origens chinezas, e nós, que vemos mais alto, sabemos ser enviado directamente do Olympo, pelos deuses amaveis, para nosso prazer : o chá...





Pau, 15 de dezembro

O *Paris Soir* abriu ha dias um curioso inquerito sobre a ventura. As respostas, infinitamente pittorescas, provam a diversidade das opiniões e aspirações humanas. Bem entendido, cada um concebe a ventura no destino mais opposto ao que lhe coube, porque, como ensina a antigo dictado, ninguém está satisfeito com a sua sorte.

Já, em tempos idos, Renan, interrogado sobre o assumpto, exclamava: — O que eu queria para ser feliz? Transformar-me n'um lindo tenente de *husards*...

Acho perfeitamente logico. Pois, com que havia de sonhar esse gordo abbade da heresia, passando a vida na immobilidade d'uma cathedratica poltrona, entregue ao arduo trabalho de dar tractos de polé ás Escripturas? Ter vinte annos, ser magro, ser leve, vestir um lindo uniforme, deixar o velho e o novo testamento em paz, acreditar em Deus como toda a gente, e fazer o seu pé d'alferes ás meninas bonitas... Ah! pobre Renan, está a gente a vel-o, lambendo o beijo, só com a ideia d'esses impossiveis regalos!

Actualmente, Branly, philosopho catholico e puro intellectual, responde, com um profundo suspiro, que a felicidade consiste em ter assegurado o conforto de cada dia, quer dizer: jantar e almoço com *champagne* e perù trufado, elevador na escada, automovel á porta, *chauffage central*, etc., etc., tudo o que elle não conheceu, nem vê geitos de chegar a conhecer. . .

Poetas, que possuem palacios nas immediações do Parque Monceau e do Bois de Boulogne, apontam as trapeiras humildes como receptaculos unicos da felicidade, que ama as alturas... E, já se vê, os da trapeira affirmam que a felicidade anda cá por baixo, não está para estafar-se a subir tanta escada. Os que teem duzias de camisas evocam a velha historia do ditoso homem que possuia uma camisa só. . . Clément Vautel, auctor d'aquelles deliciosos *films* do *Journal* que, sob a mais espirituosa graça, conteem o mais profundo bom senso, começa por declarar essenciaes condições da ventura: um bom estomago, em primeiro logar, e depois não ser invejoso, acabando mesmo por exigir apenas a primeira condição, porque, com um bom estomago, tudo pode digerir-se, inclusivamente o successo, as alegrias e a prosperidade do proximo.

Eu, se *Paris Soir* me interrogasse, responderia :

A felicidade é este escorregar das horas, sem imprevisto, sem emoções, hoje igual a hontem, amanhã igual a hoje, doce monotonia, emballada pela voz dos sinos e pela voz do Gave, atmospherá

de sonho em que tudo se atenua, se suavisa, como, nos véos da bruma, se atenuam e suavizam os asperos cumes das montanhas. A minha felicidade ou antes a minha paz, porque eu prefiro a paz á felicidade—sou mais facil ou quem sabe? talvez mais difficil de contentar... Sim, quem sabe se esse bem, que escolheu a minha alma, é o mais inacessivel e mais raro da terra?—habita no quietissimo Pau, defronte da fachada negra de S. Martin, um quarto pequenino, uma deliciosa cella do convento Gassion, forrada de alegre cretone, onde riem—tão profanas!—as rosinhas de tocar... E a freira, ao canto do fogão, no penetrante aroma das violetas, lê as *Trois impostures* de Toulet, elegante e amarga flôr do humano desencantamento, emquanto uma chuva miudinha, discreta, vae tocando nos vidros da janella a arietta de Verlaine: *O doux bruit de la pluie... Par terre et sur les toits...*

Contorce-se o mundo n'aquelle furioso ataque de hysteria que ha annos o vem accommettendo. De toda a parte chegam noticias de grandes crimes e grandes disparates. Ha um doído afan de destruir e matar. Nós, portuguezes, contamos mais uma data... gloriosa, mais um futuro feriado, o dez de dezembro, com um illustre martyr, o Marmelada. Coitado! Sacrificou a pelle para honra e proveito dos outros... Marmeladas que, segundo o costume, ficaram em sitio seguro, aguardando os acontecimentos: gloria sem perigos nem canceiras ou derrota sem o incommodo da cadeia... E, pelo que

me dizes, tudo se resumiu a meia duzia de tiros, com a competente bombinha aqui e ali.

Mas, já se vê, cá para fóra vieram as noticias alarmantes do costume: *La révolution au Portugal*, em grandes letras, nas primeiras paginas dos jornaes que, de resto, segundo o meu velho habito, eu não li e grande foi a minha surpresa quando, depois do almoço, sacudindo-me o braço direito com *shake-hands* do mais expressivo vigor, as inglezas accrescentaram ao seu laconico: — *Morning!* — de cada dia, um grave: — *Sorry!* . . . — Inglaterra, apoz haver declarado que o tempo é dinheiro, descobriu que tambem as palavras são dinheiro e poupa-as o mais que pode. Já não ha verbos, n'um substantivo ou n'um adjectivo se resume toda a phrase, systema economico muito para recomendar.

Mas cada novo *sorry* augmentava a minha surpresa, dissimulada alias por *shake-hands* de igual vigor e *thanks* de igual laconismo, até que *Madame G.*, me poz ao facto do acontecido, com um: — *C'est embêtant*, de sympathia, emquanto o marido, protector e amavel, perguntava: — Quando será que esse querido Portugal se decide a ter juizo? — ao que immediatamente respinguei: — Quando a França, sua irmã mais velha, lhe der o exemplo... Porque realmente, minha querida Maria, é caso para empregar o cá e lá mais fadas ha. Temos o pessimo habito de nos extasiarmos diante do estrangeiro. Quando pômos os olhos em alvo e dize-

mos :—Lá fóra—é como se evocássemos o proprio paraizo. De todos os erros e tolices da nossa terra decretamos immediatamente:—São unicas. Só em Portugal...—Quantas, quantas vezes, eu ouvi estas palavras e, Deus me perdôe, desconfio mesmo que as disse tambem, durante os famosos julgamentos de Santa Clara!... Pois, na muito civilizada França, cá temos agora o julgamento de Germaine Berton, a provar que essas vergonhas não se passam exclusivamente em Portugal. Creio mesmo que, d'esta vez, os nossos amigos francezes nos levaram a palma. Nós sempre nos démos ao trabalho d'uma certa comediasinha de justiça. Os nossos *Dentes de Ouro* asseguraram que... não salvaram mais vidas porque... não puderam, mas a sua missão era honesta, pura... E os que assistiram, com a mais amavel condescendencia, ao desempenho de tão honesta, pura missão, affirmaram, do alto dos seus galões doirados, que fizeram até o fim o seu dever. O facto de ter algum enveredado para debaixo da meza significa apenas que, em tamanha confusão, facilimo é uma pessoa enganar-se no caminho... E se os segundos sahiram de toda esta trapalhada, livres, illesos, com os galões ainda mais reluzentes e não sei se tambem com alguma medalha de valor militar, por honra da firma, sempre foram condemnados os primeiros.

Pois Germaine Berton, absolvida ha dias d'um crime de morte, não teve, diante dos seus juizes, uma palavra de arrependimento, uma attitude assus-

tada ou humilde, não procurou sombra de desculpa ou de explicação. Cabeça bem levantada, olhar bem altivo, declarou sempre: — Matei, matei, estou muito satisfeita por ter morto. . .

Devo mesmo confessar-te que, n'aquella boa fé dos tolos — e, por consequencia, minha. . . — senti uma certa admiração pela coragem de Germaine, imaginei — oh! santa ingenuidade! — que a juvenil anarchista arriscava a cabeça nas suas denodadas affirmações, vi logo no seu olhar uma serena expressão de martyrio e se não derramei, sobre o caso, as copiosas lagrimas da boa *Madame Séverine*, foi porque, contra todos os habitos do meu sexo e da minha nacionalidade, eu não tenho a lagrima atraz da orelha.

Germaine é que certamente jámais treneu pela sua bonita cabeça. Sabia muito bem o que a esperava, d'ahi o seu tranquillo *aplomb*, aquella atrevida declaração a Léon Daudet, que é como quem diz: — O que não se fez em dia de Santa Maria far-se-ha n'outro dia. . .

Por sua vez os collegas do infeliz Plateau affirmam: — Visto que a justiça se nega a fazer justiça, nós vingaremos o nosso amigo. — D'onde pode desde já deprehender-se que a França vae assistir a um *mata tu, matarei eu*, dos mais animados.

Porém como tudo isso está longe da minha cella onde riem as rosinhas de tocar! Dir-se-hia a vaga reminiscencia d'uma historia, ha muitos annos lida, absurda, inverosimil historia, passada n'outro se-

culo, n'outro planeta, talvez... E que importa, á freira do Gassion, o vão ruído do mundo vão?

Canta agora mais devagarinho, nos vidros da janella, a arietta de Verlaine. Sobre a fachada de Saint Martin uma nesga de azul rasga o céu ennevoado. Exhalam as violetas o seu aroma penetrante. E diz ó livro do suave desencantamento em que a minha alma bebe a paz: *La mémoire de notre peine, une fois abolie, ce n'est que ce murmure où s'efface et chante et nous enchante le reste d'une pluie...*





Pau — Hotel Gassion  
18 de dezembro

A historia é triste e simples. Tudo podia e devia reduzir-se a meia dúzia de palavras. Um pobre rapaz, quasi uma creança ainda, doente, da doença mais cruel, mais horrivel — a que ataca a razão — suicida-se. O facto infelizmente não constitue uma raridade. Tem havido em Paris, em todo o mundo, inumeros casos como este, que logo o silencio envolve. O silencio em que melhor choram e rezam as mães. Mas esse rapaz chamava-se Philippe Daudet. Para lá da morte, no além onde as paixões se calam, a paixão politica falla, vocifera ainda. Oh! ella não conhece vivos nem mortos, ninguem poupa, nada respeita, é o monstro que tudo destroe e de tudo se alimenta!

Uma creança morre... Deus sabe em que tremenda angustia se debateria a sua pobre, allucinada alma! Deus sabe... mas o *Libertaire* é que não quiz saber. Essas coisas preocupam-n'ò pouco. Viu apenas, no acontecimento, uma occasião magnifica para atirar-se á *Action Française*, para saciar o seu odio a Léon Daudet. A *Action Française* le-

vantou a luva. E do que se tem seguido, da ferocidade sinistra d'esse *dize tu, direi eu*, entre dois jornaes, o Luiz não precisa certamente que eu lhe dê noticias. Deve tel-as já. Deve estar *soulevé de dégoût*. . . — É a expressão consagrada. Conta-me uma amiga parisiense, que não se entra agora no *métro*, n'um *autobus*, n'uma casa de chá, n'um theatro, sem que, d'ahi a pouco, ao nosso lado, defronte da nossa meza, atraz ou adiante da nossa cadeira, uma senhora que é. . . ou julga ser, o que ha de mais *Action française*, exclame, para um senhor que é. . . ou julga ser, o que ha de mais *camelot du Roi*: — *N'est-ce pas, on est soulevé de dégoût?*

À força de ouvidas, de repetidas, as palavras que soavam como um grito de guerra, tomam já o aspecto banal d'uma formula á moda. E, entretanto, como ellas definem bem a especie de sentimento que essa historia deve inspirar a toda a consciencia honesta! *Soulevé de dégoût*. . . Em primeiro logar contra o *Libertaire*, o jornal immundo que, no proprio dia em que morre o filho, vem attribuir-lhe o projecto de assassinar o pae! E depois... contra o resto.

Pelo que tenho ouvido, parece-me, facil e dilacerante, reconstituir a tragedia d'essa pobre vida, tão curta em annos, tão longa em martyrio! De Madame Daudet sei que nenhuma coragem excede a sua coragem, como nenhuma dedicação excede a sua dedicação pela causa monarchica, a que já

deu o melhor da sua fortuna. N'ella encontrou certamente Léon Daudet, a companheira ideal, essa desejada, ambicionada metade, que tão longe costuma andar da outra metade! Ao desposal-o, ella desposou tambem todos os seus enthusiasmos, todos os seus odios, todo o seu corajoso labor, e todos os seus sacrificios e todos os seus perigos. Em *Madame* Daudet deve haver qualquer coisa de *Madame* Roland, a heroica e... antipathica musa dos Girondinos. Porém falta-lhe talvez — oh! falta-lhe decerto! — aquelle divino instincto que, no coração das mães, é a proteção, a suprema defeza dos filhos. Sim, tudo leva a crêr que Philippe viveu, soffreu, enlouqueceu, morreu, a sós com o tormento da sua alma. Estava doente, tinha manias, tinha allucinações, desaparecia durante dias inteiros, semanas inteiras... E ninguem se lembrava de seguil-o! Ninguem perguntava para onde o tinha arrastado a sua torturante inquietação! Contentavam-se em dar-lhe dinheiro para que materialmente nada lhe faltasse! Uns annos, quem sabe se uns mezes apenas, de tranquillidade, sem ouvir discutir politica, sem que odios e injurias e ameaças fuzilassem, a cada instante, diante dos seus olhos, longe d'aquella atmosphaera de combate que tão odiosa se lhe tornara, n'um sereno campo onde visse sorrir, em cada gotta de orvalho, em cada gorgeio de passaro, em cada perfume de flôr, a infinita bondade de Deus, tel-o-hiam curado talvez, tel-o-hiam apaziguado com certeza. Porém os in-

teresses da politica não permittiam á familia Daudet o afastamento de Paris. Como (derivativo ao meio realista, Philippe conheceu apenas — oh! horrivel ironia! — o meio anarchista. Foi o naufragio então...

E, tudo isto, que eu estou para aqui a escrever, não passa de comentarios vãos, para juntar a tantos que, sobre o caso, se tem desperdiçado. Fosse por isto, fosse por aquillo, por culpa d'este, por culpa d'aquelle, por culpa de ninguem talvez, uma só coisa importa: Philippe Daudet morreu e da mais tragica morte... *Couche les morts dans les bras de Dieu, quelque terrible que soit leur fin.* Palavras de Charles Wagner, bellas e consoladoras, entre as mais bellas e consoladoras que, em linguagem christã, se tem pronunciado, unicas que, n'esta hora, convêem á pobre, tresloucada alma.

Meu caro amigo, como é grande a diversidade dos humanos destinos, que contraste entre cada vida, entre cada morte! Falei-lhe de Philippe Daudet — esse martyr. (A proposito vem accrescentar: desculpe se o não fiz de maneira a satisfazer a sua... *daudetica* idolatria) Vou agora falar-lhe de Maurice Barrés — esse vencedor! — Philippe acabou em plena angustia, Barrés acabou em plena serenidade, sem agonia, sem soffrimento. — Assim uma tarde gloriosa se funde em uma tranquilla noite...

Atravez de Paris, desde a Praça da Concordia, junto aquella estatua de Strasbourg onde tantas vezes vibrou, cheia de enthusiasmo e de esperanza,

a sua voz, até a magestosa nave de Notre Dame, o enterro de Barrés foi um cortejo triumphal. Em Notre Dame, enquanto subiram para Deus as preces pelo grande defensor das egrejas de França, a sétima symphonia de Beetoven chorou, nos seus acordes de eternamente linda tristeza, o musical auctor de Bérénice. Depois, pelas estradas que elle tanto amou, de que, com tamanho encanto, soube dizer-nos o encanto, Barrés partiu para a sua ultima morada, foi dormir naquella terra de Lorraine que, mais do que todas, lhe parecera formosa, porque — oh! divino sortilegio! — era a sua terra.

Os jornaes teem sido unanimes em cantar-lhe os louvores, louvores ao sublime poeta do *Jardin sur l'Oronte*, ao Principe das letras francezas e, já se vê, ao politico, ao ardente republicano tambem. Mas esse é o que menos me agrada e menos me interessa. Como disse Jules Lemaître, espanta e faz pena que, um tão nobre, delicado artista, pudesse occupar-se de politica. Infelizmente é caso para accrescentar: — Bem prega Frei Thomaz! Porque o proprio Lemaître, depois de ter gasto o melhor do seu tempo e da sua incomparavel ironia, a zombar da politica, acabou por tomal-a a sério, morreu politico tambem, *camelot du roi* ou coisa que para lá caminhava. E, se ficassem por aqui os *Frei Thomazes!*. . . Mas não ficam. Para meu desgosto, para a minha maior de todas as desillusões, até Anatole, o grande Anatole que, com tão soberbo desdem, declarou no *Lys rouge*: — *Je ne*

*suis pas assez dépourvu de tout talent pour m'occuper de politique*— pertence agora á *Troisième Internationale* (á terceira... não esteve com meias medidas!) expande-se em discursos dignos... do Marmelada, que Deus haja!...

Lembro-me porém (e já não é sem tempo!) que estou escrevendo a um político, a quem certamente devem escandalisar estas considerações. Nada mais direi, embora tanto tivesse para dizer ainda. E, por amor da nossa harmonia em varios outros assumptos, ousou esperar que perdoará a desafinação n'este (1).

---

(1) Á data em que foi escripta esta carta ainda não se attribuiu a um assassinato a morte de Philippe Daudet.



Pau — Hotel Gassion  
22 de dezembro

Começa já a escurecer. As ultimas elegantes, aconchegando mais aos finos pescoços, as golas de pelles, porque. . . —uf!—faz um frio de alto lá com elle, descem apressadas o grande *boulevard*. Também eu, fustigada pelo ar que corta, sigo rapidamente, porém, defronte do Splendide, onde a vista é mais larga e mais bella, não resisto à tentação, vou debruçar-me no terraço a contemplar a derradeira phantasmagoria do pôr do sol.

Tingiam-se ha pouco as nuvens, de rosa, de violeta, de ambar e até do vermelho arroxeadado da fuchsia, como se quizessem seguir a moda. Era, sobre os Pyrineus, um leve, harmonioso desdobrar de véos luminosos, os véos da bailarina de Loïe Fuller, dansando a Sherézade. . . Agora tudo se fundiu em côr de perola, em côr de lilaz, em côr de prata. É um desmaio suavissimo o fim da tarde linda.

Já o sino de Saint Martin toca para o terço. Devotas embiocadas atravessam o pequeno jardim, a caminho da igreja. Pau afina o seu arsinho religioso, o seu ingenuo encanto. Pau cheira deliciosa-

mente a provincia. Mas, oh! nota discordante, irreverente, escandalosa! A voz grave do campanario veio misturar-se, banal e frivola, a voz d'um piano que preludia o tango.

É preciso não nos fiarmos de mais no arsinho ingenuo de Pau, no seu adoravel perfume de provincia... *Sainte Nitouche* diverte-se! Ali mesmo, na visinhança da egreja, tem o seu *dansing*! O *Loisir*, pequena sala sobriamente decorada em tons escuros, luz amortecida por *abat-jours* sombrios, foi propriedade d'um artista, que a destinou a conferencias, então frequentadas pela sociedade mais elegante de Pau, mas pouco durou a sua voga. A sociedade mais elegante de Pau, como de resto todas as sociedades mais elegantes das cinco partes do mundo, não gosta de quebrar a cabeça com assumptos intellectuaes. Além d'isso, tem habitos de distancia e exclusivismo, que não sacrifica facilmente. Vive entre si, nos jardins e salões das suas *villas*. Os conferentes, que não pertenciam á raça d'aquelle adoravel santo, cuja melhor eloquencia se dispendeu a favor dos peixes, abalaram descorçoados. O proprietario desfez a pequena livraria contigua á sala, trocou as ultimas novidades litterarias pelos tangos mais em moda e installou o *dancing* onde, cada tarde, se divertem as burguezinhas de Pau. E alegre o *Loisir*, porém considerado o que ha de menos *chic*. — *On n'y voit que des mercières*!... — diz a minha amiga Henriette.

Eu, de vez em quando, não desgosto de metter

o nariz no baile das *mercières*. Agrada-me a sobria decoração. E divertem-me os meneios pretenciosos das burguezinhas que, atravez dos *fox trots*, proseguem certamente aquella caçada ao marido, peculiar ás meninas solteiras de todas as classes. Ólho para as mããs, taciturnas e graves defronte da sua chicara de chá, medito, em tantas transformações e desillusões, porque passará aquella irrequieta juventude, antes de chegar ao estado de gordura, resignação e passividade que attingiram as suas progenitoras... Depois, ha por vezes, entre os tangos dengosos e os *frox trots* selvagens, uma valsa cantante, ondeante, cheia de rythmo, cheia de melodia, que accorda, na minha alma, vagas, indefinidas saudades... Ouvi-a não sei onde, não sei quando, lembra-me não sei o quê, traz-me a nostalgia de não sei que paiz, restitue-me não sei que sonho...

Porém esta tarde eu vi dansar, vestidas de mil côres, como a bailarina de Loïe Fuller, na Sherézade, as nuvens sobre a montanha... Não quero misturar tão linda visão aos requebros pretenciosos das burguezinhas do *Loisir*.

Onde irei tomar chá? Tenho um convite dos meus amigos Berthaults. Chama-me a salinha azul Saxe, o confortavel canto do fogão, o malicioso sorriso de Henriette, toda a graça, intelligente e amavel, d'esse lar francez... Mas estou cansada de tanto que flanei, pelas civilisadas avenidas e pelos rusticos caminhos, que me levaram ás mais do que todas lindas alamedas de Morlaás. E é tarde para

ir ainda d'aqui até a rua Dupláa, parando, já se vê, nas estações do costume : certa loja d'antiguidades, onde, entre frageis japonezices, se enrosca, tentadora como a serpente que perdeu a nossa mãe Eva, aquella velha seda côr de botão d'oiro, objecto do meu amor infeliz... Oh! eu bem sei que é um pouco nosso, tudo o que olhamos com olhos que sabem ver. Assim, me contento de possuir as alamedas de Morlaás, as alamedas do encantamento.

Porém, á seda deliciosa, tocada já pela adoravel *patine* do tempo, queria chamar minha de mais absoluta maneira, minha e de mais ninguem... Avistal-a uma vez ainda, representa, apoz demorada contemplação, o ardiloso cerco á barbuda Varrichon, na esperança vã de commover a sua dura alma, a sua israelita ganancia, com as minhas supplicas, as minhas lamurias : — *Mais faites donc un prix plus abordable. . . Rappelez-vous. . . Je suis portugaise. . . Mon pays est très mal gouverné. . . Mon argent est fichu. . .* — ao que invariavelmente responde a desalmada neta de Abraham : — *Et moi, Madame, est-ce que je ne suis pas française? Est-ce que mon pays n'est pas aussi mal gouverné? Est-ce que mon argent n'est pas aussi fichu? Est-ce que. . .*

Depois Lafon — a cidade dos livros — fica ali mesmo, defronte da maravilha côr de botão de oiro. Eu posso lá estar á porta do Lafon, sem ir ver, folhear, apalpar, acariciar, desejar, cubiçar e... um bello dia roubar — a carne é fraca... — os dois vo-

lumes illustrados, de Sizeranne, sobre a Italia da Renascença, Isabel e Beatriz d'Este, a trinta francos cada um?!

Depois, nas floristas da rua do Lyceu, ha as violetas, Princezas de Parma, tão lindas e quasi tão caras como ás suas irmãs da Renascença. Pois eu não heide respirar-lhes o perfume? E, como premio de resistencia ás outras tentações, não me heide offerecer um mólho de violetas?

Ora tudo isto leva tempo... Sem contar o necessario para fazer uma oração em Saint Jacques, porque, passar em Saint Jacques sem entrar, é coisa de que me sinto incapaz. Devoção? Ai! de mim! Chamemos-lhe antes superstição... Imagino que me acontece uma desgraça — parto as pernas ou peora o cambio — se não tiver o cuidado de recomendar-me ao santo...

Devo contar tambem com as aventuras da escada, alta e sombria, que leva á Torre de marfim onde habita o malicioso sorriso de Henriette... Porque, antes de subil-a, costumo cahir por ella abaixo duas ou trez vezes... Decididamente não tenho tempo para tanta peripecia. Forçoso é pôr de parte rua Dupláa, *Turris Eburnea*, sorriso malicioso, tentações e trambolhão...

Onde irei tomar chá?... Bouzon, o velho Bouzon, fica a dois passos, rua Henri IV. Um estreito corredor, onde se alinham pequenas mezas, servidas por trez ou quatro *vendeuses* loiras, que falam um inglez mais ou menos *maccarroni*...

Queim desejar conhecer o mais saboroso, perfumado chocolate *à la vanille*, sob uma espessa camada de *crème Chantilly*, quem quizer arranjar uma indigestão das mais apetitosas *sandwiches* de *foie gras*, deve ir a Bouzon. Porém eu, de tarde, só gosto de chá, e o do corredor Henri IV sabe-me a tudo, perpetuas, rosmaninho, funcho, alecrim, borragem. . . a tudo, menos a chá. . .

Mulher indecisa, onde vaes tomar o dito? Hesito ainda, páro no meio da rua, escapo milagrosamente de ser atropelada pelo sumptuoso automovel, do Doutor Spickman, metto um pé n'uma poça d'agua e, para evitar maiores desastres, acabo, como quasi todas as tardes, escolhendo o facil caminho do Gassion, do *tea room* branquinho, onde logo encontro, no meu canto preferido, a minha meza posta. Ah! que doce conforto, que claro arranjo, que suave tranquillidade, respira esse *tea room*! Em minha casa nunca se conheceram melhor os meus gostos, as minhas manias. Empregada no hotel ha pelo menos vinte annos, como de resto quasi todo o pessoal — e é esse um dos grandes encantos do Gassion, vae-se, volta-se, encontra-se sempre as mesmas caras, o mesmo respeitoso acolhimento dos criados já tão raros, que envelheceram na familia — *Madame* Lacoste, tem o talento, o . . . genio, de servir o chá. Nada lhe esquece. Não lhe escapa o minimo detalhe. Cada uma das suas clientes pode estar certa que, á hora do costume, encontra tudo prompto, tudo feito

como melhor convem á sua saude, ao seu appetite, á sua phantasia... Ha o canto da janella para quem gosta de prolongar a contemplação dos Pyrineus. Outros cantos mais discretos, mais abrigados, longe das portas, para quem receia as correntes d'ar. Ha, junto á meza de Mrs. H. — *Madame du Deffand* — outra meza pequenina, que ella considera de absoluta necessidade para depositar as suas *mitaines*, o seu leque, o seu vidrinho de saes, o seu romance francez, o seu *porte bonheur* Puck: um porco de flanella preta, com olhos de vidro azul, etc. . . . E ha a grande poltrona onde certo velho rubicundo costuma entregar-se a regaladas somnecas. . .

Em cinco minutos — o tempo preciso para installar-me, retribuir o *good afternoon* das inglezas, descançar os olhos nas flôres frescas que enchem as jarras — tenho defronte a bandeja com o bule fumegante — aqui ignora-se o chá morno — as torradas, a tacinha de geleia de castanha — especialidade da casa — o cinzeiro, os phosphoros. . . e, n'aquella observação docemente reprehensiva: — *Madame est en retard aujourd'hui*. . . — o sentimento confortador de ser conhecida, esperada, acolhida. . .

Mas estou realmente *en retard*. Já quasi todas as inglezas sahem. . . Puck e o seu esbugalhado olho de vidro, recolhe ás profundidades do immenso sacco vermelho que diariamente transporta as mil bugigangas, indispensaveis ao conforto de



Mrs. H. *Lady* Muriel calça as suas luvas de pellica branca, solemnes, *démodées*, como o seu vestido de gorgorão. É a outra *lady*—a que traz sempre o chapéo em guerra aberta com a cabeça, sarapinta de mil côres as descahidas bochechas e parece feita de retalhos velhos, como as antigas bonecas de trapos, *Lady* G., de quem a gente pergunta: Mas o que teria ella sido antes de ser *Lady*?—levanta-se, n'um *ruge-ruge* de sedas amarrotadas, espalhando aquelle enjoativo, almiscarado perfume, que faz o desespero do hotel.

Grace V, a do lindo sorriso, acena-me com um affectuoso: até logo...

Ha um leve ruido de cadeiras affastadas, um murmurio de passos, um sussurro de *Aohs!*, de *yes...* E já o velho rubicundo mergulha em uma das suas regaladas somnecas... Já, sobre os Pyri-neus, surge, branca, immaculada flôr, a lua...

— Mas que horas são? — perguntarás tu, espavorida. Oh! pouco mais de cinco e meia... Na Garrett, no Trianon, nos Gourmets, no Bénard, ainda mal começaram os chás e os *flirts* de Lisboa...

Pau — Natal

«A vida toda faz-me companhia  
Sem ti oh! solidão!  
É que me vejo só...»

Sim, a vida toda faz-me companhia... Lembranças e saudades estendem-me os misericordiosos braços, cantam-me aquella doce canção do velho tempo, emballadora de magoas. Nos retratos dos meus mortos, tantos já, quasi todos os que me quizeram bem, parecem acordar os olhos, humedecidos de ternura, a seguir-me, a envolver-me... E dizem os olhos dos meus mortos: — O melhor de nós mesmo não morreu, está contigo...

A vida toda faz-me companhia. A vida do passado, a mais intensa. A invizível vida dos mortos, a menos illusoria talvez... E contudo eu estou triste, triste, não d'aquella tristeza serena e doce em que a alma se compraz, a tristeza de que escreveu Myriam Harry: — «*Quand on n'a plus l'amour on a encore la tristesse...* — tristeza refugio, tristeza consolação... Um sentimento, que punge e doe, apoderou-se de mim, trouxe-me para o quarto, fugida á animação da sala, onde as in-

glesas improvisaram um baile e a mãe de Rose May, n'um dos seus vestidos de petalas, parece, entre tanto galho secco, mirrado, uma roseira que a primavera floriu. É que, em dia de Natal, lembranças e saudades não bastam. E não basta a companhia dos mortos, o silencio que falla pelos olhos dos rétratos. Volta-se o coração irresistivelmente para tudo o que vive, da humana, ephemera vida. Precisa-se d'uma companhia tangivel, d'uma voz que oiça e responda á nossa voz. Em dia de Natal, não se pode, oh! não se pode, amar a solidão!

Entretanto eu estive, eu estou só, porque assim o quiz, assim o escolhi. Os meus amigos francezes não se esqueceram de mim. Recebi esta manhã, com um fresco, perfumado ramo de cravos, o mais gentil, affectuoso convite de Henriette para assistir á arvore de Natal, em honra do *deus* Jacques e da *nympha* Françoise. Mas, á hora em que se accendiam as luzes, brilhavam as doiradas estrellinhas e, por causa d'um cavallo de cartão ou d'uma boneca de porcelana, o *deus* Jacques e a *nympha* Françoise se engalfinhavam talvez, em uma d'essas batalhas que fazem o meu maior divertimento, já eu estava sentada ao canto do fogão, remexendo cinzas... as cinzas da memoria, aquellas em que é mais doce e mais perigoso tocar...

E, para o jantar, não me faltaram convites tambem. Offereceu-me um logar na sua meza a boa Mrs. H. — Venha para ao pé de mim — disse-me,

com o seu lindo sorriso, em que paira sempre uma magoa resignada, Grace V. — De duas solidões, faz-se ás vezes uma companhia. — Mas eu fiquei só...

Apezar dos ramos de *mistletoe* que enfeitavam as mezas e floriam cada botoeira de *smoking*, das côres vivas dos vestidos e do brilho das joias nos decotes das inglezas — só Lady G., além do diadema, cingindo a cabelleira côr de cenoura, ostentava trez colares, qual d'elles o mais sumptuoso — e do imponente *menu*, em que um simples gallo bearnes apparecia com honras de ave real da India, e ás enguias, pescadas no Gave, se attribuiam origens orientaes, a sala tinha um aspecto de desusada tristeza. Eram estrangeiros quasi todos que ali estavam. Apoderara-se d'elles a nostalgia — esse mal de quem viaja. Cada olhar de inglez trahia as penas do exilio, a saudade da doce festa no *home* distante. E em vão saltavam as rolhas do Champagne, em vão ardia a alegre chamma dos *plum puddings*, só ás sete e meia, quando *Monsieur* e *Madame* P. entraram, a sala teve um momento divertido.

*Madame*, ex-esposa do Rei Bobeche, arvorava, com todas as suas joias — cascata de brilhantes e perolas, que logo offuscou o diadema e os trez colares de Lady G. — sobre uma quasi nudez, o mais amarello, amarelissimo chaile hespanhol, em que passaros, do tamanho de macacos, esvoaçavam por entre arvores extranhas... Mas não foi a *toi-*

*lette* de *Madame* o motivo d'esse curto divertimento. Ha muito já que as salas do Gassion se habituaram ás joias, á nudez e aos chailes exóticos da divorciada do Rei Bobeche. Toda a attenção, todos os sorrisos se concentraram em *Monsieur*. Sempre elegante, irreprehensível, no *smoking* de talhe perfeito — o primeiro francez que vejo bem vestido — P. trazia envolta em ligaduras a sua bella, fina cabeça. O pobre homem fôra victima d'um accidente de automovel, quando na vespera regressara de Bordeus, mas as inglezas—oh! candura adoravel! — pensaram que se tractava d'uma mascarada, um *joke* para alegrar *Christmas* e approvaram encantadas. *Lady G.* dignou-se mesmo exclamar, do alto do seu diadema, com o mais amavel sorriso dos seus labios pintados: — *Funny!*

Infelizmente logo se desfez o engano. A noticia do desastre correu de meza em meza. *Lady G.* recolheu o sorriso, exclamou: — *Sad!*—E a sala cahiu no seu pezado abatimento...

Porém Inglaterra não cultiva a tristeza. Tem o pudor das suas intimas emoções. E faz sempre o que, em cada data, o habito, a tradição, lhe mandam fazer. Por isso, embora exilada, nostalgica, mal despejou a sua chicara de café e o seu copo de *brandy*, foi para a sala dansar, enquanto veio consumir-se em inutil melancholia, a minha fraca, indefeza alma de latina.

Não chegam aqui os echos do baile. Parece-me, a mil leguas de todos os bailes da terra, o meu

quarto silencioso. Volto a sentar-me ao canto do fogão onde ha brazas ainda. Nem me occorre acender a electricidade. Os olhos da memoria vêem melhor ás escuras. E eu vim recordar... Desfila na minha imaginação o longo cortejo dos dias de Natal passados, desde o primeiro para que se abriram, n'um encantamento, os meus olhos de creança: Natal, no inverno, primavera da Madeira. A festa sorri coroada de flôres. Ingenuos pastorinhos de barro galgam-as serras minusculas da lapinha. No curral, sobre a palha, o Menino dorme, vellado por Nossa Senhora... E aquelle perfume de que diziamos: — Já cheira a Natal... — mistura de buxo, de loiro, de junquillos, de maçãs, em que entra tambem o aroma apimentado dos bollos de mel, impregna deliciosamente o ar, enquanto, na vagarosa toada madeirense, a velha cantiga vae annunciando: — Já nasceu o *menaino* Deus... — Até o ultimo que passei na banalidade triste do Avenida Palace. O dia estava claro, luminoso, um incomparavel dia de Lisboa. Lembra-te que sahimos juntas do Loreto? O Chiado rescendia a violetas. Ainda te vejo rir por causa do meu terror diante d'um bando de perús...

Ah! Maria, entre essas duas datas, a já tão longiqua da minha infancia e a outra, que me traz, com a saudade do lindo, claro céu de Lisboa, a saudade do teu lindo, claro riso, quantas coisas couberam, quantos differentes aspectos tomou aos meus olhos o Natal! Como o poeta eu poderia dizer: — *J'ai plus de souvenirs que si j'avais mille ans!*

E tudo evoco, de tudo me lembro, tão intensas como as vivi, revivo as minhas alegrias, as minhas dôres... Poder da memoria, doce e terrivel!

Mas, n'esta solitaria noite de França, a recordação d'outro Natal que passei em França, em Pau tambem, é, embora uma das mais tristes, aquella em que mais se demora, mais se compraz, o meu pensamento. Porquê? Sabe a gente alguma vez o porquê das coisas?

Inverno de 1916, frio inverno da guerra. O parque de Hameau amanhecera coberto de neve. Um desalento, mais pezado e mais fundo, apoderara-se de cada coração. Lagrimas assomavam aos olhos. Ninguem ousava dizer boas festas. O pensamento estava longe, com os que se batiam sobre a neve. E, entretanto, eu não experimentava este doloroso sentimento de abandono e solidão que hoje me punge.

Achava-me em casa; em familia, entre os doentes de Hameau e depois, n'aquelle hospital de tuberculosos da guerra, Noulibos, onde, para distrahir os soldados, organizaramos uma arvore. É que a falsa alegria, o vão divertimento do mundo, affastam, separam as almas e, na tristeza, ha uma communhão profunda em que as mais distantes podem sentir-se irmãs...



Pau — 20 de janeiro

Abriu uma nova casa de chapéus nos Campos Elysios: a casa de Madame Marthe Régnier. A inauguração foi deslumbrante. Salões transformados em fééricos jardins. Uma installação de millionaria, com chapéus para millionárias tambem. Oh! bem entendido, chapéus de setim, de *crêpe* da China, de palha, chapéus que lembram o calor, os dias bonitos... Porque Paris — o dos lindos disparates — assim o ordena agora: em janeiro põe o verão na cabeça e, mal chega agosto, cabeça que se preze, arvora com o velludo todos os rigores do inverno. Engenhosa maneira de arranjar uma illusão de calor, no tempo do frio e uma illusão de frio, no tempo do calor!

A nova, sumptuosa casa tem a sua historia, bordada de mil divertidos commentarios, como todas as historias que correm o Paris que se diverte. Madame Marthe, rainha do theatro, cançada dos seus por vezes espinhosos triumphos na scena, quiz fazer de modista... Phantasias da realeza! Assim; em Trianon, para esquecer o sceptro, se vestia de pastora Marie Antoinette... Logo, uma

fada, no barbudo envolvero de um dos mais ricos barões israelitas de Paris, banqueiro e auctor dramatico, que os encantos, embora assaz deteriorados, de Madame Marthe—isto em toda a parte é a mesma coisa: cria fama e deita-te a dormir — trazem pelo beijo, pôz, ao serviço da caprichosa actriz, a sua opulenta varinha do condão. E, como surgem os El-dorados nos contos maravilhosos, surgiu, em plenos Campos Elysios, esse brinquedo caro... Caro para qualquer mortal... O embeçado israelita adquiriu-o certamente com muito mais facilidade de que tu ou eu temos, para comprar um d'aquelles lagartos que o coxo apregôa, cada tarde, no Rocio da nossa terra. Oh! não ha duvida, a vida está para Israel e para os *béguins* de Israel!

Só metade das *crosses*, que Madame Marthe arvorou no florido dia da inauguração, dava para sustentar duas familias. Mas o luxo dos ricos repousa sobre a paciencia dos pobres, disse Laménais... ou não sei quem. Os pobres continuarão a ter fome e a ter paciencia. Já estão habituados. E Madame Marthe está tambem habituada ao seu uso... abuso de *crosses*, que lhe dá um ar entre guerreiro e persa.

Depois, não lhe fizeram nada que ella não merecesse — Quem tem sido a Duse d'aquelle Annunzio? A Bady d'aquelle Bataille? A Sarah d'aquelle Rostand? Quem tornou o *Moulin de la Galette* uma obra prima? É verdade que o *Moulin* não passou da representação das costureiras. A censura teve de intervir. Paris não gosta que lhe lavem a roupa

suja fóra da familia e, ao barão, quando lhe dá para dramaturgo, é uma destas barrelas a Paris! Com cargas de espirito, dizem. Por isso não falta quem marque um bom ponto á sua má lingua... Mas escusas de afiar a tua alfacinha curiosidade que, sobre o caso... tenho dito. Ninguem me arranca nem mais meia indiscrição.

Vou contar-te outra historia, fresquinha, a saltar!... Partiu para o Egypto, restaurada pela decima... ou vigesima vez, Mademoiselle Sorel, que foi a muito formosa, irresistivel Celimène da Comédie. Foi, para os outros, para ella continua a ser. Illusão que muito lhe preste.

Antes de aportar a essas longiquas terras, onde, á semelhança de Cleopatra, tenciona certamente fazer a desgraça de numerosos Antonios, Mademoiselle Sorel quiz cumprir os seus deveres de catholica. — Pois Mademoiselle Sorel é catholica? — Não sei se é. Para a historia precisamos que seja. Procurou o cura da sua freguezia, pediu-lhe que a ouvisse em confissão. Já absolvida, lavada de toda a culpa, um rubor voltou a tingir-lhe a face mimosa... — Meu Pae, ha ainda um escrupulo, uma duvida, que affligem a minha timorata alma... Quando me vejo ao espelho acho-me linda, linda!... Diga-me, meu Pae, é um grande peccado?

O santo homem levantou, para o avariado... aliaz restaurado rosto de Mademoiselle Sorel, os mais estupefactos olhos e, na simplicidade do seu coração, respondeu: — Não é um peccado, minha

filha, mas é um engano, um grande engano...—O que não obstou a que certo jornal parisiense, noticiando a partida de Celimène, accrescentasse: *Plus belle que jamais* e... com quinze annos!

—Já não ha mulheres velhas! Acabaram as rugas. Só tem cabellos brancos quem quer. Só affligem os pés de gallinha quem contra elles não sabe reagir. A juventude está ao alcance de toda a gente! Etc., etc., etc...— Assim rezam annuncios e catalogos dos institutos celebres, cujos milagrosos tractos de polé restituem belleza e... quinze annos ás avariadas Sorel.

Com um profundo sentimento de melancholia constato que é verdade. Já não ha mulheres velhas. Há só mulheres grotescas.

Evoco o vestido de seda preta, a capa de rendas, o pequeno chapéo cujas fitas vinham atar em duas grandes laçadas sobre o pescoço, todas as coisas simples e sérias que compunham a *toilette* da minha tia Victoria, na idade em que eu ainda me acho com direito a usar uma saia travadinha, uma blusa russa e um audacioso tricorne. Ah! doce, confortavel outr'ora! Uma pessoa, depois dos quarenta, era francamente velha, renunciava á dança, ao chapéo redondo, fallava do amor—se é que fallava...—no passado como, aos vinte annos, fallamos das bonecas.

As vidas seguiam essa divina harmonia da terra, que na primavera se enfeita de flôres e gorgeios, no outono perde, folha a folha, o seu glorioso ves-

tido de oiro, e no inverno, sob a branca neve, descança em paz suavissima...

Onde está o descanso para as pobres mulheres da actualidade? Com quarenta, com cincoenta, com setenta, com oitenta, ellas bailam, jogam o *tennis*, partem para o Egypto e para... Cythera, coquet-teiam, fazem olhinhos, fazem beicinho e... se não saltam a corda, é porque a moda ainda não se lembrou de impôr-lhes a corda. Lá chegaremos. Corda e... até arquinho estarão em perfeita harmonia com o cabello cortado á *bébé*, á cherubim... Mas, já que fallamos de cabello cortado, a proposito vem contar-te, que se tornou cada vez mais renhida, mais encarniçada, a lucta entre os seus partidarios e os seus adversarios. Colette Willy, auctora d'aquelle mil vezes adoravel capitulo da *Maison de Claudine: Ma sœur aux longs cheveux*, commanda denodadamente os primeiros. Colette, intelligente, intelligentissima, oh! tanto e tanto que d'ella se disse já: Intelligente como um homem (bem entendido foi um homem que disse) apresenta, para triumpho da causa, profundos, variados, poderosos argumentos: — O direito á tessoria é um passo dado para a emancipação da mulher. Conquistem-n'o e não tardará que venha o direito ao voto. Cortar uma trança equivale a romper uma cadeia, a transpôr as muralhas d'uma prisão! — Isto para as feministas, as mais ingenuas, que vão atraz do palavriado sonoro. Ás femininas, as mais maliciosas, que se guíam por razões subtis,

Colette lembra o horror dos papelotes, o horror maior ainda das madeixas desfrisadas, a dificuldade de encaixar uma trumfa dentro da copa d'uma pequena *toque*, o odioso dos ganchos, e sobretudo, oh! sobretudo, o perigo do prego do chapeo que, em qualquer colloquio mais intimo, quando a cabeça, não sabendo já de que terra é, resvala para outra cabeça, pode vasar um olho bein amado... E assim por diante...

Tudo leva a crêr que, tão ardente, impetuosa, apaixonada eloquencia, alcançará a mais completa victoria. De resto, nas *premières* dos theatrinhos elegantes, os que dão a moda, frequentados pelo que ha de mais *upa* em Paris — desde as archidukezas reinadias até essa sensacional *jeune fille à marier*, Germaine Berton, que maternalmente chaperona a sensivel *Madame Sévérine* — não se tem avistado sombra de tranças.

Porém é difficil — se não impossivel — uma pessoa, muito embora essa pessoa seja a primeira escriptora de França, fazer duas coisas bem feitas ao mesmo tempo.

Colette, paladina do cabello cortado, advogada da tesoura, prejudicou fortemente a outra, auctora de deliciosos livros. Se ainda não leste, aconselho-te que não leias, *Le blé sur l'herbe*. Tinhas uma desillusão. Nem parece d'ella. Para te compensar recommendo-te outro livro de mulher: *Les allongés*, de Jeanne Galzy. Nunca ouviste este nome. Tambem eu o desconhecia, com vergonha o con-



fesso. E, entretanto, Jeanne Galzy é alguém. Aos trinta annos, pobre, de nascimento humilde, provinciana, sem nenhum d'esses brilhantes predicados que, ainda muito mais de que o verdadeiro talento, conquistam á celebridade das Condessas de Noailles — de Nouilles, diz-se agora, a nossa bem anada poetisa já cahiu nas garras implacaveis da troça parisiense — a auctora dos *Allongés*, tem dois livros coroados pela Academia franceza: *L'ensevelie* e *Une femme chez les garçons*. Mas, para mim, a sua obra prima é o ultimo, que acaba de ganhar o premio Fémina, triumphando, por doze votos contra seis, da *Equipage*, de Jacques Kessel e do *Songe*, o famoso, interminavel *Songe*, de Henry de Montherland.

Com essa impulsiva franqueza que, diga-se de passagem, é um dos teus maiores encantos, declaraste: estar já um pouco... bastante, cançada dos meus eternos louvores a Pau, aos sinos e ás candidas, ponctuaes inglezas. Tudo isso achas muito bonito, muito agradável, muito proveitoso... para as insomnias, mas, como variação, que te escrevesse eu uma carta divertida, com uma quantidade de noticias de Paris, uma quantidade de besbilhotices, de nomes próprios... — Exactamente o que Walpole reclamava da velha du Deffand... — Por um feliz acaso, no proprio dia em que recebi o teu pedido, chegou a Pau a minha amiga Jeanne B. Trouxe-me esse boccadinho de Paris, que me apresso a mandar-te, embora já estragado, profanado pelos meus enfadonhos commentarios...





Pau, 16 de fevereiro

Semana intellectual, com todas as letras...

Começou pela conferencia de Claude Farrère, o teu querido Farrère, sobre Loti, o teu queridissimo Loti. Estou a sentir-te ter inveja de mim... Na verdade foi um raro gozo, ouvir o auctor da *Bataille* fallar do auctor do *Pêcheur d'Islande*. Não porque nos desse grandes novidades. Tudo o que contou da pensativa infancia, n'esse extranho, melancholico paiz de Saintonge, da celebre casa das avós, na ilha de Oléron, do castello da bella, no bosque adormecido e dos rosaes da Persia e da velha Rainha Pomarê e da fresca Imperatriz Primavera, já nós estavamos fartos de saber. Apesar d'isso com que profundo prazer o escutámos! Repetir coisas já muitas vezes ditas e conseguir que ellas interessem, como se fossem ouvidas pela primeira vez: eis toda a arte de fallar, como toda a arte de viver está em reviver e toda a arte de amar em... tornar a amar...

Loti creança era o desespero dos seus mestres. — Este rapaz nunca hade aprender a escrever! — exclamava um d'elles. Tu já conhecias a historia.

Lêste-a decerto em *Prime Jeunesse*. Também eu a tinha lido. Mas que novo encanto lhe achei, sublinhada pelo fino sorriso de Farrère!

E a amorosa vida de Stamboul, que nos seduziu em essas duas obras primas, *Aziyadé* e *Fantôme d'Orient*, como adquire maior sedução ainda na sua voz, uma voz que canta, e chora, e acaricia, uma voz de setim, uma voz de velludo, uma voz de... etc., etc.! Minha querida, a folhas tantas, já uma pessoa não sabe se está apaixonada por Loti, por Stamboul, por *Aziyadé* ou simplesmente pela voz de Farrère! Vê o que perdeste ou antes de que te livraste. Assim apaixonadicha como és, desconfio que deixavas o coração n'aquella conferencia. — *Ma chère ce qu'il est bien!* — exclamava ardentemente, n'um camarote ao lado do meu, uma senhora que, por signal, já podia deixar-se d'essas coisas, a não ser que admittamos aquelle principio de que o fogo pega, com maior facilidade, nalenha secca... Mas realmente: *Ma chère ce qu'il est bien*, esse Claude de cabellos grisalhos!

Dois dias depois, tivemos, feita por Bernard Frank, outra conferencia exclusivamente consagrada aos amores de Loti. Foi, a meu ver, muito menos interessante. Frank não possui a voz de velludo: encanto, sedução de Farrère. E não tem o poder de evocar. *Aziyadé*, Rarahu, Fatou Gaye, e essa *Chrysantème*, de alma mysteriosa, nem um instante conseguiram prender-nos. Enquanto, por conta de Loti e na doce companhia d'essas senhoras, Frank

ia conjugando, em todos os tempos, o verbo amar, meditava eu sobre a sorte pouco invejavel de *Madame Loti* — a legitima — unica, bem entendido, a que não se referiu a conferencia, sobre os amôres do grande escriptor. Decerto Grace V., a minha companheira, entregou-se ás mesmas reflexões, porque, quando enfim acabou a larga prelecção e nos sentámos no odioso *Palmarium*, defronte d'uma chicara de pessimo chá, as suas primeiras palavras, accentuadas com aquella ingleza convicção que põe sempre nas suas opiniões, foram: — *My dear*, desconfortavel coisa deve ser um marido celebre!

Hontem, na tarde que Deus mandou clara e luminosa, realisou-se enfim o ha tanto annunciado chá de litteratos, offerecido pelos Berthauts, em honra de Francis Jammes, poeta que me implica com o systema nervoso. Mas os meus amigos pretendem que, me bastará vel-o e ouvil-o, para ficar doida por elle. . . E confesso ter subido, com certa anciedade, a escada da rua Duplaá, curiosa, impaciente de saber como seria esse menestrel, por quem eu havia de perder o juizo, um pouco inquieta tambem, receiando que a minha estrangeira presença lhe parecesse intrusa, profana, no cenaculo dos seus devotos. . .

Porém, mal entrei, Henriette, que tinha entre as mãos um soberbo mólho de mimosas e conversava com uma senhora, cujos olhos de linda clari-  
dade logo me conquistaram, exclamou desconsol-

lada : — Ainda d'esta vez não o verá, mandou um telegramma, desculpando-se. . .

— É um dos seus *coquettismos*—acrescentou sorrindo, com ligeira ironia, a senhora dos claros olhos—o *cher maître* adora fazer-se desejar.

Na sala havia já uma meia duzia de pessoas, entre as quaes eu conheci apenas o Dr. Sabatier — sabio que acaba de fundar a Academia do Béarn — cuja longa barba negra, destacando no rosto pallido, sob a cabeça inteiramente calva, me dá sempre um vago mal estar, porque me lembra—que o sabio e a Academia me perdoem ! — a barba de Landru, de sinistra memoria. E o irrequieto, nervoso pianista hespanhol Tintorer, cheio de manias, de superstições e de talento. . .

Immediatamente Henriette fez as apresentações. *Madame* Martignon, a linda senhora de claros olhos, auctora de contos de fadas, fada ella propria, porque, ramo assim tão lindo, mensageiro da primavera, só uma fada poderia trazer-lh'o. . .

E, no mólho de mimosas que Henriette me passou ligeiramente pelo rosto, eu respirei, em verdade, todos os aromas da primavera.

Martignon, critico litterario.— Ah ! estavamos ainda em pleno conto maravilhoso, a Bella e a Fera... Fealdade tão afflictiva, como a que coube em sorte a esse cabelludo homem de lettras, eu julgo impossivel existir, no aliaz tão feio mundo da realidade !

Riter, auctor d'um livro sobre o castello de Hen-

rique IV, Riter, coroado pela Academia franceza, Riter, cujos passeios conferencias no solar do *Vert galant*, fazem o encanto intellectual de Pau. E, com surpresa, reconheci em tamanha notabilidade, um dos infatigáveis dansarinos do *Loisir*...

Jean Lebrau—Esse certamente não vae ao *Loisir*!—Tem no olhar aquella timida, um pouco selvagem expressão dos que vivem em um dominio áparte: o solitário dominio do pensamento. Magro, pallido, com mais de trinta annos, assegura-me Henriette, parece um adolescente escolhido pelas musas; *front harmonieux plus prédestiné que d'autres à la noblesse d'aimer, de souffrir, de comprendre*... como diz Bataille, que lhe prefaciou o primeiro livro de versos: *La voix de La bas*—livro delicioso, digno do delicioso prefacio...—Lebrau tem tambem, entre outras obras: *Le ciel sur la garrigue*, premiado pela Pleiade.

*Monsieur Jarris*, um amavel *dilletante*. Encantadora cabeça branca, olhos azues, limpidos olhos de creança a illuminarem todo o seu velho, enrugado rosto, doces myosotis sob a neve... E uma maneira de sorrir que logo me evoca o lindo verso:

*De ses rides les petits plis;  
De nids d'amour sont tout remplis.*

Oh! o velhinho adoravel!

Fallou-se, em primeiro lugar, do querido mestre ausente e que, por coquettismo, como diz *Madame*

Martignon, ou por distracção de poeta—é da praxe que os poetas habitem a lua, alheios ao que têm de fazer n'este misero planeta — não cessa de pregar, aos seus devotos, partidas como a de hoje: ser esperado, não apparecer e, o que é muito peor ainda, marcar entrevistas na sua casa de Orthez, e quando o devoto, palpitante de emoção, imagina ser enfim admittido á ineffavel presença, declara-lhe uma criada de pessima catadura: — *Monsieur* está em Tarbes, *Monsieur* está em Lourdes, *Monsieur* foi a Pau...—Que eu saiba ainda nenhum dos visitantes se lembrou de responder: — Pois que *Monsieur* vá tambem bugiar...—Era o que eu diria em identicas circumstancias. Mas eu não sou devota —oh! não!—do auctor de Saint Joseph e das orações pela vaquinha. De resto, na opinião de todos esses senhores, em una só vez que se digne apparecer, Francis Jammes faz-se immediatamente perdoar, tamanho é o seu encanto, a sua amabilidade, o seu prestigio! E a linda Martignon, a fada de claros olhos, a quem certamente Henriette —essa chocalheira!— já revelou a minha embirração pelo trovador de Orthez, insistiu, docemente reprehensiva: —Mas o *Roman du lièvre*, pois será possivel que nem d'esse goste?

—O *Roman du lièvre*, *Clara d'Elbœuf*... Vejamos. Ha sempre a jovem, o que ha de mais velha nobreza de França que, apoz o mais puro idyllio com o pastorinho ingenuo, dá á luz um menino. O assumpto tem seu imprevisto, na penna



de escriptor tão bem pensante. Comtudo não diremos que seja d'uma prodigiosa originalidade... Em todos os contos, que correm o velho mundo, princezas, até rainhas, desdenham o sceptro e coroadas de simples malmequeres, amam os doces pastorinhos. Mas o estylo é lindo, concordo, e ha paisagens tocadas de tamanha graça!...

Obtida esta concessão, Martignon dos claros olhos, accrescentou logo avidamente:—E o *Rosaire au Soleil*... Só no nome que encanto já!

Sim, o *Rosaire au Soleil*, tambem... Mas fiquemos por aqui, Martignon dos claros olhos, senão, senão, apesar de todas as recommendações de Henriette, pesego-te com o verso, objecto da minha eterna *taquinerie* ao teu Jammes idolatrado:

*Oh! n'insultez par le petit chat qui dort.*

*Le petit chat qui dort des sommeil de la mort!*

Discutiram-se os modernos que, na maioria, me são antipathicos, indifferentes, desconhecidos ou incompreensiveis... *Siegfried et le Limousin*— com que nunca conseguimos entrar, lembras-te?— foi proclamado uma obra prima. *Lewis et Irène* posto nas nuvens. Outras celebridades, juvenis ou rejuvenescidas pela moda, transportadas ao Olympo. A cada instante citava-se a *Nouvelle Revue*, Proust que, com inegavel talento aliaz, nos pregou as maiores maçadas de que reza a historia das maçadas litterarias e todos aquelles que, salvo raras

excepções, sem talento algum, lhe adoptaram os aborrecidissimos processos... Martignon disse coisas consideraveis sobre a nova escola...

— Foi-nos restituída emfim a pureza da lingua, essa divina arte perdida... Porque, como o proprio Anatole confessa, desde o seculo XVIII ninguem mais soube escrever em França...—sentenciou gravemente Sabatier. Todos approváram com igual gravidade. Só, pela fina, ironica bocca de *Monsieur* Jarris, passou um sorriso—oh! um sorriso que, embora tão leve e logo apagado, fez as minhas delicias! Ia apostar que Jarris não supporta o mestre, nem os discipulos, dos parenthesis infindaveis, boceja... *á sombra das meninas em flôr*, adormece profundamente na companhia de Simão, o Pathetico...— Porém Jarris calou-se... Tambem eu entrei n'aquella sala com a firme resolução de reprimir os meus impetos, de ser discreta, como compete á minha qualidade de estrangeira, de acatar todas as glorias consagradas, como manda a prudencia e me aconselhava o exemplo de Clément Vautel, ameaçado d'uma carga de pau—até d'um tiro!—por ter ousado confessar que Stenhdal, um dos idolos da moderna geração, —não o diverte... Mas—oh! fragilidade das nossas mais firmes resoluções!—bastou que Martignon —a fera da bella—Martignon, que ainda não me tinha dirigido a palavra, depois d'aquelle vago *enchanté* da nossa apresentação, certamente no intuito de ser amavel com uma amiga dos Berthaults, me {perguntasse:—E, *Madame* que, se-

gundo George me diz, conhece tão bem a litteratura franceza, o que acha da nova escola? — para que — oh! desmandos d'esta impulsiva lingua, que merecia ser arrancada, como no conto celebre, a da mulher do sapateiro! — eu respondesse: — *Elle m'embête...* — Apenas proferidas as imprudentes palavras, realizei toda a extensão do desagrado em que a minha pessoa ia cahir... Mas já não havia remedio. Inutilmente o meu amigo George tentou desculpar-me, explicar: — Foi apenas um gracejo, uma *boutade*, *Madame L. é taquine* como uma franceza... — Martignon, com a mais desdenhosa condescendencia, declarou achar perfeitamente natural a opinião de *Madame. Madame*, embora *taquine* como uma franceza, é portugueza, e os modernos, *mon cher*, não escrevem para os estrangeiros... Sobre Bordeaux ou mesmo Ardel — ora toma! — é que elle deveria ter consultado o gosto de *Madame...*

Assim punido o meu improperio, Martignon passou a ignorar-me durante todo o resto da tarde intellectual. Como diversão ao funesto incidente, Tintorer, o irrequieto Tintorer que — oh! milagre! — até então se conservara silencioso, referiu-se á litteratura hespanhola. Houve aqui e ali um vago, molle, complascente: — Decerto... Sem duvida... E logo todos tomaram a mais alheia, desinteressada attitude. Riter dissimulou mal um bocejo. Sabatier dissimulou pessimamente outro bocejo. Os pensativos olhos de Lebrau mergulharam n'um sonho

distante. É sempre assim quando se falla em alguma coisa, passada para lá das fronteiras. O francez conhece, ama, comprehende apenas o que se faz e diz na sua terra. N'isso está o seu grande defeito ou... a sua grande força. E a criada entrou com o chá. Não podia vir mais a proposito. Tintorer, que já ia por Eleanora (Lyrio roxo de Vargas Villa), fóra, passou a celebrar a *tarte* de maçãs, famosa nos chás de Henriette.

E, como se tractava d'uma *tarte* franceza, todos se interessaram, comprehenderam e, por sua vez, celebraram a guloseima famosa.

Depois, o céu começou a tingir-se d'um pallido côr de lilaz, o campanario de Saint Jacques cantou, em lindas, melancolicas notas, a hora suave das Ave-Marias. Tintorer passou a celebrar o crepusculo de Pau, a poesia dos seus campanarios. E, porque se tractava de crepusculo francez, de francezissimos campanarios, todos comprehenderam, interessaram-se, e, por sua vez, celebraram o doce pôr do sol, no doce paiz de Béarn...

D'ahi a pouco, a caminho do meu hotel, eu constatava, com magoa e confusão, quanto me parecera enfadonha, longa, essa tarde litteraria na salinha azul Saxe dos meus amigos Berthaults! E, para minha maior vergonha, não era a primeira vez que assim me pezavam, aborreciam, horas dedicadas ás lettras. Como um terrivel libello accusador vinham-me á lembrança outras reuniões intellectuaes. De todas sahira com a mesma impressão de can-

saço e tédio, em todas, qualquer coisa de postiço e convencional, me chocara, em todas me sentira estranha, sem ter nada que dizer, ou, o que é muito mais grave ainda, com um louco desejo de dizer irreverencias; atacar glorias consagradas...

Entretanto eu julgo amar a litteratura com o melhor do meu espirito, com o melhor da minha alma! Mas tambem Berlioz amava a musica e, se não me engano, foi Berlioz que disse: — Peior de que um concerto só dois concertos...

Confortada por este exemplo illustre, apressei o passo para Gassion onde me esperava, ameno e repousante, o *bridge* com as inglezas...



Pau, 28 de março

Uma radiosa manhã! Os Pyrineus resplandecem na immaculada alvura da neve. Sob as mil flechas do sol resplandece, como feito de ouro, o Gave. Divinamente azul, sem que o macule uma nuvem, resplandece o céu. Pau accordou a sorrir... Pau accordou a cantar...

E, na festiva claridade d'esta manhã, eu recordo outra manhã, distante já: aquella em que vi pela primeira vez a cidadezinha bearneza, que tão querida devia tornar-se aos meus olhos e ao meu coração. Pau resplandecia também, em plena graça da primavera. Os sinos cantavam. O céu estava azul. O Gave côr do céu. Os castanheiros tinham flôres. Porém eu não via o sol, não via o céu, não via as flôres. Apeará-me do comboio como uma sombra dolorosa. Olhava só para dentro, para o meu atormentado coração. Era a prisioneira d'um sofrimento immenso, negra neurasthenia sem remedio... Queria que o mundo acabasse, que nunca mais a primavera enfeitasse a terra, que para sempre se afundasse o sol.

Tudo passou. Até as neurasthenias sem remedio



passam! A vida tornou-se doce e facil, eu accrescentaria feliz, se a palavra não fosse um pouco temeraria e a felicidade do genero d'aquelle, que Jane Cals chama *malheur doux ou bonheur triste*. Estado de suave passividade, sem esperanças e sem desejos. . . Feliz porque a terra é linda, as madrugadas nascem humedecidas de orvalho — essa ternura do céu — e a religiosa hora do pôr do sol traz uma melancholia saudade, delicioso mal a que nenhum bem se compara. . . Feliz pôr mil razões que jámais contentariam a tua juvenil sede de ventura. Para chegar ao *malheur doux ou bonheur triste*, atravessam-se caminhos onde tu não passaste ainda. Gasta-se, exgota-se, essa faculdade que julgas inexgotavel: a terrivel faculdade do soffrimento. E comtudo, vê lá, tão destinados para a dôr nascemos, que nos affeiçoamos de preferencia aos logares onde ella fez, mais profundamente sua, a nossa alma. . . O meu grande amor a Pau não vem da belleza da paisagem — quantas paisagens igualmente bellas eu tenho atravessado! — tão pouco da serena facilidade das horas silenciosas e suaves, nem ainda das outras, brilhantes e leves, em que um divino passaro azul canta no meu coração; o que me prende a Pau, com tão extranho encanto, é a lembrança, eu ia dizer a saudade, do que soffri, o gosto amargo de certas lagrimas. . .

E ainda me perguntas se voltei ao Hameau! Mas não teem conta as minhas visitas ao Hameau...

Pelas curtas tardes do fim do outono, quando se esfolham os carvalhos da grande alameda, e uma tão funda, penetrante melancholia desce sobre o lago, sobre o jardim, quantas vezes desejei ficar para sempre, desolada e calma, entre aquella calma desolação das coisas!

Atravez do feno já surgem os primeiros malmequeres, as mimosas rescendem, estão em flôr os cyclamens de Manou—a minha doce enfermeira. — Não tarda a primavera, a linda primavera do Béarn, que enche de arrulhos e perfumes todo o parque de Hameau. Cêo côr de turqueza a mirar-se em o limpido espelho do lago, no pequeno bosque e nas azinhagas o branco noivado dos espinheiros, defronte do meu antigo quarto aquella olaiia que, ao vestir-se de vermelho arroxeadado, me dava a nostalgia das outras, tão viçosas e lindas, as olaiias que transformam em fêérico jardim, cada avenida da minha Lisboa.

Doce, perigosa approximação da primavera, quando a terra se renova, quando tudo dá flôr. . . E, nos envelhecidos, quasi mortos corações, um querido soffrimento renova-se tambem, volta a doer uma adormecida dôr, volta a sonhar-se o sonho que fez tanto mal. . . e fez tanto bem!

Mais do que nunca me chamam e prendem as sombras do Hameau. Gosto de ir sentar-me, como d'antes, na alameda de carvalhos onde cada manhã se reúnem os doentes. Tenho a bemdita illusão de que o tempo não passou. Sou ainda essa pallida

convalescente, a que a primavera reabria, com tão doce... amarga voluptua, as feridas do coração...

Naufraga, batida por tantas tempestades, sinto-me emfim no porto de abrigo. Longe do brutal tumulto do mundo, excluída das alegrias vulgares, apartada dos banaes divertimentos, tenho tempo para pensar, tenho tempo para recordar, tenho tempo para sofrer...

E tão grande é o poder da minha ilusão que mal percebo as mudanças por que passou, n'estes ultimos seis annos, o Hameau. Em vão eu sei que morreu aquelle querido, adoravel Dr. Mabit, a cada instante julgo que vae apparecer-me a sua enternecedora cabeça branca, illuminada por um sorriso da mais linda, intelligente ironia. Em vão Manou pretende fazer-me admirar os grandes melhoramentos da casa, *chauffage*, agua quente em cada quarto, o *hall* alargado até o pequeno gabinete da gerente, a boa *Madame* Belloc, e a feia, escura sala, que o Dr. F. baptisara de jazigo de familia, estofada de cretones claros, e a sollicitude, os cuidados, a vigilancia constante do novo medico; é no meu velho Hameau *delabré*, no meu querido Hameau da guerra, que eu me julgo ainda.

Não vejo os extranhos que me rodeiam. Em volta de mim estão todos os companheiros de outro tempo, e as suas miserias que enchiam de piedade o meu coração, e as suas pittorescas manias que tanto divertiam o meu espirito. *Madame* B. poetisa e morphinomana, impingindo a cada instante a sua

desenxabida Ode á lua. Gabriel—o formoso, aristocratico Gabriel,—atacado d'uma doce, mansa demencia. Jane e a sua bysantina elegancia e aquelle estridente, doloroso riso que confrangia como um soluço. Marceile de olhos côr de flôr de linho. De olhos côr de violeta a pobre Blanche, martyrisada pela mania dos microbios. Aquella americana, extraordinaria Dora, com o seu triste *refrain* de lamentação: *Mon vie est brisé*—a que jámais conseguimos pôr o genero no seu logar! E, ao longe, no velho piano da sala, arrastando-se, sob os pobres, defeituosos dedos de Gaissman, a musica de Haendel, o Largo, eterna *berceuse*, a emballar a nevrose do Hameau...

Voltei tambem a Noulibos, o hospital de tuberculosos. Cheguei pelas trez horas, carregada de embrulhos: bollos, fructa, tabaco... Como d'antes... Para outra vez ter a illusão de que o tempo não passou. E quasi a tive... A mesma paz, silenciosa e doce, pairava sobre o pequeno jardim. A trepadeira do muro floria, em aquellas leves corollas brancas, que lembram a branca flôr da lorangeira. Os canteiros tinham rosas. A querida silhuetta, tão minha conhecida, ligeira e clara sob as largas azas da *cornette*, desceu rapidamente, deteve-se, n'um pasmo enternecido a olhar para mim, depois, com uma grande exclamação de alegria, precipitou-se nos meus braços...

Irmã Marguerite. Irmã Perola... Pequenina, rosada, exuberante, vivaz: qualquer coisa de infan-

til, qualquer coisa de alado... A mesma que ha oito annos deixei! O tempo correu sem lhe tocar. Não gasta, nem envelhece o serviço do Senhor.

— *Madame G.!* *Madame G.!* — E ella a pensar que era a *Préfète!* No seu enthusiasmo chamou, gritou pela Irmã Emile: — Minha Irmã! Minha Irmã! Uma grande alegria que Deus nos manda!

Do outro lado surgiu a Irmã Emile. Abraçou-me. Um largo riso banhou a sua face enrugada.

Contaram-me que tem estado sempre em Noulivos. A Irmã Marguerite conseguiu que a deixassem com os seus queridos doentes. — Compreenderam emfim que ella não servia para outra coisa! — Impetuosamente accrescentava: — Nem mesmo no outro mundo poderei passar sem elles!

A Irmã Emile occupa-se do jardim, da horta. Mas faltava a Irmã Pauline, a Irmã Fragilidade... — Onde está ella?

Oh! essa que eu conhecera noviça, em pleno noivado divino, fôra celebrar no céu os seus radiosos esponsaes. E a Irmã Emile disse, como havia sido suave, quasi sem soffrimento, a doença e tão edificante, tão linda a morte, n'uma doce manhã de maio, o mez de Nossa Senhora, quando todo o hospicio rescende a jarmins...

Noulivos continua a receber tuberculosos, de ambos os sexos, agora. Excitada, na sua volubillidade de passaro, Irmã Marguerite punha-me ao facto de tudo, fallava em tudo ao mesmo tempo. Queria que eu visse todos os doentes. Elles já me conhe-

ciam de nome. Tantas vezes lhes contara como essa querida senhora fôra boa para os seus soldados! E mal entrámos n'um dormitório, expoz-me triumphalmente á admiração d'um grupo de homens, com entusiasticos: — Vejam como ella é bonita! — A santa Irmã não tem sobre a belleza uma noção das mais exactas, ou antes pensa, como Anatole, que: — *Aimer c'est embellir, embellir c'est aimer...*

Entretanto os olhos do meu coração procuravam ainda, piedosos e enternecidos, os soldados que eu vi soffrer, de quem recebi a mais nobre lição de paciencia e de coragem. Cada dormitório, cada cama, evocava-me uma lembrança, uma saudade...

Ali sorriera o pobre Artigues, com o suor da agonia a molhar-lhe já a face livida, porque eu me lembrara de trazer-lhe, em vez de fructas e bollos como aos outros doentes, duas bonecas para as filhas pequeninas. . . — N'esse tempo o meu coração era inventivo na arte doce de consolar.—

Ali um annamita, rolando no travesseiro a abrazada cabeça, supplicara, entre palavras inintelligiveis, que lhe contassem uma historia, uma bonita historia... E, curvada para o pequenino infiel, Marguerite, a Irmã Perola, contara-lhe a historia, mais do que todas maravilhosa, d'aquelle divino Senhor, que nos abre as portas do céu...

Ali uma velha camponeza da Vendée dissera o ultimo adeus ao filho moribundo. Parecia-me ouvir ainda a sua pobre voz, quebrada de soluços, murmurando: — Elle era tão forte, elle era tão bonito!



Ali se fizera a arvore de Natal, triste brinquedo para distrahir aquellas creanças grandes...

Irmã Marguerite lembrou então as gentis alcunhas que eu gostava de dar-lhes: o *Mauvais sujet*, o Rei do Japão, o *Bébé*, o *Parigot*... E, exceptuando esse Rei do Japão, que passeia ainda por Pau o seu brilhante uniforme de aviador, a morte todos levou. Para a Irmã é muito simples: foram para o céu. Mas eu penso, como elles, novos, alegres, em plena esperança, em plena illusão, teriam amado a vida da terra!

Passámos ao dormitorio das mulheres onde presentemente ha só quatro doentes. Duas raparigas, muito pallidas, muito magras, coziam junto á janella. Com um sorriso resignado disseram-me que iam «assim, assim, devagarinho...»

Outra de vinte annos, coberta de ulceras, metida n'um collete de gesso, que a condemna á completa immobildade, declarou-me cheia de bom humor: — Sinto-me muito melhor, em pouco tempo fico sã como um pero...

E as Irmãs contaram-me que os tractamentos mais dolorosos não lhe arrancam um gemido! Repetia-se a lição de paciencia, a lição de coragem... É quasi sempre entre os humildes que devemos procural-a.

— Esta, Nosso Senhor virá em breve busca-la. A Irmã Marguerite não se ensaia para fazer taes diagnosticos, que considera perfeitamente naturaes. Estavamos defronte d'uma cama onde uma creanci-



nha, de olhos enormes e tristes, nos disse gentilmente : -- Bom dia.

Dez annos. Uma tuberculose nos intestinos. Já conheceu todas as dôres, todas as miserias. E é resignada, doce ao soffrimento, como só os pobres o sabem ser. Não tem mãe. O pae matou-lh'a com pancadas... — A mãesinha morreu porque o pae lhe batia de mais... — suspirou o seu fiosinho de voz.

E logo eu me senti invadida por uma infinita ternura, uma infinita piedade, desejei proteger, defender, chegar para o meu coração, aquelle ser pequenino e já martyrisado... Mas ella não precisa de mim.—Esta, Nosso Senhor virá em breve buscal-a...

Ah ! pudesse eu ao menos encher de mimos os seus ultimos dias da terra !

Perguntei-lhe o que gostava que eu lhe trouxesse. A facesinha pallida recolheu-se, depois, muito grave, como se reclamasse a lua, pediu-me duas laranjas... Prometti-lh'as. Mas ainda poderia dar-lhe muitas outras coisas... Que mais queria ella ?

Outra vez, como quem se permittisse desejar o impossivel, o irrealisavel, a pequenita balbuciou timidamente : — Minha senhora, eu gostava tanto de ter uma caixinha de tintas e um pincelsinho!

— Pois terás a caixinha de tintas, o pincelsinho e tudo o mais que quizeres...

Na facesinha pallida os grandes olhos magoados riram e eu fugi para que ella não me visse chorar...



Pau 1 de abril

Demora-se o bom tempo, essa doçura de primavera, em que não ousávamos acreditar, apoz o tão chuvoso inverno. Almoçamos agora todos os dias com as janellas abertas sobre o jardim. As inglezas já arvoraram musselinas claras. *Madame P.* — que me declarou hontem ter sido, antes de esposa do rico banqueiro de Lyon, Condessa de... não sei o quê, e antes de Condessa de... não sei o quê, Baroneza d'outra qualquer coisa... — só omittiu o seu titulo de rainha nos aureos tempos do Barba Azul — alargou ainda mais os decotes, supprímiu o que lhe restava de mangas e, mirando satisfeita os seus braços de tambor mór, explica modestamente: — Dizem que eu devia emprestal-os aquella pobre Venus de Nilo. — Assim floriem as illusões... Rose May traz uma grinalda de rosinhas de tocar na sua grande *capeline* de palha. Os vestidos de Mrs. W. esfolham-se em mais frescas, transparentes pétalas...

Entretanto a morte — hospeda importuna — visitou o Gassion, installou-se aqui mesmo, no quarto ao lado do meu. Uma rapariga franceza, que che-

gara ha dias, cahiu de cama com febre. E logo se declarou uma meningite que lhe levou, primeiro a razão, depois a vida. Tinha apenas vinte e trez annos. Bonita, rosada, fresca, parecia vender saude. Era casada, mãe do mais lindo, appetitoso *bébé*, rica, feliz porventura. . . Mas veio a morte. . . No vasto hotel poucos deram por ella. As salas conservaram o seu lindo ar de paz confortavel. Pelas janellas entrou o aroma da festiva primavera. Jogou-se o *bridge*. Tocou-se piano. A dois passos do quarto, onde jazia o cadaver, inglezas vestiram-se para o grande baile do Casino. Assim é o mundo! Mas, porque estava mais perto e graças á sempre activa curiosidade da minha Antonia, conhecia todos os detalhes tristes, fiquei impressionada com esta tragedia de hotel. Depois houve uma coincidencia extranha, caso de telepathia ou não sei como lhe chame, que devia mandar a Flammarion, para completar a sua collecção. . . E se todos fossem tão verdadeiros! . . . Desde a data, em que cheguei a Gassion, não vim uma unica noite para o meu quarto, sem ter o presentimento de que alguém ia morrer ali perto. . . Era singular, assustador! Voltava alegre da sala, divertida ainda com a lembrança do pittoresco *bridge* anglo-francez. E, mal penetrava no longo corredor, sentia a morte rondar, espreitar, escolher a sua preza. . . Isto lembra-me outro caso, ainda mais extraordinario, e doloroso, porque se deu com alguém que, de perto, tocava o meu coração. . . À hora em que

morria, repentina e desastrosamente, uma das minhas maiores amigas, eu ouvia-lhe a voz, annunciando-me o seu tragico fim...

Mas você não acredita decerto n'estas coisas. Depois, ellas não dizem com a luminosa manhã em que lhe escrevo. São historias para uma noite de inverno, n'um castello de Anna Radcliffe.

E já lá vão oito dias que a sinistra hospeda visitou o tranquillo Gassion, habitou um d'esses bonitos quartos, defronte dos Pyreneus e defronte de S. Martin... Oito dias que para alguém soou, no grande relogio da egreja, aquella ultima hora que mata, depois de tantas que ferem... *Vulnerant omnes ultima neceat...*

Já o quarto, janellas abertas ao bom sol, muito claros e espanados os seus cretones côr de rosa, acolhe de novo a vida que passa, despreoccupada e frivoia, onde a morte passou e vae sonhar onde a morte dormiu...

Para mim escorregam os dias devagarinho, *soft and sweet*, com uma unica pena: a de deixar Pau. Porque já a razão me diz: — É forçoso partir. — E embora o coração teime em responder: — É mais doce ficar... — terei d'ouvil-a, essa odiosa razão e de obedecer-lhe. Sim, em poucos dias deixarei Pau, receiosa de não tornar a vel-o, discreto, quietinho, com a sua graça provinciana, tal e qual elle me conquistou, tal e qual elle me encanta. Em nome da civilisação e do progresso, o genio destruidor dos homens faz já o sinistro plano de trans-

formar a querida, mansa cidadezinha n'um d'esses banaes, ruidosos logares de luxo e prazer. Vão demolir a antiga capella das Ursulinas. Todo um bairro, dos mais pittorescos e evocadores, será arrasado. *Le temps seul a le secret des profondes harmonies*, escreveu Anatole France. Quanto tempo foi preciso para que as pedras tomassem esse delicioso tom cinzento, que tão bem se harmonisa com o cinzento dos nevociros! Quantos annos passaram, antes que se vestissem, de heras e de musgos, os altos muros e os ramos das arvores se inclinassem, a proteger de sombras amigas, as ruas estreitinhas! E bastará um anno, uns mezes talvez, para que surjam, no logar das velhas, adoraveis casas, os odiosos, monumentaes Palaces, feiras de vaidade, de banalidade!

Esse Pau, que vae desaparecer, como eu o amo, meu Deus! Como me doe o receio de não tornar a vel-o quando voltar! Mas oh! doida, insensata preocupação! Do que ha de mais incerto, julgar-me tão certa, tão segura... Quando voltar! A cada instante, em roda de mim, tudo me prova a fragillidade da vida humana—tenue, quebradiço fio. Sei como se morre e que, n'um segundo, o que hontem foi, passa a ser como se jámais tivesse sido. Sei que já desço aquelle declive, tão rapido e escorregadio, em que a terra, a doce terra, foge sob os nossos pés... E faço projectos! E não aprendi ainda—julgo que nunca aprenderei—a desprender-me do que já se desprende de mim! Penso,

fallo, como se a existencia — esse minuto — durasse uma eternidade! Se, como para a natureza, apoz a estação em que tudo se fana, as andorinhas fogem, as folhas cahem, para a pobre humanidade voltasse tambem a estação em que, de novo, as azas batein, tudo renasce, tudo reflori. . .

Mas basta de armar em philosopha triste. Meu querido amigo, não existe mal que não contenha o seu lado compensador. Ha nas despedidas uma profunda doçura. Quer-se mais e melhor ao que se vae deixar. Assim eu quiz á maravilhosa cathedral de Morláas onde, ao cahir d'uma d'estas lindas tardes bearneas, deliciosamente descancei, na augusta serenidade que a alma das velhas cathedraes communica sempre á minha alma. . . Se alguma vez aqui vier, como não cesso de aconselhar-lhe, visite Morláas — antiga capital, hoje uma villoria apenas. Ao cabo de feias ruas, ladeadas de casas vulgares, verá surgir, como por encanto, a cathedral magnifica. . .

Pequenina, silenciosa, feudal, toda envolta em mysterio, com um exquisito aroma de coisa antiga, coisa ha muito tempo guardada, Lescars é a adoravel moldura d'essa outra maravilha do seculo XII, a famosa egreja onde, para sempre quieta emfim, dorme a inquieta Rainha Margarida. . .

Fui tambem dizer adeus á Rainha Margarida. Depois, no largo ensombrado por carvalhos immensos, defronte do enternecedor cemiteriosinho, que amoravelmente enleiam os braços da hera e da vi-



nha virgem, renovei òs meus protestos de eterno amor áquella antiquissima casa—hoje presbyterio—que, de ha tanto, me traz enamorada... Linda joia de pedra, flôr d'esse pittoresco tempo de torneios e cruzadas... Ah! quem pudesse ser a tua alma do outro mundo, alma de castellã, errando entre os negros torreões, á procura do seu trovador!

Ando a fazer as minhas despedidas... Todas as tardes, pelas trez horas, uma carruagem leva-me, na querida companhia de Grace e Henriette, aavez d'esses formosos campos, caminho das suaves aldeias. Tomamos chá... Mas, tomar chá não é o termo adequado, tomar chá mette muita elegancia, muito modernismo. Direi antes, merendamos, á doce maneira das nossas avòs, e mesmo, uma vez por outra, temos almoçado nas pittorescas *auberges* que bordam os velhos caminhos; quem as não conhece, quem nunca as frequentou, ignora um dos maiores encantos d'esta terra adoravel. Sim, meu amigo, é preciso ter saboreado a appetitosa *garbure*, rainha, imperatriz das sopas, e os *confits* famosos, *confit d'oie*, *confit de canard*, servidos pelo velho estalajadeiro de suissas ou pela moça bearneza—saia rodada, mangas arregaçadas, a exhalar saude e força em cada gesto—para comprehender toda a exquisita graça de Béarn.

È como n'um velho quadro, a cem leguas da odiosa civilisação. Um galho verde entra pela ja-

nella. Em volta das compoteiras de *mirabelle* — outra especialidade do paiz — zumbem as abelhas. Na lareira crepita a lenha perfumada. E em vão Henriette me affirma que, como dos povos felizes, das felizes *auberges* de Pau nada ha a contar. Eu penso que cada uma d'ellas tem certamente a sua historia, historia de amor, historia de crime, lenda do bom tempo de outr'ora... E a minha incorrigivel imaginação parte a phantasiar...

Uma das mais pittorescas — embora com sabor da actualidade, essa — é, sem duvida, perto da maravilhosa esplanada de Lescars, a estalagem d'um celebre communista que — oh! divertidas trapalhadas do mundo! — tem, por genro, nem mais nem menos que um sobrinho do Duque de Monte Bello!

Não raras vezes o estalajadeiro revolucionario, membro da *Troisième Internationale* como o grande Anatole, abanca á meza dos clientes, para edificação dos quaes emprehende um longo discurso, em que a palavra *povo* é sempre proferida de pé e sublinhada com nma respeitosa inclinação de cabeça. O duque sobrinho que, por signal, devora como quatro e bebe como oito, approva gravemente... E, para complemento de tão pittoresco disparate, ha ainda a estalajadeira, uma velha alsaciana que, no mais extraordinario *charabia*, pretende pôr um dique á eloquencia do marido.

Ando a fazer as minhas despedidas... Hoje vou a Lourdes. Não podia escolher mais luminoso

dia para dizer adeus a Nossa Senhora. Já uma onda de ternura invade a minha alma e aquella serena paz, que, em nenhum outro logar da terra, experimentei ainda, desce mansamente sobre a minha tristeza, sobre a minha inquietação. . .

Recommendei-lhe ha pouco uma visita a Morláas, a Lescars... Mas era a Lourdes que eu queria leval-o. Escusa de dar-me as suas razões de espirito forte—não digo livre-pensador porque abomino a palavra.—Para entrar na gruta ninguém lhe pede um certificado de fé dogmatica. Lembro-me que, durante a guerra, um meu afilhado protestante, quando vinha passar as licenças em Pau, nunca dispensava a visita a Lourdes. E, perguntando-lhe eu o motivo de tão extranha devoção, explicou-me com a maior naturalidade:—*J'y vais parce qu'il y a une gentile dame qui aime bien rendre service...*— Ah! tem, contada por um pobre soldadinho hereje, a linda historia de Nossa Senhora de Lourdes:—*Une gentile dame qui aime bien rendre service...* Ajudar, consolar, apaziguar, curar... Para isso Ella desceu á terra, pousou sobre a rocha os seus maravilhosos pés. E não fez selecções. Não disse:— Eu venho por este, eu venho por aquelle...—Veio por todos e para todos. Aos que a visitam pede apenas um simples e sincero coração. O que poderia eu levar-lhe se Ella pedisse mais? Zomba? Sorri? Pois pela primeira vez, parece-me, não me amedronta a sua ironia temível. Oh! viesse hoje comigo, ajoelhasse na gruta... Continuaría a sor-

rir talvez, porém com aquelle sorriso molhado de  
lagrimas em que, embora o espirito resista ainda,  
já vencida se confessa a alma...



Lourdes, 10 de abril

É noite já. Uma clara, formosíssima noite de luar. A gruta cheira a rosas, a cera, a incenso, e áquelle delicioso perfume de herva fresca que sóbe dos humidos prados. No silencio bendito: ineffavel, harmonioso como deve ser o silencio do céu, corre a agua milagrosa, que cerra as feridas do corpo e cura as feridas da alma. Hastes pallidas, a desabrocharem em flôres luminosas, ardem os cyrios. Vultos ajoelhados rezam. Uma freira — habito negro onde destaca n'uma alvura iminaculada a *guimpe* — tem os braços abertos em cruz.

Ajoelho tambem. E só então ousou erguer os olhos para a rocha, para a Virgem... É banal, qualquer, a imagem de que disse, n'um triste desapontamento, Bernardette: — Não! Ella não era assim!... — Mas eu vejo-a espiritualisada pelo luar, branca, mysteriosa apparição, doce fada divina, vejo-a como a sonhei, como ella foi decerto no momento em que, ao pouçar sobre a rocha os seus pés pequeninos, floriu a roseira do milagre, e n'um deslumbramento, n'um pasmo de luz, floriu tambem a alma da pastorinha humilde...

É a Virgem. É Nossa Senhora. Tanto, tanto que eu tinha para pedir-lhe! Mas calo-me... Faz-se na minha alma um immenso silencio. Sou como uma parcella do silencio bendito: ineffavel, harmonioso silencio do céu! Chóro... Ah! porque chóro eu? Nenhuma pena, nenhuma saudade affluem á minha lembrança. Nem uma só gotta de amargura conteem as minhas lagrimas. Mas chóro, chóro... Toda a minha face fica banhada em pranto, que me esqueço de enxugar! E não é mais suave o orvalho que, em cada manhã de abril, renova a alma dos campos...

Chóro. Docemente, subtilmente, horas, não sei quantas, passam... Já sobe muito alta, no limpido firmamento, a lua. E eu ainda nada pedi á Virgem. E parece-me que de nada preciso. Mal ajoelhei, mal ergui os olhos para Ella, mal correram as minhas lagrimas, tive tudo... Sou eu agora que devo offerecer...

—Virgem Santissima, Mãe de Deus, Nossa Senhora. Por este silencio, por esta paz, por estas lagrimas que tu me déste, ó que heide eu dar-te? Que sacrificios poderei fazer, em que devoção heide abraçar-me? Que thesouros heide depôr aos teus pés? Queria trazer-te todas as rosas dos jardins do mundo, consumir em tua gloria cyrios mais altos de que os cedros do Libano, tecer-te um manto de prata, um manto de oiro...

Mas, no silencio bendito: ineffavel, harmonioso silencio do céu, ouve a minha alma:—Ah! que



vãs, que inuteis coisas tu me offereces ! Todas as rosas, dos jardins do mundo, não valem uma só pétala das flôres miudinhas, que abrem na sombra do meu vestido. Para que quero eu cyrios mais altos de que os cedros do Libano ? Cada cyrio pequenino, que me traz uma prece sincera, sobe tão alto que toca no meu coração. Guarda, para as rainhas da terra, os teus mantos de oiro, os teus mantos de prata. Eu possuo todo o oiro rutilante do sol, todas as gemmas das estrellas... E toda a pallidez argentea do luar...

—Virgem Santissima, Mãe de Deus, Nossa Senhora, queria vestir dos mais preciosos brocados os teus altares. Pelas vozes mais puras, mais harmoniosas, fazer cantar os teus louvores...

— Eu tenho em cada lyrio, que vestiu o Senhor, o meu altar. E a voz do rouxinol, que nenhuma voz eguala, desde sempre canta os meus louvores...

—Virgem Santissima, Mãe de Deus, Nossa Senhora, queria ir, pelo mundo fóra, ensinar o teu nome aos que o não conhecem, converter os infieis, trazer aqui, submissos, rendidos, os que zombam do teu doce poder ; por amor de ti renunciar a todos os prazeres, a todas as vaidades, em memoria do teu filho pobresinho, proteger os filhos dos pobres...

— Tudo isso já mil vezes por mim se fez...

— Castigar o meu corpo, para tornar mais pura a minha alma. Usar um cilicio. Consumir-me em penitencias, em jejuns. Viver no deserto ou, entre os gentios, procurar o martyrio...

E, mãos juntas, olhos erguidos, supplico uma palavra, um sorriso de aprovação... Mas fez-se agora maior o silencio, e desolador como certos silencios da terra, em que vozes amadas se calaram. A Virgem parece-me vaga, distante, entre as roseiras selvagens, a diluir-se no luar...

—Virgem Santissima, Mãe de Deus, Nossa Senhora. O que heide eu offerecer-te? O que heide eu prometter-te? Não ha sacrificio de que não me sinta capaz, lucta que me faça medo, obstaculo, inimigo, que eu não possa vencer...

No silencio outra vez bemdito: ineffavel, harmonioso silencio do céu, a voz voltou a fallar, e disse-me a voz da Virgem:

— Começa por vencer o teu proprio coração...

.....  
Pediste-me, querida Maria, que te escrevesse de Lourdes. Mas o que poderia eu escrever-te que tu não soubesses já? Que outros, muito melhor de que eu, te não houvessem contado?

As minhas horas de Lourdes foram quietas, recolhidas, quasi solitarias. N'este tempo não ha peregrinações. Os milagres passam-se no segredo das almas. Assim se passou o milagre das lagrimas — divinas, incomparaveis lagrimas! — perolas que Nossa Senhora me fez chorar. Assim eu ousei fallar-lhe e Ella me respondeu, n'esta noite da gruta, em que, ao perfume das rosas, deliciosamente se misturava o fresco aroma dos humidos prados banhados pelo luar...

Bayonne, 27 de abril

Tenho vergonha de confessar-te quantas vezes, desde a ultima em que te escrevi, annunciando a minha chegada a Lisboa, eu marquei e addiei a partida de Pau! Parecia que mil braços me enlevavam... N'aquella lucta, conhecida de todos nós, parece-me, entre o que desejamos e o que devemos fazer, a que futeis razões soube dar valor o meu desejo, para illudir o meu dever! Um dia era porque o tempo tinha arrefecido... Ia cahir neve com certeza... E que desagradavel viajar com neve! No outro dia sentia ameaças de enxaqueca... E que maçada viajar com enxaqueca! — Como se alguma vez eu viajasse sem ella... — Quando é preciso tractar de tantas coisas... — Como se eu fosse capaz de tractar de alguma coisa!... — Depois vinham os annos de Henriette. Henriette reclamava a minha presença. Negra ingratição seria recusar-lh'a. Depois, *Mesdames* Elina e Marguerite — as melhores costureiras de Pau e as mais amaveis — voltavam de Paris, com o seu sortimento de primavera. Eu tinha toda a vantagem, já não digo em comprar, mas pelo menos em ver as novas *toilet-*

tes, para quando chegasse a Lisboa, ao ser interrogada pelas minhas amigas, sobre assumpto de tão palpitante interesse e tão formidavel importancia, não fazer figura de urso.

Depois era o torneio de *bridge*, o elegantissimo torneio do hotel de France. Mrs. H. mostrava empenho em ter na sua meza a emerita jogadora... — Não te admires do emerita: na terra dos cegos quem tem olho é rei... Para as inglezas eu sou uma perfeita sumidade!

E assim passavam os dias... Antonia arrumava, desarrumava, tornava a arrumar, tornava a desarrumar, succediam-se as cartas em que: «vendo-me obrigada, por razões de força maior, a prolongar a minha estada em França», eu reclamava, do meu banqueiro, mais trez mil francos, mais quatro mil... até que a prudencia ou a... necessidade, me arrancaram enfim a resolução de partir hontem. Oh! desagradavel momento! Deixar Pau, por uma divina manhã, quando o sol fazia dos Pyreneus um branco jardim, florido de rosas... Ainda estive vae não vae a desistir... Antonia, que me conhece como os seus dedos — *Il n'y a pas de grand homme pour son valet de chambre* — repetia gravemente: — Minha senhora, lembre-se que já pagou os bilhetes, que já deu as gorgetas, que já se fecharam as malas, que o cambio subiu... que... se não fôr hoje hade ser outro dia.—

E lá seguimos para a estação. Henriette tinha os lindos olhos cheios de lagrimas. — *We are se sorry,*

diziam, enchendo-me a carruagem de flôres, as minhas amigas inglezas — *we are going to miss so much, Madame la Petite!*

Pobre *Madame la Petite!* Será decerto como a pedrinha que cae na agua, abrindo um pequenino sulco apenas, para logo a superficie se unir... Quem se lembrará d'ella amanhã? Mas ella hade lembrar-se de todos... *Madame la Petite*, que a vida tanto tem ensinado, ainda não aprendeu a confortavel sciencia de esquecer!

Quando chegámos, o céu, tão doce na hora da partida, enchera-se de nuvens pardacentas. Chovia. Bayonne, a linda Bayonne, tinha o ar triste d'uma viuva, que chora entre os seus veos de lucto. Porém os meus olhos, teimosamente voltados para Pau, não se demoraram a contemplal-a. Sentei-me, ou antes deixei-me cahir, sobre a malla do calçado, com o ramo de cravos vermelhos — o ramo offerecido por Mr. French — entre as mãos. E quem não me viu, não sabe o que é a estatua da desolação! Entretanto a minha Antonia, preciosa entre todas as mulheres, depois de contar a bagagem, verificar se os malvados — Antonia tem o adjectivo facil, energico e prompto — haveriam pregado alguma mossa na chapeleira nova, de discutir preços com os carregadores: — *Oh! Monsieur trop beaucoup!* — informar-se das horas do comboio, e se era verdade que aos... *Monsieurs* de Irun dava agora para embirrar, etc., procedia á minha installação, no pequeno quarto do lugubre hotel da Gare que, a

conselho — mau conselho! — d'uma amiga, em vez do sympathico Grand Hotel, eu escolhera para alor-me. Oh! a infinita melancholia d'esse fim de tarde negro, em que o silencio pezava, cortado apenas pelos assobios dos comboios!

Tudo parecia evocar a despedida, despedida sem esperanza de volta. . . No principio de enxaqueca, que me martelava as fontes, a minha imaginação repetia, teimosa como o côrvo do verso de Poë: — Nunca mais! Nunca mais! — E sobre a malha do calçado, com o ramo de cravos vermelhos — o ramo offerecido por Mr. French — esquecido no collo, eu verguei ao pezo da fatalidade, até que a minha Antonia, a minha Providencia, veio tirar-me o chapéo, alisar-me o cabelo, aconselhar-me que lavasse as mãos e descesse para jantar. — Isso tudo que a senhora sente é fraqueza. . .

Mas o tempo, inconstante como as almas, mudou outra vez. Quando hoje accordei, ás oito da manhã, Bayonne, a linda Bayonne, era uma hespanhola que ria, no doido bailado de mil raios de sol. . . Confortada por toda uma noite de somno profundo, em cama franceza ainda — oh! não ha como ellas! — eu senti dissipar-se o meu amuo da vespera e, apoz um momento de embevecida contemplação, exclamei, cheia de enthusiasmo, sob os calmos, indifferentes olhos de Antonia, que me servia o café: — Bayonne, joia mais preciosa de precioso paiz basque, eu te saúdo, e ao teu francez encanto e á tua hespanhola graça! Bayonne, tão seductora, quer

envolta em véos de lucto, viuva que pranteia, ou toda cravejada de oiro, maga voluptuosa a dansar nos braços do sol, eu te offereço, juntamente com um cravo vermelho de Mr. French, o meu coração... — Chateaubriand, que fez sempre as coisas á grande, costumava reunir, ao presente do seu coração, o da vida inteira e o do mundo inteiro. Mais modesta, eu contentei-me com uma flôr, em que aliaz poder resumir-se toda a belleza da terra...

— Minha senhora, a manhã está tão agradável, uma manhã que, nem de encomenda, para irmos a Biarritz, visitar a Sr.<sup>a</sup> D. Maria... — aconselhou Antonia.

Eu detesto Biarritz, como todos os logares, ditos de prazer, onde o divertimento é obrigatorio, mas a Sr.<sup>a</sup> D. Maria tem um riso luminoso, que me enche a alma de sol e de perolas. Depois, a estrada de Bayonne a Biarritz é um encanto... Appeteceu-me passar por Bellay, voltar os meus olhos, sempre avidos de colher uma lembrança, para o parque de certo castello rescendente ao aroma do bom velho tempo, onde, n'uma tarde de já muita longiqua primavera, eu tomei chá, e entre a relva, á beira dos regatos, procurei os romanticos myosotis...

— Sim. Vamos a Biarritz. Vamos ver o riso da Sr.<sup>a</sup> D. Maria e os myosotis de Bellay. Eu preciso rejuvenescer.

Porém Bellay foi apenas uma visão confusa e vaga... Mais espessa a folhagem das arvores quasi me escondeu o castello. Entre a relva apenas



avistei — estreita fita a serpentear — um regato. E o lindo riso da minha amiga não me encheu a alma de sol e de perolas...

— A Sr.<sup>a</sup> D. Maria sahiu — disse-nos o criado portuguez. — Porquê esta parva emoção, ao ouvir um criado fallar portuguez? Quando estou em vesperas de entrar em Portugal e sinto tanta, tanta pena de deixar a França! Quando... «O coração tem razões que a razão desconhece». Ouvir a minha lingua, em terra estrangeira, hade sempre revolver, não sei quê, cá por dentro...

Biarritz, a Biarritz de inverno, triste, solitaria, nostalgica de barulho e de festas, bocejava de frente do mar... Grande mar, mar infinito, mar sempre lindo, sereno e manso no teu vestido azul palhetado de oiro, ou selvagem, bravio, rasgando entre espuma as ondas, mar de Biarritz, condemnado a beijar eternamente os pés de tão futil mundana, como eu te lamento, como eu tenho pena de ti! Mais feliz — oh! quanto! — é esse Adour côr de prata, que reflecte as rendas da cathedral, a melancholica poesia dos caes, das pontes, e toda a graça e todo o mysterio e toda a alma da cidade-sinha antiga, onde o luxo banal não mora, onde não passa o frivolo prazer!

D'ahi a duas horas — apenas o tempo preciso para ir ver os estragos do ultimo temporal, no famoso *Rocher de la Vierge*, e proporcionar á minha Antonia o emocionante espectáculo das *vitines*, objecto da sua maior paixão — estavamos de

novo em Bayonne. Já a brilhante claridade da manhã amortecia em cambiantes suavissimos... Mais transparentes, mais vagas—rendas de sonho quasi—esbatiam-se n'um céu de opala, as rendas da cathedral. Exhalavam os pregões a sua musical nostalgia. Bayonne, a linda Bayonne, antes de fundir-se na noite profunda, antes de adormecer, scismava...

Percorri as pittorescas ruasinhas, sob as velhas arcadas, a caminho da cathedral. E que formosa a fui encontrar na luz d'esse fino crepusculo! Ninguém me arrancava da capella de S. João Baptista, cujos vitraes do seculo XIII são os mais bellos que conheço. *Thing of beauty, joy for ever!*—repeti mais uma vez. Eterna alegria que dá a belleza das coisas, as queridas coisas que não mudam, que não morrem, que ficam, emquanto tudo... e nós passamos!

Depois, para sahir do delicioso jardim do claustro, onde já abotoam as roseiras, foi preciso que, uma, duas, trez vezes—a primeira, em voz suavissima, a segunda n'um já sensivel declinar de suavidade, a terceira com a maior impaciencia, o sachristão declarasse:—*Madame on va fermer...*

Agora é noite já. Noite sobre Bayonne e sobre o meu coração. Mais uma hora apenas e soará aquella, entre todas triste, a hora da partida. Antonia occupa-se dos ultimos preparativos e, apesar dos meus protestos:—É muito cedo ainda. Essas coisas fazem-me falta.—já, methodica, implaca-

vel, recolheu todos os objectos, livros, retratos, *bibelots*, que andam sempre comigo, dão á minha solitaria vida um doce engano de companhia, aos banaes quartos de passagem, uma doce illusão de casa...

Fecham-se as mallas, tão atravancada uma, que sou convidada a sentar-me em cima, para ver se a tampa cede ! Antonia mastiga um «Irra», de vastissima significação, que logo seguem as habituaes recommendações da ultima hora, porque, se ella não pensar em tudo... — A minha senhora hade ter a bondade de incumbir-se da mallinha das joias, enquanto eu olho pela caixa das pelles... A minha senhora não faça como á vinda para cá, não me chame todos os gallegos de Irun. Lembre-se que um é de sobra para roubar a gente... — Porém eu mal a oiço, não respondo... Sentindo que perde o seu latim, Antonia cala-se.

De novo, no lugubre quarto, o silencio peza, cortado apenas pelos assobios dos comboios. Tenho frio no corpo, tenho frio na alma. Voltou a apoderar-se de mim o desalento de hontem... — Nunca mais ! Nunca mais ! — torna a cantar o côrvo de Poë. E succedem-se, na negra noite, os negros presentimentos...

Vejo a França pela ultima vez. Acabou para sempre o grande encantamento. Tudo o que conheci, a que tanto quiz, está perdido irremediavelmente. Á pena do que deixo, junta-se a incerteza, o terror do que vou encontrar. Tenho medo de partir. Te-

nho medo de chegar. É toda a angustia da despedida, já mil vezes renovada, e a que jámais me habituarei!

Porém tu não me acreditas, eu sei que não me acreditas. Ó admiravel equilibrio da tua alma não admite contradicções. Se tanto me custa partir, achas que o remedio é simples: ficar. Ficar contigo... Ah! quem pudesse! Mas eu não posso. Por muito extranho que isso te pareça, é verdade, dolorosamente verdade! Não posso. Nasceram comigo, ou deram-me as circumstancias da minha vida, juntamente com o mais agarradiço coração, instinctos de nomada, impossiveis de vencer. Espalhei saudades pelo mundo, que me impellem irresistivelmente...

Quantas vezes, avistandô, apoz uma longa ausencia, as oliveiras cinzentas do meu Alemtejo, ou os luminosos jardins d'essa terra que, por ser tua, eu queria escolher tambem, penso: Aqui é que vou ficar para sempre, fazer o meu ninho, descansar, emfim! E, pouco depois, invade-me a nostalgia d'outro paiz, outras saudades chamam-me, levam-me...

Não é de viajar que gosto. O desconhecido não me attrahe. Mas os logares em que uma vez puz os olhos do meu coração, as queridas paisagens da minha infancia e da minha mocidade, aquellas onde mais vivi... porque mais soffri, preciso voltar a vel-as, se estou muito tempo longe d'ellas é como se me faltasse aiguem, se ellas me dizem:—Vem—ne-

nhuma voz, nenhuns braços humanos, são capazes de prender-me.

Por isso, bem vês, é inútil o teu conselho, vão o teu remedio. Eu morro de pena quando parto, mas heide sempre partir...

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E  
IMPRESSO NA « OTTOGRÁFICA »,  
LARGO DO CONDE BARÃO, N.º 50,  
== == == == LISBOA == == ==







# PORTUGALIA-EDITORA

CORRÊA, Limitada

75, Rua do Carmo, 75 — LISBOA

<b>VICE-ALMIRANTE BERNARDO DA COSTA MESQUITELLA</b>	<b>LUZIA</b>
<i>Marinheiros de Portugal.</i>	<i>Cartas do campo e da cidade, 1 vol. ....</i>
Carta prefacio do Contra Almirante Gago Coutinho e Comandante Sacadura Cabral, 1 vol. ....	10\$00
Edição ilustrada	<i>Ritmo e Chorão, 1 vol. br. 10\$00, enc. ....</i>
<b>ANDRÉ BRUN E CARLOS SELVAGEM</b>	15\$00
<i>Auspicioso enlace. Comedia em 3 actos, 1 vol. ....</i>	<b>MADAME LACOMBE</b>
5\$00	<i>O Segredo da Morte, 1 vol.</i>
<b>ANTONIO BOTO</b>	12\$50
<i>Motivos de Beleza, 1 vol.</i>	<b>MANOEL (DR.) DE SOUSA PINTO</b>
Tiragem especial de 30 ex. ....	<i>Danças e bullados, 1 vol.</i>
30\$00	10\$00
<b>CLARINHA</b>	Edição ilustrada
<i>Cinco horas, 1 vol. br.</i>	Tiragem especial de 50 ex. ....
10\$00	30\$00
Enc. ....	<i>Paru onãe vnãs Maria? 1 vol. ....</i>
15\$00	12\$50
<b>CONDE DE SABUGOSA</b>	<b>MATOS SEQUEIRA</b>
<i>Bobos na corte, obra posthuma, com um prefacio do Conselheiro Ayres de Ornellas, 1 vol. ....</i>	<i>Tempo passado, (Chronicas alfacinhas) 1 vol.</i>
15\$00	20\$00
<i>Outra Rainha (D. Amelia) um opusculo, com o retrato. ....</i>	Edição ilustrada
2\$50	Tiragem especial de 100 ex. ....
<i>Poemetos, 1 vol. ....</i>	50\$00
20\$00	<b>MATOS SEQUEIRA E RÓCIA JUNIOR</b>
Edição ilustrada	<i>Oiverça de 286 pag., 29 ilustrações, 10 zincogafias e uma tricromia de Alberto Sousa ....</i>
<b>FIDELINO (DR.) DE FIGUEIREDO</b>	30\$00
<i>Estudos de Literatura, artigos vários, 4.<sup>a</sup> serie (1921-1922) 1 vol. ....</i>	Tiragem especial de 65 ex. ....
5\$00	100\$00
<i>Historia da Literatura Classica. Vol. III. 2.<sup>a</sup> epoca, 1570-1750 (Continuação) 3.<sup>a</sup> epoca, 1756-1825. 1 vol. ....</i>	<b>VERGILIO CORREIA</b>
5\$00	<i>Três Titulos, 1 vol. ....</i>
	30\$00
	Tiragem especial de 25 ex. ....
	50\$00
	<b>VIRGINIA (D.) VICTORINO</b>
	<i>Apalxonadamente, 1 vol.</i>
	12\$50
	Tiragem especial de 50 ex. com retrato da auctore. ....
	50\$00
	<i>Namoraus. 9.<sup>a</sup> edição, 1 vol. ....</i>
	10\$00